

DANIELA LACERDA DE ALMEIDA

**A voz (popular) que informa:
ecos de um discurso político nas páginas do *Jornal dos Bairros*
(1976-1981)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa *História e Culturas Políticas*.

Orientador: Prof. Dr. João Pinto Furtado – UFMG.

Belo Horizonte – MG

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

16 de dezembro de 2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PÓSGRADUAÇÃO
historiaufmg

Dissertação defendida pela aluna **Daniela Lacerda de Almeida** em **16 de dezembro de 2010** e **aprovada**, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. – **João Pinto Furtado** – ORIENTADOR
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof^a. Dr^a. **Thaís Velloso Cougo Pimentel**
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof^a. Dr^a. **Magda Maria Bello de Almeida Neves**
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Nada é tão fácil e, ao mesmo tempo, tão difícil de ser feito do que agradecer. Fácil porque é sempre bom saber que temos pessoas com as quais podemos contar e, por isso mesmo, é muito bom agradecê-las. Difícil porque nunca haverá palavras suficientes que possam expressar toda a gratidão e amor que devotamos a elas. Entretanto, é melhor dizer alguma coisa do que não dizer nada. Pelo menos assim, elas saberão o tanto que somos gratos.

Preciso agradecer a dois homens que foram essenciais neste momento da minha vida. Em primeiro lugar, meu orientador, João Pinto Furtado, pelo seu apoio, suas observações e, principalmente, sua confiança e crença em mim sempre quando achei que não seria capaz. Em segundo lugar, agradeço ao meu namorado Jânio Bragança, sem ele nada disso seria possível. Obrigado pela companhia, pela compreensão impaciente, pelo apoio às vezes meio às avessas, incapaz de perceber que precisava de colo, mas mesmo assim valeu a pena. Essa conquista é nossa, a você meu muito obrigado e meu amor eterno.

Não posso esquecer-me de agradecer a todos os meus colegas de mestrado da linha de História e Culturas Políticas. Talvez eles nem saibam a importância que tiveram para que este momento chegasse. Apesar de terem uma trajetória profissional e acadêmica um pouco diferente da deles (afinal eles eram praticamente recém-formados), sempre demonstraram muito respeito e confiança em mim. Um agradecimento especial a Marina Camisasca. Esta é de uma competência e generosidade difícil de encontrar. Aos professores que participaram deste momento da minha formação meu muito obrigado. Em especial, José Antônio Dabdbab Trablusi, pelo profissionalismo, dignidade e competência, e também José Carlos Reis, pela capacidade de instigar e desafiar.

Por último, agradeço aos amigos que souberam compreender minhas ausências nesses últimos anos e, também, àqueles que de alguma forma deram dicas importantes para este trabalho: Paulão e Gi, vocês são amigos inigualáveis; Bernardo e Lira, sem vocês seria impossível montar um banco de dados; Tony e Denílson por não me deixarem desistir; e, ao meu salvador, capaz de fazer uma revisão numa noite, Paulo. Serei eternamente grata a todos! Como é impossível encontrar palavras para agradecer mãe e irmã. Vocês já sabem: eu nada seria sem vocês. Obrigado!

RESUMO

Em 1974, com a posse do novo presidente militar (o general Ernesto Geisel), o governo brasileiro iniciou um processo de abertura política que pretendeu assegurar um abrandamento das tensões sociopolíticas, criadas após o golpe civil-militar de 1964. Em prosseguimento a essa abertura política, o sucessor de Geisel (o general João Batista Figueiredo) seguiu os mesmos pressupostos de continuar as medidas liberalizantes e de aumentar os níveis de participação política, de acordo com o planejamento e o controle do Estado. Todo esse processo, apesar de ter sido marcado por avanços e recuos, por parte do governo, contribuiu para o aparecimento e fortalecimento dos movimentos sociais, principalmente, o movimento operário e as associações de moradores de bairros.

É nesse contexto que é criado o *Jornal dos Bairros*, publicação quinzenal que circulou na região industrial de Belo Horizonte, Contagem, Ibirité e Betim, no período de setembro de 1976 a dezembro de 1981. O objetivo inicial era retratar os problemas e os temas importantes para os moradores da região de abrangência do jornal, mas mudanças na conjuntura do país contribuíram para transformações no perfil editorial do periódico.

Esta dissertação pretende analisar as matérias veiculadas por esse periódico para desvendar aspectos do cotidiano vivido pelos moradores dos bairros. A pesquisa ainda objetiva estabelecer uma relação entre as transformações sofridas pelo jornal e o contexto político e social vivido pelo país.

PALAVRAS-CHAVE: História do Brasil; Ditadura Militar, Imprensa, Movimentos Sociais.

ABSTRACT

In 1974, with the take office of the new military president, General Ernesto Geisel, the Brazilian government began a process of political opening that aimed to ensure an easing of social and political tensions, created after the civil-military coup of 1964. In pursuit of this political openness, Geisel's successor, Gen. Joao Batista Figueiredo followed the same assumptions for continuing liberalization measures and to increase levels of political participation, according to planning and state control. This whole process, despite having been marked by advances and setbacks for the government, contributed to the emergence and strengthening of social movements, especially the labor movement and associations of slum dwellers.

It is in this context that created the *Jornal dos Bairros* (Journal of Neighborhoods), bi-weekly publication that circulated in the industrial region of Belo Horizonte, Contagem, Ibirité and Betim, from September 1976 to December 1981. The initial goal was to portray the problems and issues important to the residents of the region covered by the newspaper, but changes in the situation of the country contributed to changes in the profile of the journal.

This thesis attempts to analyze the articles published by this journal to uncover aspects of daily life experienced by residents of neighborhoods and also establish a relationship between the transformations undergone by the newspaper and the political context and social experience for that country.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabelas

1.1 – Eleições federais no Brasil: 1966, 1970, 1974 e 1978	19
2.1 – Número de edições por ano - <i>Jornal dos Bairros</i> (1976-1981)	53
2.2 – Número de informações em cada seção ao longo dos anos	62
3.1 – Número de vezes em que o tema <i>trabalho</i> aparece nas diferentes seções	75
3.2 – Subtemas abordados, na seção <i>Reportagens</i> , sobre o tema <i>trabalho</i>	80
3.3 – Número de vezes em que o tema <i>infra-estrutura</i> aparece nas seções	92
3.4 – Subtemas abordados, na seção <i>Reportagens</i> , sobre o tema <i>infra-estrutura</i>	97
3.5 – Número de vezes em que o tema <i>associação</i> aparece nas diferentes seções .	107
3.6 – Número de vezes em que o tema <i>transporte</i> aparece nas diferentes seções ..	112
3.7 – Número de vezes em que o tema <i>habitação</i> aparece nas diferentes seções....	118
3.8 – Subtemas abordados, na seção <i>Reportagens</i> , sobre o tema <i>habitação</i>	119

Gráficos

2.1 – Número de vezes que o tema <i>Igreja</i> aparece no <i>Jornal dos Bairros</i>	38
2.2 – Número de vezes que as seções <i>Bolsa de Empregos e Propagandas</i> aparecem no <i>Jornal dos Bairros</i>	45
2.3 – Propaganda eleitoral: Arena e MDB, nos anos de 1976 e 1978	47
2.4 – Setores das propagandas veiculadas pelo <i>Jornal dos Bairros</i>	49
3.1 – Número de vezes que cada tema aparece no <i>Jornal dos Bairros</i>	69
3.2 – Seções em que aparece o tema <i>empresa privada</i>	70
3.3 – Seções em que aparecem os temas <i>clínicas, dentista, laboratórios</i>	71
3.4 – Número de vezes que cada tema aparece na seção <i>Manchete</i>	72
3.5 – Número de vezes que cada tema aparece na seção <i>Reportagens</i>	73
3.6 – Número de vezes que o tema <i>trabalho</i> aparece ao longo dos anos	74
3.7 – Número de vezes que o tema <i>infra-estrutura</i> aparece ao longo dos anos	91
3.8 – Subtemas abordados pelo tema <i>infra-estrutura</i>	93
3.9 – Subtemas de <i>infra-estrutura</i> abordados na seção <i>Manchete</i>	96

3.10 – Número de vezes que cada tema aparece na seção <i>Notas e Reclamações</i> ...	101
3.11 – Número de vezes que cada tema aparece na seção <i>Cartas/Leitores</i>	102
3.12 – Número de vezes em que o tema <i>infra-estrutura</i> aparece nas seções <i>Notas e Reclamações</i> e <i>Cartas/Leitores</i>	103
3.13 – Número de vezes em que as seções <i>Notas e Reclamações</i> e <i>Cartas/Leitores</i> aparecem ao longo dos anos	104
3.14 – Número de vezes que o tema <i>associação</i> aparece ao longo dos anos	106
3.15 – Número de vezes que o tema <i>transporte</i> aparece ao longo dos anos	112
3.16 – Subtemas de <i>transporte</i> abordados na seção <i>Reportagens</i>	114
3.17 – Número de vezes que o tema <i>habitação</i> aparece ao longo dos anos	117
3.18 – Número de vezes em que aparecem os subtemas de <i>política</i>	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - Elementos para compreender o <i>Jornal dos Bairros</i>	16
1.1. O governo militar e a abertura política	16
1.2. Imprensa como fonte histórica	21
1.2.1 A imprensa alternativa	23
1.3. Movimentos sociais no Brasil, no final dos anos 1970	27
1.3.1 Movimentos populares em Belo Horizonte, no final dos anos 1970	32
CAPÍTULO 2 - Conhecendo <i>Jornal dos Bairros</i>	35
2.1. Matrizes Discursivas na criação de um jornal	35
2.2 A radiografia de um jornal	42
2.2.1 Origem: circulação e financiamento	42
2.2.2 Os números: edições e tiragem	51
2.2.3 O papel dos leitores	55
2.2.4 A divisão dos conteúdos	60
CAPÍTULO 3 - O cotidiano dos bairros	68
3.1 Trabalho	73
3.1.1 O tema <i>trabalho</i> na seção <i>Propagandas</i>	76
3.1.2 O tema <i>trabalho</i> na seção <i>Manchete</i>	77
3.1.3 O tema <i>trabalho</i> na seção <i>Reportagens</i>	79
3.1.4 O tema <i>trabalho</i> na seção <i>Bolsa de Empregos</i>	86
3.1.5 O tema <i>trabalho</i> nas demais seções	87
3.2 Infra-estrutura	91
3.2.1 O tema <i>infra-estrutura</i> na seção <i>Manchete</i>	95
3.2.2 O tema <i>infra-estrutura</i> na seção <i>Reportagens</i>	96

3.2.3 O tema <i>infra-estrutura</i> nas seções <i>Notas e Reclamações</i> e <i>Cartas/Leitores</i>	100
3.3 Associação	106
3.4 Transporte	111
3.5 Habitação	116
3.6 Novos temas	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
FONTES	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130

Introdução

Durante uma considerável parte do século XX, interessar-se pela história política pareceria algo fora de moda e antiquado, afinal, os estudos que dominaram esta época foram os da chamada Nova História. Aqui, o termo é utilizado como sugerido pelo professor José Carlos Reis em seu livro – *Escola dos Annales: a invenção da história*:

[Nova História] designa a história sob a influência das ciências sociais, que começou a ser elaborada a partir do debate entre sociólogos, filósofos, geógrafos e historiadores, no início do século XX, e se corporificou na revista de história, *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, fundada em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch. (REIS, 2000, p. 65) [Colchete nosso].

Como apontado por Reis, o termo existe desde o início do século XX e, em linhas gerais, significa o rompimento com uma historiografia tradicional, a recusa de certos pressupostos estabelecidos por esta historiografia. Nesta mesma linha de pensamento, o historiador Peter Burke ¹, afirma que a definição do termo – Nova História – não é fácil, afinal, a unidade do movimento está naquilo que ele nega, daí a ideia de que é mais fácil defini-lo por aquilo que ele não é. Sendo assim, Burke afirma que a Nova História nega que a história deva abordar essencialmente questões políticas; que a história seja apenas uma narrativa dos acontecimentos; que se concentre nos grandes feitos dos grandes homens; que seja baseada em documentos oficiais e paute-se pela objetividade apenas. Todos esses elementos são características da história tradicional ou da história do senso comum, como ele chama e, por isso, negados pela Nova História. Com esses embates, a história política, principalmente, a partir de meados do século XX, ficou meio abandonada, vista como sinônimo de uma história tradicional.

A recuperação dos estudos políticos na História deveu-se à renovação dos objetos, dos problemas e das abordagens, propostas a partir da terceira geração dos *Annales* ², nas décadas finais do século XX. Esse foi um momento de renovação

¹ BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

² A primeira geração dos *Annales* é a dos fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, responsáveis pelo lançamento da revista *Annales d'histoire économique et sociale* (1929). Após a morte de seus

temática, abordando pontos como o corpo, as mentalidades, as festas, as crianças, o mito, aspectos do cotidiano antes ausentes das pesquisas históricas. Com esta mudança de paradigma, percebeu-se que as análises macroeconômicas não eram essenciais para uma História que se propunha a compreender os sistemas culturais.

Outro ponto importante para compreender a renovação dos estudos políticos foi a *New Left Review*, ou seja, a renovação da historiografia marxista, ocorrida a partir da década de 1960 e proposta por historiadores como Perry Anderson, Christopher Hill, Eric Hobsbawm e Thompson. O abandono economicista, o reconhecimento da importância dos elementos culturais e a revolução efetuada por Thompson ao propor o estudo da história dos vencidos, a história vista de baixo, trouxeram, para o centro dos debates, grupos e camadas sociais antes desconsiderados.³

Em meio a essas novas abordagens, a renovação da história política não se trata de um retorno aos antigos paradigmas da história tradicional – abordagem factual, centrada nos grandes líderes, baseada em documentos oficiais – mas, de uma busca pela explicação de práticas coletivas e comportamentos sociais e, também, de uma busca de novos objetos de pesquisa, centrados em torno dos conceitos de imaginário, simbologia e cultura.⁴

É dentro dessa linha de renovação da história política que esta pesquisa se insere, buscando trazer à cena não o Estado e seus condutores, muito menos as elites, mas uma parcela da população que em um determinado momento da história do Brasil percebeu que a política poderia fazer parte do cotidiano de todos, quando, segundo Eder Sader,

[esses novos personagens] efetuaram uma espécie de alargamento do espaço da política. Rechaçando a política tradicionalmente instituída e politizando questões do cotidiano dos lugares de trabalho e de

fundadores, Fernand Braudel tornou-se o diretor dos *Annales* e ocupou posto destacado na historiografia e academia francesa até sua aposentadoria. A partir dos anos de 1970, a terceira geração, composta por nomes como, François Furet, Georges Duby, Jacques Le Goff e Pierre Nora ganham destaque nos *Annales*. Para saber mais sobre o tema, ver: BURKE, Peter, *A escola dos Annales* (1929-1989). São Paulo: UNESP, 1991.

³ SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 39-62.

⁴ Para saber mais sobre os caminhos da história política ver: FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro F., VINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.61-89.

moradia, eles “inventaram” novas formas de política. (SADER, 1988, p. 20). [Colchete nosso].

Outro ponto que chama a atenção para o tema desta dissertação, além de sua abordagem política, é o fato de ela fazer referência a alguns movimentos sociais. A partir dos anos 1960, o estudo dos movimentos sociais ganhou destaque em vários países. No Brasil, a maioria desses estudos foi realizada nos anos de 1980 e, na década seguinte, houve um declínio de interesse por esse tipo pesquisa.⁵ Uma possível explicação para este desinteresse estaria no fato de que parte da historiografia produzida após a queda do Muro de Berlim e do socialismo real⁶ tenderia a ver a ordem capitalista como vitoriosa e como o único caminho a ser seguido⁷. Posição corroborada por Josep Fontana, em seu livro *A história dos homens*, nele o ano de 1989 é visto como um momento de inflexão do panorama historiográfico:

(...) ano em que coincidiram a derrota dos regimes do chamado ‘socialismo real’ do leste da Europa, com um novo e mais encarniçado assalto contra as interpretações de esquerda da Revolução francesa, por ocasião de bicentenário, a publicação do artigo de Fykuyama sobre o fim da história e o debate entre ‘velha e nova história’ em *American Historical Review* (...).

A ‘queda do muro’, especialmente, deu lugar a reações de euforia por parte dos que se sentiam vencedores. Supunha-se que o fato, sozinho, bastava para negar legitimação intelectual a qualquer projeto que tivesse relação não só com o marxismo, mas com qualquer postura que desse apoio à ideia de que era possível uma transformação substancial da sociedade. (FONTANA, 2004, p. 413).

Diante do exposto, fica difícil trazer à tona histórias de lutas, reivindicações, derrotas e conquistas quando, na verdade, busca-se a acomodação dentro da ordem capitalista, a possibilidade de inserção no mercado está ao alcance de todos os grupos

⁵ Para conhecer um balanço sobre o estudo dos movimentos sociais no Brasil, ver: GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 6ªed. São Paulo: Loyola, 2007.

⁶ Termo utilizado para diferenciar o socialismo que de fato se implantou na União Soviética e nos países europeus sob sua influência, durante o século XX, do socialismo idealizado pelos teóricos, principalmente, Karl Marx, no século XIX. Os anos de 1990 foram marcados pelo desmoronamento do socialismo real nos países do leste europeu.

⁷ Para saber um pouco mais sobre esta discussão, ver: FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro, Rocco, 1992. HUNTINGTON, Samuel. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

sociais. Resistir não significa mais destruir o sistema capitalista, mas viver o instante. Há uma valorização do presente, como afirma Maffesoli,

(...) tudo isso [o fato de que as coisas são inelutáveis, de que não é possível intervir] é o sinal de uma espécie de aceitação da fatalidade, um indício da substituição da História, no curso racional sobre o qual podemos atuar, pelo destino que se faz necessário assumir. (...) O que está em jogo neste retorno do destino é a própria negação do fundamento filosófico do Ocidente moderno: o livre arbítrio, a decisão do indivíduo ou dos grupos sociais que atuam de comum acordo para fazer a História, cuja conseqüência é o grande fantasma da universalidade. (MAFFESOLI, 2003, p. 24, 31) [colchete nosso].

Ao negar o livre arbítrio, o destino apresenta-se como todo-poderoso, subjugando a vontade do sujeito, retirando deste o direito de atuar sobre a História. Dotada da perspectiva de que o homem é agente da história e não mero cumpridor de seu destino, é que esta dissertação se coloca, tendo como objeto e fonte de pesquisa um jornal denominado – *Jornal dos Bairros*. Este era uma publicação, inicialmente, quinzenal que circulou em Minas Gerais, especificamente em bairros da região industrial da capital do estado – Belo Horizonte – e, em algumas cidades da região metropolitana como, Contagem, Ibirité e Betim, no período de setembro de 1976 a dezembro de 1981. O núcleo fundador do periódico era formado por ex-militantes de esquerda, alguns haviam sido presos políticos e estavam recém libertos e, outros, eram jornalistas que atuavam em jornais de grande circulação de Belo Horizonte.

O objetivo inicial era fazer uma publicação que tratasse de problemas e de temas importantes para os moradores da região de abrangência do jornal, como afirmou em sua primeira edição: “retratar o que existe no seu bairro, na sua rua, no seu comércio, no esporte amador, no futebol de várzea, na vida enfim da região.”⁸. A intenção era dar voz ao seu público, como estabeleceu, nessa mesma edição, ao demonstrar o papel do leitor para o periódico: “No fim das contas, você, leitor, é responsável por ele [jornal]. A você cabe enviar-nos [sic] sugestões e críticas ao jornal, assim como notícias sobre os problemas e melhorias do seu bairro, sobre o dia a dia da sua rua.”⁹ [colchete nosso]

⁸ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 0, p.1, 2ª quinzena set. 1976.

⁹ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 0, p.1, 2ª quinzena set. 1976.

O propósito desta dissertação é desvendar o *Jornal dos Bairros*, percebendo por meio dos conteúdos das matérias publicadas a sua política editorial ou as transformações desta política ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, avaliar que tipo de relação o jornal estabelecia com o contexto no qual ele estava inserido, tanto no que se refere ao dia a dia dos moradores da área de circulação do periódico quanto ao contexto mais geral, daquilo que estava acontecendo no país. Para atingir os objetivos aqui propostos, esta dissertação segue alguns passos.

No primeiro capítulo serão delineados alguns aspectos essenciais para a compreensão do *Jornal dos Bairros*. Será apresentado o contexto histórico no qual ele estava inserido, ou seja, relatado (em linhas gerais) a situação política do país e revelado o momento pelo qual passava o governo brasileiro. Cabe frisar que o objetivo não é estabelecer um debate historiográfico sobre as visões do golpe civil-militar de 1964 e nem sobre os processos que levaram ao fim deste governo, mas situar o leitor no contexto geral do país no período no qual o jornal foi produzido.

Em seguida, será preciso refletir sobre o tipo de fonte utilizada – imprensa -, identificar os cuidados necessários para o tratamento dessa fonte, suas vantagens e “armadilhas”; no entanto, o *Jornal dos Bairros* pode ser caracterizado como um tipo específico de imprensa denominada – alternativa. Definir esse tipo de imprensa, suas características e avaliar o enquadramento do jornal pesquisado nesta tipologia tornam-se essenciais para sua compreensão.

E, por último, ainda no primeiro capítulo, será preciso discutir o que se entende por movimento social, como estes atuaram no Brasil e, especificamente, em Belo Horizonte no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980. Assim, será possível avaliar a relação do jornal com esses movimentos sociais.

O segundo capítulo será o momento de conhecer o *Jornal dos Bairros*. O primeiro passo será descobrir de onde partia o discurso produzido pelo jornal. Portanto, será preciso identificar aqueles que o idealizaram e deram início ao projeto: origem, trajetória política, motivações, tudo isso ajudará a compreender esse discurso. Tão importante quanto identificar quem produzia o discurso será identificar a quem o jornal era destinado, ou seja, conhecer seu público alvo e perceber qual era o papel reservado a ele pela publicação. Finalmente, tornar-se-á necessário revelar quem financiava o jornal e as partes que compunham o periódico, assim será possível

analisar a distribuição dos conteúdos dentro de sua estrutura. Todos estes aspectos ajudam a compreender os conteúdos priorizados pelo jornal.

O terceiro e último capítulo analisará os assuntos abordados pelo jornal. Foram selecionados os conteúdos que tiveram o maior número de matérias veiculadas pela publicação ao longo dos anos, foram eles: trabalho, infra-estrutura, associação, transporte e habitação. Avaliar o tratamento dado a esses conteúdos ao longo do tempo, ou seja, identificar os momentos em que foram mais comentados, as partes do jornal que eles mais apareceram, o enfoque dado a cada um deles, entre outras observações contribuirá para avaliar a política editorial do jornal e a relação deste com os contextos locais e nacional.

Capítulo 1 – Elementos para compreender o *Jornal dos Bairros*

1.1 O governo militar e a abertura política

Há na historiografia mundial um movimento que visa pesquisar o passado recente. Essa abordagem seria, segundo René Rémond, uma forma de “varrer da visão da história os últimos vestígios do positivismo”¹⁰. Roger Chartier¹¹, ao contrário da historiografia tradicional, vê a proximidade temporal como benéfica, coloca o historiador como contemporâneo aos fatos que narra, cria identidade, partilhando referências fundamentais com os atores sociais que investiga.

No Brasil, pesquisar o passado recente tem sido extremamente importante para trazer à luz aspectos nebulosos e pouco esclarecedores da história brasileira. Exemplos de tais investigações podem ser vistos nos estudos que abordam o momento do golpe civil-militar de 1964 e a fase dos chamados *Anos de Chumbo*¹², período de maior repressão e tortura e de crescimento da luta armada, como também os que tomam como tema o período pós-luta armada, a fase da abertura política que marcou as décadas de 1970 e 1980¹³.

O objeto de estudo desta dissertação – o *Jornal dos Bairros* – insere-se justamente no contexto das décadas de 1970 e 1980. Esse período foi marcado pela derrota da luta armada, pela revisão da esquerda brasileira sobre os caminhos traçados após o golpe e pela busca de novas alternativas de oposição ao governo militar. Além dessas características, tal momento histórico é marcado, no Brasil, segundo a historiadora Maria Paula Nascimento Araujo,

¹⁰ REMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

¹¹ CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

¹² Para saber mais sobre o golpe de 1964 e os *Anos de Chumbo*, pode-se ler os clássicos, como: GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1987. REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990. RIDENTE, Marcelo. *O fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo: UNESP, 1994. Ou ler a historiografia mais recente, como: FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004. REIS, Daniel A.; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. São Paulo: Edusc, 2004.

¹³ Para saber mais sobre o processo de abertura política no Brasil, ver: OLIVEIRA, Eliezer Rizzo de. *De Geisel a Collor: forças armadas, transição e democracia*. São Paulo: Papyrus, 1994.

pela vivência cotidiana de um confronto político que se dava em diferentes níveis: dentro do regime militar, conflito entre uma ‘linha dura’ e os adeptos de uma ‘distensão lenta e gradual’; na sociedade, uma disputa por todos os espaços possíveis, da mídia às ruas. Grandes campanhas, como a luta pela anistia ou contra a carestia, que mobilizaram o que havia de organizado na sociedade (movimento estudantil, a Igreja progressista, movimentos sindicais – estes bem fortes na época, principalmente os sindicatos de trabalhadores assalariados de classe média, como bancários, professores, jornalistas, arquitetos etc.). Lutas políticas que pressionavam contra os limites da legalidade. Além disso, fervilhava uma produção política e teórica não apenas nas universidades, mas também nos movimentos organizados. Some-se a isso uma influência de ideias e práticas políticas inovadoras que vinham do cenário internacional. (ARAÚJO, 2000, p. 15).

Esse contexto de confrontos políticos dentro do próprio governo militar, mencionado por Araujo, torna-se mais evidente com a eleição do general Ernesto Geisel para a presidência da República, em 1974. Tal processo eleitoral representou uma nova etapa na institucionalização do Estado. Segundo Maria Helena Moreira Alves,

A primeira fase, abrangendo os governos Castelo Branco e Costa e Silva, lançara as bases do Estado de Segurança Nacional, corporificado na Constituição autoritária de 1967. A segunda, de 1969 a 1973, desenvolveu o modelo econômico e o Aparato Repressivo, ampliando o quadro legal da repressão e, na prática, a engrenagem de coerção. Durante os governos Geisel e João Figueiredo os planejadores do Estado concentraram-se em estruturas mais permanentes e flexíveis para a institucionalização do Estado a longo prazo. (ALVES, 2005, p. 223).

Nos anos do “milagre econômico”¹⁴ a “legitimidade” do Estado vinha por meio do desenvolvimento econômico. Com o advento da crise econômica, a partir de 1974, era necessário criar novos mecanismos para obtenção de apoio político e social. Esta afirmação é corroborada pela citação de Alves, ao afirmar que a segunda fase de institucionalização do governo militar esteve ligada ao desenvolvimento

¹⁴ “Milagre econômico” termo utilizado para designar a fase de crescimento acelerado da economia brasileira, durante o governo do general Médici (1969-1974). Para saber mais sobre o “milagre econômico” ver: SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Castelo a Tancredo*, 1964-1985. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 274-286.

econômico e a última fase, dos governos Geisel e Figueiredo, precisou criar estruturas mais flexíveis de institucionalização.

A teoria da “distensão”, implementada pelo governo Geisel, pretendia assegurar um abrandamento das tensões sociopolíticas, desmantelando gradativamente os mecanismos de coerção explícitos, ao mesmo tempo em que assegurava um aumento nos níveis de participação política. Tratava-se, portanto, de medidas de liberalização muito bem controladas pelo Estado. Essas medidas seguiriam etapas bem definidas:

haveria, em primeiro lugar, a suspensão parcial da censura prévia, seguida de negociações com a oposição para estabelecimento dos parâmetros de tratamento dos direitos humanos. Posteriormente seriam promovidas reformas eleitorais para elevar o nível de representação política. Em seguida as medidas mais explicitamente coercitivas, inclusive o Ato Institucional nº5, seriam revogadas, incorporando-se outros mecanismos de controle à Constituição. (ALVES, 2005, p. 224).

Na verdade, o que as medidas de liberalização buscavam era a “legitimidade” do Estado, abalada pela crise econômica, negociando e incorporando algumas exigências de setores da elite oposicionista, ampliando a base de sustentação do Estado e mantendo o controle da sociedade civil, por meio de práticas seletivas do poder coercitivo.

O movimento de liberalização do governo acabou contribuindo para uma reação da sociedade civil. Setores da elite passaram à oposição, pressionando o Estado em direção à abertura política. Os setores em questão começaram a perceber que seus interesses, em um governo autoritário, não eram mais suficientemente satisfeitos e, tal governo passou a ser um empecilho para as elites. Assim, tanto profissionais liberais, como jornalistas e advogados, quanto industriais e empresários sentiam-se ameaçados pelos desmandos econômicos de um governo autoritário e pelo aparelho repressivo que não poupava ninguém, nem mesmo os membros das elites.

Vários passos contribuíram para o fortalecimento da oposição: primeiramente o crescente uso do partido oficial de oposição – o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Durante algum tempo, oposicionistas ao governo não

acreditavam que o MDB pudesse ser um instrumento eficaz de combate à ditadura. No entanto, o movimento do governo em permitir uma maior participação política, contribuiu para seu fortalecimento e, principalmente, para uma importante vitória nas eleições legislativas de novembro de 1974, como mostra a tabela 1.1.

Tabela 1.1 – Eleições federais no Brasil: 1966, 1970, 1974 e 1978.

Eleição	1966	1970	1974	1978
Senado Federal				
% de votos válidos da ARENA	56,63	61,4	41,0	43,0
Cadeiras obtidas pela ARENA	48	40	6	15
% de votos válidos da MDB	43,36	38,6	59,3	56,9
Cadeiras obtidas pela MDB	14	6	16	8
Câmara dos Deputados				
% de votos válidos da ARENA	63,9	69,4	51,9	50,4
Cadeiras obtidas pela ARENA	277	233	203	231
% de votos válidos da MDB	36,0	30,5	48,0	49,5
Cadeiras obtidas pela MDB	132	87	161	189

Fonte: ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil* (1964-1984). Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 240.

A tabela 1.1 mostra os resultados obtidos por cada um dos dois partidos – MDB, de oposição e ARENA (Aliança Renovadora Nacional), do governo – nas eleições para o Senado e para a Câmara dos Deputados, nos anos de 1966 a 1978. Os resultados são apresentados tanto em porcentagem de votos válidos, eliminando os brancos e nulos, e, também, o número de cadeiras conquistadas em cada uma das duas casas legislativas por cada um dos partidos. Os resultados são favoráveis ao partido governista nos anos de 1966 e 1970, tanto para o Senado (com 56,63% e 61,4%, respectivamente) quanto para a Câmara dos Deputados (com 63,9% e 69,4%, respectivamente). Nas eleições de 1974, o MDB consegue a maioria dos votos válidos para o Senado (59,3%) e um grande crescimento na Câmara dos Deputados (48,0%).

O resultado eleitoral de 1974 assustou o governo e ele precisava evitar nova vitória da oposição nas eleições legislativas de 1978. Assim, em 1977 o governo

lança uma série de medidas que ficaram conhecidas como “Pacote de Abril”¹⁵, no qual havia alterações importantes a respeito das eleições. Essas medidas visavam a acalmar setores civis e militares insatisfeitos com a política de abertura implantada pelo governo Geisel. Esse episódio demonstra que tal política foi marcada por um processo de idas e vindas, ou seja, a abertura não se realizou de forma contínua.

Outro passo importante para o fortalecimento da oposição foi o fato de ela utilizar de organizações associativas e corporativas já existentes. A Associação Brasileira de Imprensa (ABI) rompeu o silêncio ao lutar pela liberdade de expressão; a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) encampou a luta pela defesa dos torturados, sequestrados ou privados de seus direitos pós-1964, por meio de um trabalho de esclarecimento da opinião pública, utilizando-se de entrevistas com membros da entidade e na reprodução e ampla divulgação de estudos por ela promovidos. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) legitimou a luta pelos direitos humanos. A ação conjunta dessas e outras associações encorajaram setores da população trabalhadora a unirem-se contra o governo militar.¹⁶

O governo do general João Batista Figueiredo deu prosseguimento à abertura política empreendida por seu antecessor, seguindo os mesmos pressupostos: limitar a participação de uma oposição indesejada, definida segundo critérios do Estado e continuar a liberalização, de acordo com planejamento e controle do Estado. Mas uma novidade surge nesse cenário - aparentemente muito bem preparado pelo governo militar -: os movimentos sociais. Estes viriam a desempenhar um papel decisivo no processo político, como será analisado mais adiante.

É nesse contexto de reflexões, rupturas e mudanças nas práticas políticas adotadas pelo governo militar que foi fundado o *Jornal dos Bairros* e esse é um ponto crucial para compreender sua existência, suas opções de abordagens, temas e matérias publicadas.

¹⁵ Para saber mais sobre as eleições de 1974 e 1978 e o Pacote de Abril, ver: ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 223-241.

¹⁶ Para saber mais sobre a participação dessas entidades durante o governo militar, ver: ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 242-271.

1.2 Imprensa como fonte histórica

O uso da imprensa como fonte histórica veio a partir de um novo olhar sobre os objetos de estudo da História e, conseqüentemente, suas fontes. Na medida em que temas relacionados ao cotidiano social ganharam importância no estudo da História e, que ele não se restringia mais, apenas, aos acontecimentos políticos, ligados aos grupos dominantes, surgia a necessidade de buscar fontes que refletissem essa dinâmica coletiva e cotidiana das sociedades. Nesse contexto, a imprensa mostrou-se como uma importante fonte para o historiador.

O historiador precisa conhecer bem a sua fonte – imprensa – para poder bem explorá-la e interpretá-la. O ofício do historiador distingue-se do de jornalista, apesar de ambos buscarem os eventos. Este busca registrar o instante enquanto aquele deseja recuperar o instante. Além disso, não se pode esquecer que a tão proclamada neutralidade e imparcialidade jornalística não passa de uma aspiração¹⁷. A imprensa seleciona os eventos que merecem destaque e os que merecem cair no esquecimento a partir de critérios jornalísticos ou de interesses econômicos e políticos. Por essa razão, o historiador que se propõe a utilizar a imprensa como fonte deve ficar atento aos métodos utilizados na construção dos acontecimentos pela atividade jornalística, afinal, muitas vezes, a imprensa não apenas registra o evento, mas ela o cria, motivada pelos seus objetivos, políticos e/ou econômicos. O fato jornalístico é uma criação, o jornalista participa dos fatos, criando-os quando e como lhe convém¹⁸.

O historiador, ao interpretar o discurso jornalístico, deve considerar o momento histórico no qual tal discurso foi produzido, com suas especificidades e a interpretação individual e motivações de quem escreveu.

O jornalista procede de uma interpretação, na qual a subjetividade está sempre presente, por isso é preciso enxergar nos textos a sua carga de temporalidade. Por outro lado, opera a seleção do relevante,

¹⁷ Assim como o jornalista, o historiador também aspira a neutralidade e imparcialidade. Para saber mais sobre as diferenças entre o ofício do historiador e o ofício do jornalista, ver: BARBOSA, Marialva. *Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades*. In: NEVES, Lucia Maria Bastos das; MOREL, Marcos (orgs.). *História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos*. Anais do Colóquio. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

¹⁸ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

colaborando com a transformação do imediato em perene. É preciso ler os textos na sua complexidade, distinguindo entre o fato (o real acontecido) e a notícia (o real reconstruído). (STEPHANOU, 2001, p. 44).

A historiadora Maria Helena Capelato, em seu livro *Imprensa e História do Brasil*, já chamava a atenção para o fato de que a imprensa é um tipo de fonte suspeita¹⁹ no que se refere à sua credibilidade, pois o pesquisador deve ficar atento, visto que tal fonte não é isenta. A pesquisadora “aconselha que se determine os interesses econômicos e políticos; que se distinga a imprensa oficial da oficiosa; que se diferencie imprensa e opinião pública”. (CAPELATO, 1988, p. 20). Para a autora, é necessário traçar um perfil, mesmo que provisório, do periódico que se deseja utilizar como fonte. Tendo em vista tais ideias, é possível dizer estas são questões imprescindíveis: quem são os donos dos veículos de comunicação?; quem é seu público-alvo?; quais são seus objetivos?; qual a origem de seus recursos econômicos?.

A imprensa é um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social e não é por estar permeada de subjetividade que ela se torna uma fonte desprezível. Ao contrário: questionar a imagem da imprensa como retrato fiel da realidade implica um trabalho de reconstituição do passado em suas múltiplas facetas, pois mais importante do que conhecer os fatos tal como eles ocorreram é a maneira pela qual os sujeitos da história tomaram consciência deles e os relataram²⁰.

Até aqui se falou do uso da imprensa como fonte, mas ela também pode ser utilizada em outra perspectiva metodológica, como objeto de pesquisa. Assim, Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, em seu livro *O bravo matutino*, debruçaram suas atenções sobre um jornal de grande circulação e justificaram a abordagem escolhida da seguinte forma:

Os estudos históricos no Brasil têm dado pouca importância à imprensa como objeto de investigação, utilizando-se dela apenas como fonte confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de documentação. A presente pesquisa ensaia uma nova direção ao

¹⁹ A própria autora, Maria Helena Capelato, afirma que a ideia de que a imprensa seria uma fonte suspeita não se sustenta, afinal, toda fonte é suspeita, é preciso analisá-la dentro de seu contexto de produção.

²⁰ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

instituir o jornal *O Estado de S. Paulo* como fonte única de investigação e análise crítica. A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (CAPELATO, 1980, XIX).

É nessa perspectiva de utilização do jornal como fonte única de investigação e análise que essa dissertação faz uso da imprensa. Ao tomar o *Jornal dos Bairros* como objeto de estudo é importante observar outro aspecto destacado pela historiadora Tânia de Luca, “o conteúdo do jornal não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa” (LUCA, 2006, p. 111). Ou seja, é preciso localizar a fonte, o objeto escolhido num determinado grupo de imprensa, já que esse não é um objeto único e isolado. A fonte/objeto deve estar agrupada juntamente com outros periódicos que mantêm características em comum, seja por semelhança de formatação física do jornal, por divisão de conteúdos, por suas relações com o mercado, pelo público atingido. Inserida em um grupo maior, a compreensão da fonte/objeto fica mais nítida. Por isso, a seguir, encontra-se um mapeamento do tipo de imprensa que se insere o *Jornal dos Bairros*.

1.2.1 A imprensa alternativa

Não é fácil definir o conceito de “imprensa alternativa” ou “imprensa nanica” e como todo conceito possui certo grau de dinamismo, Flávio Aguiar assim o definiu:

Na história brasileira os frequentes “alternativos” seriam jornais que se oporiam ou se desviariam das tendências hegemônicas na imprensa convencional brasileira, que esta pretende tornar hegemônicas no país. (AGUIAR, 2008, p. 236).

Já Maria Paula Nascimento Araujo traz novos elementos para a definição de imprensa alternativa, ao compará-la com a chamada grande imprensa,

Não tem a mesma sistematicidade, a mesma tiragem, tampouco o mesmo público. Não tem o mesmo padrão de notícias, nem a mesma forma de apresentação. Não se preocupa em cobrir os acontecimentos diários, nem dispõe da mesma estrutura financeira. (ARAÚJO, 2000, p. 32).

Para Araujo, utilizar a imprensa alternativa como fonte contribui para a percepção do clima intelectual da época pesquisada, das grandes polêmicas existentes e das ideias e visões de mundo dos grupos que essa imprensa representa, tornando-se uma importante fonte para a história das ideias. Além disso, esse tipo de imprensa traz o confronto entre duas formas de encarar a política: a tradicional e a alternativa, esta via o cotidiano como espaço de ação política. Se a imprensa alternativa, sozinha, não é capaz de esclarecer sobre a relevância dos movimentos sociais que representa, ela é capaz de propiciar a visão que esses movimentos tinham de si próprios, da sociedade e da época em que viviam. Ela é ainda capaz de mostrar suas ideias e propostas, ajudando a delinear os contornos das novas concepções políticas.

A historiadora Maria Aparecida de Aquino em seu livro *Censura, Imprensa, Estado Autoritário* acrescenta mais um aspecto à tentativa de definição de imprensa alternativa:

A imprensa alternativa é uma opção na medida em que ocupa, de variadas formas, o espaço deixado pelo tipo de imprensa que segue o modelo convencional. Pode ser organizada em termos empresariais (...) ou como propriedade coletiva de um grupo de jornalistas e representantes de grupos sociais diferenciados (...). A alternativa não se pretende neutra, assumindo-se a serviço da defesa de interesses de grupos como, por exemplo, partidos, sindicatos, associações, minorias raciais e sexuais, e mesmo entidades religiosas. Faz um jornalismo engajado, orientado a não separar a informação da opinião. Sua sustentação financeira advém basicamente da venda em bancas ou de assinaturas (...) de seus associados, dos filiados (...) e dos fiéis (...). Como alternativa à imprensa convencional, de uma maneira geral, seu esquema de produção de informações busca recuperar a figura do jornalista/repórter que constrói pela pesquisa a matéria a ser veiculada, tentando fugir da homogeneização da informação que ocorre nas empresas dos países economicamente mais poderosos ou dos grandes grupos jornalísticos nacionais. (AQUINO, 1999, p. 122 – 3).

Diante de todos os aspectos levantados sobre imprensa alternativa é perceptível a identificação do *Jornal dos Bairros* com essa categoria de publicação. Ao longo da dissertação, essa associação ficará mais nítida, pois será possível perceber que não se tratou de uma publicação da imprensa convencional. Afinal, esse periódico não possuía uma estrutura financeira nem empresarial. Seus colaboradores, na maior parte do tempo, eram voluntários e as dificuldades financeiras foram constantes. Seu público-alvo era específico e para atingi-lo as matérias veiculadas foram direcionadas especificamente para eles, fugindo da homogeneização imposta pela imprensa convencional, além de outras características que serão expostas ao longo deste estudo.

A existência de alternativos no Brasil é de longa data, no Império já havia vários alternativos, assim como durante a Primeira República, geralmente, marcados pela efemeridade das publicações ²¹, mas, foi com o golpe de 1964 que a imprensa alternativa ganhou fôlego e multiplicou-se por todo país ²². Aquino afirma que “a fase *boom* da imprensa alternativa coincide, portanto, em grandes linhas com o recrudescimento do Estado autoritário brasileiro pós-64, em que se insere a vigência da censura” (AQUINO, 1999, p. 123). Além desse fato, outros fatores explicam essa explosão: facilidades de comunicação entre os grandes centros urbanos; crescimento do público leitor, principalmente no meio universitário; além de facilidades técnicas, como o *offset* e a fotocópia que permitiram a impressão em tiragens menores e baratas.

É importante salientar que no contexto pós-1964, os envolvidos com a chamada “imprensa alternativa” não aceitavam essa denominação. Eles se consideravam os verdadeiros defensores do povo e do Brasil; por isso, caberia a eles a referência a uma imprensa com letra maiúscula. Já aqueles jornais que apoiavam o governo ditatorial e se submetiam a ele, é que deveriam ser considerados uma

²¹ Para mais informações sobre o surgimento e a trajetória da imprensa no Brasil, ver os artigos publicados no livro: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

²² Entre 1964 e 1980 cerca de 140 jornais alternativos foram criados em várias cidades brasileiras, alguns com circulação nacional, outros regional. A duração desses periódicos variou muito, alguns tiveram duração efêmera, menos de um ano, outros chegaram a circular por mais de 10 anos, como *O Pasquim*. O enfoque também variava, havia os predominantemente políticos, os de humor, os feministas, os anarquistas, os ecológicos entre outros. Há uma lista com o nome e algumas informações sobre esses jornais em: KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 437-441.

imprensa menor ²³. Como se percebe, no Brasil pós-1964, “imprensa alternativa” estava ligada a questões políticas. Esse fato diferia-se dos Estados Unidos e da Europa, onde o termo “alternativo” era usado para a imprensa ligada aos movimentos de contra-cultura ²⁴.

Bernardo Kucinski, em seu livro *Jornalistas e Revolucionários*, afirma que a imprensa alternativa brasileira, posterior ao golpe de 1964, passou por duas fases. Num primeiro momento, ela teria um caráter revolucionário, ou seja, desejaria atrair o jovem para a luta de guerrilha contra o governo instituído; numa segunda fase, derrotado esse apelo revolucionário, uma vez que, a partir de 1974, todos os grupos de guerrilha, tanto urbana quanto rural, já estavam eliminados, a “imprensa alternativa” havia optado por trazer a política para o espaço público.

(...) apesar de sua natureza essencialmente jornalística, a imprensa alternativa acabou se tornando o principal espaço de reorganização política e ideológica das esquerdas nas condições específicas do autoritarismo. Por isso, o surto alternativo adquire uma importância que extravasa sua aparência como conjunto de jornais ou como criação ideológico-cultural. (KUCINSKI, 2003, p. 17).

É nesse segundo momento da imprensa alternativa que se situa o *Jornal dos Bairros*. Publicação iniciada em setembro de 1976, já no contexto de abertura política implementada pelo governo Geisel, cujos fundadores faziam uma autocrítica quanto às escolhas feitas pela esquerda para se opor à ditadura militar. Tais fundadores viam, na aproximação com os movimentos sociais que se reorganizavam, o espaço para uma ação política. Esse jornal enquadra-se no modelo de imprensa alternativa que Kucinski denominou de basista, pois o foco dessa publicação eram os problemas regionais:

Formando pequenas redações, cooperativas e mutirões, lançam jornais voltados aos problemas específicos da região, do bairro, eventualmente, de um movimento de base. Tomam como modelo o padrão da Imprensa Alternativa e modificam-no através de propostas de comunicação direta entre jornalista e público. Criam jornais em

²³ ARAUJO, M. Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

²⁴ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: EDUSP, 2003.

que as bases populares são ao mesmo tempo o sujeito da comunicação e seu próprio agente. (KUCINSKI, 2003, p. 142).

O *Jornal dos Bairros* foi uma publicação voltada para os problemas de uma região e nele havia uma tentativa de comunicação direta entre os jornalistas e os leitores, como será demonstrado no capítulo 2 desta dissertação, sendo assim, é possível identificá-lo como um jornal alternativo de tipo basista, segundo a definição de Kucinski.

1.3 Movimentos sociais no Brasil, no final dos anos 1970

Em seu livro – *Quando novos personagens entraram em cena* – Eder Sader afirma que, no final dos anos 1970, surgiu no Brasil um “novo sujeito social”, assim denominado, segundo o autor, por três razões distintas. A primeira diria respeito a teorias prévias que não constituíram ou designaram esse novo sujeito social; a segunda aludiria a um sujeito coletivo, diferente da concepção individualista burguesa e, por último, porque esse sujeito não faria parte de uma organização determinada que representasse o centro de todas as ações (como Igreja, sindicatos entre outras).

Essa ideia sobre o novo, não se restringe ao novo sujeito social que desponta, mas, também são novos os lugares de se fazer política que, por sua vez, são permeados pelas experiências cotidianas que se abrem para esses novos espaços. Nova também é a prática, pois são criados direitos a partir da consciência de interesses e vontades próprias do sujeito coletivo.

Para Sader, “a noção de sujeito coletivo é no sentido de uma coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nessas lutas.” (SADER, 1988, p. 55). Nesse sentido, ele rompe com antigas concepções que vêem os movimentos sociais como derivações de diferentes classes sociais previamente definidas. O sujeito coletivo de Sader opera cortes e combinações de classe, configurações e cruzamentos que não estavam dados

previamente, uma vez que seus arranjos se dão a partir de outra identidade social, de uma nova forma de representação coletiva.

A identidade social se revela no discurso. O sujeito do discurso comunica algo aos outros, mas, também, para si mesmo. Os diversos discursos existentes numa sociedade podem ser remetidos a matrizes discursivas. Estas são entendidas como

modos de abordagem da realidade, que implicam diversas atribuições de significado. Implicam também, em decorrência, o uso de determinadas categorias de nomeação e interpretação (das situações, dos temas, dos atores) como na referência a determinados valores e objetivos. Mas não são simples idéias: sua produção e reprodução dependem de lugares e práticas materiais de onde são emitidas as falas. (SADER, 1988, 143)

Os movimentos sociais que surgiram no final dos anos 1970 reelaboraram o discurso de três instituições que se apresentavam em crise naquele momento e, a partir desses antigos discursos, produziram o que Sader chamou de novas matrizes discursivas. As instituições são: a Igreja Católica, que vinha perdendo fiéis com a expansão das igrejas evangélicas; grupos de esquerda que se encontravam desarticulados devido à derrota política contra a ditadura militar (especialmente, no que tange à luta armada); e a estrutura sindical esvaziada pelo controle e repressão exercidos pelo governo.

Devido à sua importância em tal contexto, faz-se importante tecer algumas considerações sobre cada uma destas instituições em crise. A partir de 1968, com a Conferência de Medellín ²⁵, uma parte da Igreja Católica latino-americana compromete-se com a luta contra as causas sociais da miséria. A “salvação” é anunciada na instauração de condições de vida mais humana. Utiliza-se o método “ver-julgar-agir” que significa uma reflexão crítica voltada para a prática. Segundo tal expediente, é preciso observar uma situação, comentar e analisá-la, depois é necessário avaliar essa situação de acordo com os valores cristãos para, em seguida, decidir como agir a fim de modificar a realidade. É com esse pensamento que se dá a

²⁵ A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizou-se em Medellín, na Colômbia, no período de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968. A Conferência foi convocada pelo Papa Paulo VI para discutir o papel da Igreja no contexto das transformações latino-americanas. Dentre os documentos produzidos nesse encontro, ganhou destaque aquele que refletia sobre pobreza e libertação. Os bispos afirmavam que diante da situação de injustiça e pobreza, a missão pastoral da Igreja é conscientizar os fiéis para ajudá-los a perceber as exigências e responsabilidades de sua fé, em sua vida pessoal e social.

participação das CEB's (Comunidade Eclesial de Base) em iniciativas coletivas de luta de moradores para reclamar a falta de ônibus, coleta de lixo etc. No lugar do pedido de um favor aparecem reclamações de um direito. Tal fato trata da passagem da estratégia da caridade para a da libertação, como afirmou Leonardo Boff (apud SADER, 1989, p. 163). A questão não é condenar a estratégia da caridade, ou seja, a ajuda daqueles que têm algo a oferecer para aqueles que não possuem, já que essa política contribuiu para matar a fome de muitos pobres. Contudo, é importante expor que ela não ataca as causas da injustiça social; diferentemente da estratégia da libertação que “começa por ver nos pobres uma experiência de encontro com Deus e a possibilidade de serem sujeitos conscientes de sua própria libertação.” (SADER, 1988, p. 164).

As esquerdas brasileiras, no final dos anos 1970, encontravam-se em crise, devido à derrota frente à repressão e ao não envolvimento das camadas populares em suas ações. Com isso, foram cada vez maiores os números de militantes que abandonaram suas organizações e mantiveram suas atividades com os trabalhadores, sem as referências das estratégias revolucionárias. A questão era envolver-se com as camadas populares, participando de movimentos sociais e fazer um trabalho de politização em longo prazo.

Dos movimentos sociais desse período, um dos que mais se destacam são as associações de bairros, de amigos de bairros, de moradores de favelas ou, simplesmente, associações comunitárias. Os movimentos de bairros multiplicaram-se muito durante os governos Geisel e Figueiredo. A atuação de grupos de oposição, como a ABI, OAB e CNBB dificultou a ação repressiva do governo, contribuindo para a formação e organização de associações de base.²⁶

As associações mencionadas buscavam alcançar melhorias para o bairro, por considerarem os governos responsáveis pela solução de alguns problemas, tais como: saneamento básico, habitação, limpeza urbana, energia, escolas, creches, pavimentação e coleta de lixo. A partir de uma organização local, em busca de melhorias para seu bairro, a população aprendeu a coordenar campanhas, em nível

²⁶ Para saber mais sobre a evolução e atuação dos movimentos populares ao longo das décadas de 1970 e 1980, ver: DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

estadual e nacional para pressionar o governo, usando de campanhas como o Movimento contra o Custo de Vida ou a Luta pela Anistia.

A estrutura sindical foi esvaziada durante o governo militar. Uma das provas disso foi a aprovação da lei 4.725 de 1965 que estabeleceu o método para os reajustes salariais, determinando que eles não poderiam ocorrer num intervalo menor do que um ano. Tais reajustes seriam calculados com base no salário médio dos últimos 24 meses e com um acréscimo de uma taxa que corresponderia ao aumento da produtividade nacional no ano anterior. Todos esses dados seriam fornecidos pelo governo. Dessa forma, o caráter reivindicatório dos sindicatos era praticamente nulo e, cabia a eles, apenas, papel assistencialista.

Era preciso que surgisse uma nova proposta de sindicalismo para romper com essa situação que, na verdade, só foi aprofundada nesse contexto, mas que decorre dos fundamentos da estrutura sindical criada desde o Estado Novo, quando foi estabelecido um forte rigor na formação, registro e funcionamento dos sindicatos trabalhistas.²⁷ Além disso, havia o controle financeiro exercido pelo governo, por meio do controle na distribuição do imposto sindical, dedução compulsória dos salários de todos os trabalhadores brasileiros, sindicalizados ou não. A própria CLT (Consolidação das Leis do Trabalho)²⁸ determinava como os sindicatos deveriam gastar esse dinheiro com atendimento médico e odontológico, cooperativas e programas educacionais permanentes para seus afiliados. Dessa forma, reforçava-se o caráter assistencialista dos sindicatos e sobrava pouco espaço para representar os interesses econômicos dos trabalhadores.

Nas primeiras manifestações de oposições sindicais na década de 1970, a crítica às características do sindicalismo anterior ao golpe militar, concentrar-se-á na defesa de um modelo alternativo, um “novo sindicalismo”, pautado pela atuação classista e combativa e organizado a partir da base, ou seja, enraizado nas empresas através das organizações por local de trabalho. Orientação classista e ênfase na organização por fábricas seriam então o núcleo dessa proposta de “novo sindicalismo”, formando uma estrutura independente dos patrões e do governo. As

²⁷ Para saber mais sobre a relação do Estado e os sindicatos, ver: MARTINS, Heloísa H. T. de Souza. *O Estado e a burocratização do sindicato no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1978.

²⁸ Para informações sobre a legislação trabalhista, ver: *Consolidação das Leis do Trabalho*: atualizada para 1978. Rio de Janeiro: Gráfica Auriverde, 1978.

primeiras definições para o que seria o Novo Sindicalismo vieram a partir da oposição do que existia antes:

Ele opunha-se, obviamente, ao imobilismo do sindicalismo controlado e reprimido pelos governos militares, mas opunha-se também às formas consideradas como dominantes no movimento sindical pré-64, genericamente denominado 'sindicalismo populista' (MATTOS, 1998, p. 63).

O Novo Sindicalismo começou a caracterizar-se como importante força política em 1977, graças a dois acontecimentos de importância simbólica, segundo Maria Helena Moreira Alves²⁹. Nesse ano, o governo admitiu que os dados oficiais sobre a inflação para os anos de 1973 e 1974 haviam sido manipulados. Como o reajuste salarial era calculado com base nesses dados, isso representou uma perda de 34,1% no salário real do trabalhador. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo iniciou uma campanha para recuperar as perdas salariais e esta abriu caminho para os movimentos grevistas de 1978, 1979 e 1980. Nesses anos, o número de greves cresceu em todo o país e atingiu diferentes categorias profissionais, como metalúrgicos, professores, médicos, trabalhadores da construção civil e dos transportes urbanos, entre outros. Só para se ter uma ideia da proporção do episódio, vale expor um dado: foram 24 greves em todo o país em 1978, depois de 10 anos de aparente imobilidade operária. No ano seguinte foram 113, e em 1980 foram 50³⁰.

O segundo acontecimento foi o congresso de trabalhadores industriais realizado no Rio de Janeiro sob o controle do governo, através da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria. Durante o congresso, ficou declarado o conflito que existia entre os dirigentes sindicais ligados ao governo e as novas lideranças que surgiam. Nele, também, foi elaborado o primeiro documento constitutivo do Novo Sindicalismo, denominado *Carta de Princípios*. Este documento resumia as três questões essenciais colocadas pelo movimento sindical:

²⁹ ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 286-318.

³⁰ As informações sobre as greves de 1978, 1979 e 1980 constam em: ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 286-318.

os problemas nacionais, a política nacional de desenvolvimento e a organização sindical.³¹

Segundo Sader, os movimentos sociais do final da década de 1970 recorreram a estas três matrizes discursivas – Igreja Católica, grupos de esquerda e sindicatos – para repensar o cotidiano dos trabalhadores. No entanto, é preciso ter em mente que estas matrizes não são estanques, no decorrer das lutas sociais elas se mesclam e se transformam. A partir desse referencial teórico, é preciso avaliar em que medida o objeto desta dissertação (o *Jornal dos Bairros*) encaixa-se nessas matrizes discursivas.

1.3.1 Movimentos populares em Belo Horizonte, no final dos anos 1970

O *Jornal dos Bairros* circulou numa região específica do país – a área industrial da região metropolitana de Belo Horizonte. Sendo assim, torna-se importante observar alguns aspectos dos movimentos populares de Belo Horizonte.

Antes de caracterizar esses movimentos, é preciso esclarecer o que se entende por movimentos populares urbanos. O conceito deste nesta dissertação diz respeito às ações coletivas organizadas pelas classes populares³² em prol de melhores condições de vida urbana e de acesso à habitação, ao uso do solo, aos serviços e equipamentos de consumo coletivo, contendo, portanto, como afirma Gohn, “uma problemática urbana que tem a ver com o uso, a distribuição e apropriação do espaço urbano” (GOHN, 1991, p. 34). De acordo com Jacobi (1993), essa problemática urbana é a manifestação da crise gerada pelo crescimento da cidade, decorrente da ação contraditória do Estado, que gera um processo de politização do cotidiano. Nesse sentido, os movimentos populares urbanos se

³¹ O documento *Carta de Princípios* foi publicado no V Congresso Nacional dos Trabalhadores na Indústria, Rio de Janeiro, 29 de junho de 1978. Segundo, Maria Helena Moreira Alves, em *Estado e Oposição no Brasil* (1964-1984), essa carta pode ser obtida nos arquivos do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

³² A expressão é utilizada aqui no sentido dado por Weffort: “(...) todos os setores sociais – urbanos ou rurais, assalariados, semi-assalariados ou não-assalariados – cujos níveis de consumo estão próximos aos mínimos socialmente necessários para a subsistência” (1968, p. 02).

traduzem por diferentes formas de organização popular de resistência da população às condições de vida a que está submetida.

O crescimento urbano, decorrente da industrialização e do êxodo rural, exigiu a expansão da estrutura urbana no que diz respeito aos bens e serviços de consumo individual e também no que dizia respeito aos bens e “serviços coletivos de consumo”³³: educação, moradia, transporte, saúde, etc. Coube ao Estado fornecer os bens e serviços coletivos, mas tal instância não os forneceu de forma adequada, o que gerou uma degradação das condições de vida daqueles estratos mais baixos da população. Com essa degradação, surgiram conflitos sociais e reivindicações que deram origem a movimentos sociais urbanos.

Belo Horizonte, apesar de ser uma cidade planejada, contou, desde sua inauguração, em 1897, com uma carência de bens e serviços de consumo coletivo. A dispersão espacial da população e a insuficiência de serviços de infra-estrutura acompanharam o processo de crescimento da cidade. A carência desses serviços motivou reclamações e a população passou a organizar-se para reivindicá-los.

Em 1902, organiza-se a União dos Moradores de Santa Efigênia para construção da Capela de Santa Efigênia dos Militares e para reivindicar melhorias urbanas. Na mesma década, reúnem-se os moradores da Floresta e Lagoinha para reclamarem abastecimento mais racional de água, e os do Calafate para pedirem a implantação da linha de bonde. (SAMARRIBA, 1984, p. 33).

Essa organização de base local, desde a fundação, foi um traço da cidade, como mostra as reivindicações dos moradores dos bairros de Santa Efigênia e Calafate, ainda nos primeiros anos, após a inauguração de Belo Horizonte.

O golpe civil-militar de 1964 contribuiu para o esvaziamento dos movimentos populares, o associativismo local passou a se manifestar, na periferia, quase exclusivamente em torno das atividades desenvolvidas pelo Serviço Voluntário de Assistência Social (SERVAS)³⁴. A partir de 1974, o processo de abertura política

³³ Termo definido em: SAMARRIBA, M^a das Mercês G.; VALADARES, M^a Gezica; AFONSO, Mariza Rezende. *Lutas Urbanas em Belo Horizonte*. Petrópolis: Vozes, 1984.

³⁴ O Serviço Voluntário de Assistência Social (Servas) foi fundado em 1951, durante o governo Juscelino Kubitschek, em Minas Gerais, para dar apoio à maternidade e à infância. Posteriormente, o trabalho se estendeu para a área educacional. A partir de 1966, a instituição passou a apoiar programas de geração de emprego e renda.

adotado pelo governo militar, a intensificação dos problemas urbanos e a derrota do partido do governo nos grandes centros urbanos, nas eleições legislativas daquele ano, possibilitaram o ressurgimento do associativismo de base local.

As formas associativas que aglutinaram moradores de bairros, vilas e favelas, geralmente denominadas associações comunitárias, constituíam a manifestação mais expressiva do fenômeno do associativismo de base local em Belo Horizonte. Entre os anos de 1974 a 1980 houve a criação do maior número desse tipo de associação. Foram 104 associações fundadas nesse período contra apenas 40, entre os anos de 1965-1973.³⁵ Segundo Samarriba³⁶, esse fato foi atribuído a carência de serviços básicos, causado pelo crescimento desordenado da cidade e o momento político pelo qual passava o país – abertura política. A maior parte das associações tinha como objetivo questões relacionadas às melhorias urbanas (infra-estrutura): luz, água, esgoto, abertura de ruas, calçamentos, equipamentos sociais.

Em meio à efervescência dessas novas associações, é criado o *Jornal dos Bairros*. Para avaliar o seu papel dentro desse novo contexto é preciso conhecer melhor esse objeto de estudo e, é isso, que os próximos capítulos se propõem a fazer.

³⁵ Para mais informações sobre a criação de associações na região metropolitana de Belo Horizonte, no período de 1965 a 1980, ver: SAMARRIBA, M^a das Mercês G.; VALADARES, M^a Gezica; AFONSO, Mariza Rezende. *Lutas Urbanas em Belo Horizonte*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 56-62.

³⁶ SAMARRIBA, M^a das Mercês G.; VALADARES, M^a Gezica; AFONSO, Mariza Rezende. *Lutas Urbanas em Belo Horizonte*. Petrópolis: Vozes, 1984.

Capítulo 2 – Conhecendo *Jornal dos Bairros*

2.1 Matrizes Discursivas na criação de um jornal

A criação da Cidade Industrial, na década de 1940, no município de Contagem, representou um marco importante para a industrialização da região metropolitana de Belo Horizonte. A chegada de importantes indústrias como a Companhia Siderúrgica Mannesman, nos anos de 1950 e a fábrica da Fiat Automóveis, inaugurada em 1976, contribuíram para o aumento da industrialização na região e, conseqüentemente, para o crescimento do número de trabalhadores empregados no setor industrial. Buscando um diálogo com esses atores sociais – os operários – o *Jornal dos Bairros* foi criado em setembro de 1976.

A iniciativa de criação do jornal partiu de um ex-presos político Nilmário Miranda. Desde 1965, Nilmário Miranda vinculou-se à resistência à ditadura militar no Brasil. Foi membro da POLOP (Organização Revolucionária Marxista – Política Operária)³⁷ e preso pela primeira vez em 1968, enquadrado pela Lei de Segurança Nacional³⁸, com a decretação do Ato Institucional 5 (AI-5)³⁹, em dezembro de 1968, entra para a clandestinidade. Preso novamente em 1972 foi libertado em 1975. Nesta segunda prisão, conhece uma jornalista de São Paulo que menciona a existência de um jornal gratuito, chamado *Jornal de Pinheiros*, dirigido por militantes de esquerda, mas que tinha como foco as questões do bairro Pinheiros, em

³⁷ Foi uma organização de esquerda que lutou contra o governo militar, implantado no Brasil a partir de 1964. Com permanentes críticas às posições defendidas pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro), a Polop recusava as opiniões daquele partido sobre a necessidade de uma aliança com as elites nacionais para vencer o imperialismo. Elaborou um programa que exigia transformações socialistas imediatas no Brasil. Deu origem a várias outras organizações, como COLINA (Comando de Libertação Nacional) e VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), entre outras. Para mais informações ver: MIRANDA, Nilmário; TIBÚRCIO, Carlos. *Dos filhos deste solo - Mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*. São Paulo: Boitempo Editorial/Editora da Fundação Perseu Abramo, 1999. REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

³⁸ A primeira Lei de Segurança Nacional foi promulgada em 4 de abril de 1935, durante o governo do presidente Getúlio Vargas, definia crimes contra a ordem política e social. No período dos governos militares (1964-1985), o princípio de segurança nacional ganhou importância. Em 1969, foi aprovada uma nova Lei de Segurança Nacional, por meio do decreto lei nº 898, que definia que a segurança nacional compreende medidas destinadas à preservação da segurança externa e interna, inclusive a prevenção e repressão da guerra revolucionária ou subversiva.

³⁹ Ato Institucional nº 5 foi decretado em dezembro de 1968, inaugurando o período mais repressivo da ditadura militar. Conferia plenos poderes ao presidente para fechar o Congresso, cassar mandatos de deputados e senadores, proibiu o *habeas corpus* para crimes contra a Lei de Segurança Nacional, entre outras medidas que limitavam os direitos políticos e civis dos cidadãos brasileiros.

São Paulo. Quando sai da prisão, tem em mente a criação de um jornal, ligado à resistência ao governo militar, mas que atuasse no campo popular ⁴⁰.

De volta a Belo Horizonte, após oito anos de ausência, Nilmário Miranda busca contato com antigos conhecidos para articular a criação do jornal. O primeiro a ser contactado foi Tilden Santiago (também recém saído da prisão). Este tinha uma experiência como padre operário e, naquele momento, trabalhava como jornalista no *Diário do Comércio* ⁴¹. A este grupo, unem-se os jornalistas Edson Fernandes Martins, também jornalista do *Diário do Comércio* e Fernando Soares Miranda, além de José Amaro Siqueira, jornalista do jornal *De Fato* ⁴². Cada um destes membros iniciais trouxe consigo pessoas de seus relacionamentos, o próprio Nilmário Miranda voltou para a Universidade, não mais de Ciências Econômicas, mas de Jornalismo e acabou trazendo muitos estudantes para participarem do jornal, principalmente estudantes de jornalismo.

Muitos dos membros iniciais do *Jornal dos Bairros* fizeram parte de organizações de luta contra a ditadura militar, mas que, naquele momento, não estavam mais vinculados a estas organizações. Para esses militantes, era hora de reavaliar os caminhos tomados pela esquerda no Brasil e, especialmente, o caminho da luta armada. Esse momento de autocrítica, por parte de alguns membros da esquerda revolucionária, após a derrota definitiva da luta armada em 1974, não era uma exclusividade dos jornalistas do *Jornal dos Bairros*. Essa reflexão permeava, também, a pauta de publicações feitas pela imprensa no exílio, como afirma a historiadora Denise Rollemberg:

No exílio, alguns exilados abandonaram o interesse por política. A maioria, entretanto, o manteve, revendo sua concepção. A democracia foi aparecendo e se impondo como um valor a ser incorporado pela esquerda brasileira marcada, como toda a sociedade na época, por concepções e práticas autoritárias. Novas referências passavam a ser consideradas no projeto de transformação social. Outras se mantêm, se consolidam. A mudança não esteve imune às ambigüidades, num embate com as heranças do passado, que permaneciam, insistiam e, ao mesmo tempo, transformavam-se. (ROLLEMBERG, 2003, p. 291).

⁴⁰ Cf. entrevista com Nilmário Miranda a D.L. Belo Horizonte, 29 de julho 2010.

⁴¹ Jornal fundado em 1932 é um dos mais antigos jornais de economia e negócios editados no país e o único especializado em Minas Gerais.

⁴² Jornal alternativo, fundado em Belo Horizonte, em 1976.

Para os envolvidos com o *Jornal dos Bairros*, era preciso romper com a tradição da esquerda e mobilizar-se junto com a população ⁴³, trazendo novas referências para um novo projeto de transformação social, como afirmou Rollemberg. Essas novas referências começariam a ser elaboradas a partir dos questionamentos das práticas da esquerda brasileira e de uma nova percepção sobre o cotidiano popular. Este passa a ser visto como local de resistência, no qual nascem projetos independentes das camadas populares, mas também é local de conformismo – ponto, portanto, de tensão entre resistência e conformismo, como afirma Sader:

(...) ‘cotidiano’ enquanto lugar de resistência, base desde onde se gesta um projeto autônomo das classes subalternas, livres dos discursos elitistas conformados e institucionalizados em agências que lhes são exteriores. (...)

Mas o cotidiano não pode ser pensado como um lugar mítico onde, em sua pureza, os pobres se apresentam como são, libertos de ideologias estranhas. Melhor vê-lo em sua ambigüidade de ‘conformismo e resistência’, expresso na ‘consciência fragmentada’ da cultura popular. (SADER, 1988, p. 41).

O editorial da primeira edição de circulação do *Jornal dos Bairros* faz uma espécie de carta de apresentação, dirigida diretamente ao público leitor, na qual coloca-se como “um jornal que vai retratar o que existe no seu bairro, na sua rua, no seu comércio, no esporte amador, no futebol da Várzea, na vida enfim da região” ⁴⁴, ou seja, coloca-se como aquele que dialogará com o cotidiano daquelas pessoas. Os fundadores de um jornal, com essas características, não têm uma visão do cotidiano como algo repetitivo, monótono e sem espaço de crítica; ao contrário: eles desejam politizar o dia-a-dia daquela população, alargando o espaço da política. Numa visão diferente da política tradicionalmente instituída, eles buscam novas formas de política, introduzindo-a no cotidiano dos lugares de moradia e de trabalho ⁴⁵.

Desde seu início, o *Jornal dos Bairros* colocava-se como o grande porta-voz do seu público-alvo, ou seja, a população que vivia nos bairros de abrangência do mesmo. No entanto, essa voz popular é filtrada pelo olhar do jornal e essa “voz

⁴³ Cf. entrevista com Nilmário Miranda a D.L. Belo Horizonte, 29 de julho 2010.

⁴⁴ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 0, p.1, 2ª quinzena set. 1976.

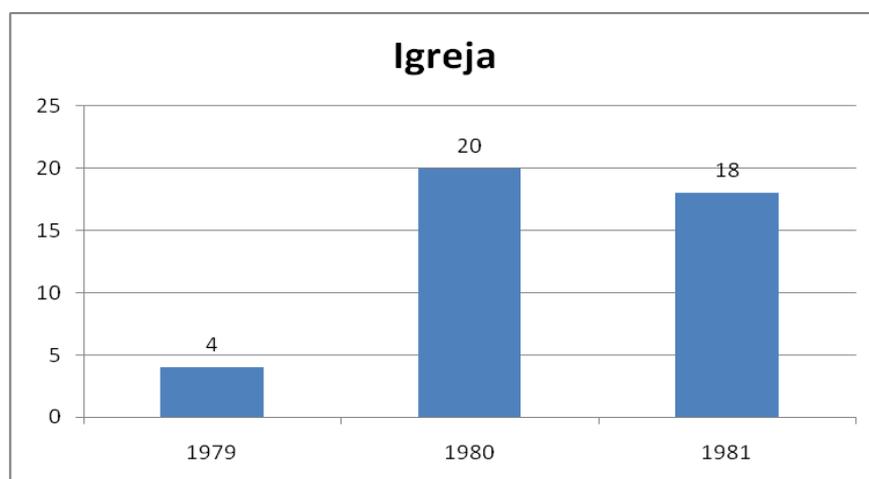
⁴⁵ Veja SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-1980*. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. p. 25-60.

filtrada” alinha-se às matrizes discursivas propostas por Sader e apresentadas no capítulo 1 desta dissertação.

Os fundadores do jornal originam-se de um dos grupos levantados por Sader como responsáveis pela elaboração de novas matrizes discursivas. Eles saíram de setores da esquerda brasileira que reavaliavam suas escolhas e abandonavam suas antigas organizações, mas desejavam permanecer ao lado dos trabalhadores, das camadas populares, sem exatamente, manter o discurso da revolução. Essa identificação de quem fazia o discurso no jornal em nome da população é extremamente importante para reconhecer as características do lugar de onde os discursos são emitidos. A partir daí, é possível perceber os valores que eram invocados e os objetivos que visavam alcançar.

Como apresentado no capítulo anterior, a matriz discursiva originária dos grupos de esquerda, não era a única que ganhava forma no final dos anos de 1970, no Brasil. Havia uma matriz originária da Igreja Católica que sofria com a perda de influência nos meios populares e que tentava se rearticular com a criação das comunidades de base, e havia outra, vinda de um novo discurso sindical que buscava afastar-se da velha estrutura sindical esvaziada pela ausência de função. Com o tempo, o *Jornal dos Bairros* também vai incorporando estas duas matrizes discursivas à medida que a Igreja Católica ganha espaço no jornal, como mostra o gráfico 2.1, e à medida que o jornal se aproxima dos movimentos sindicais.

Gráfico 2.1 – Número de vezes que o tema *Igreja* aparece no *Jornal dos Bairros* (1976-1981)



Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

De acordo com o gráfico 2.1, somente no ano de 1979, o tema *Igreja* aparece, pela primeira vez, no jornal. Nesse ano, a matéria de maior destaque é escrita por um frei, Eduardo Metz, membro da Coordenação de Pastoral do Setor Industrial da Arquidiocese de Belo Horizonte, e aborda a posição dos bispos do Brasil sobre a crise econômica, a mudança política e problemas sociais do povo brasileiro ⁴⁶. Os anos de 1980 e 1981 apresentam um salto muito grande no espaço dado pelo jornal ao tema, são 20 inserções do tema no ano de 1980 e 18 para o ano de 1981. No ano de 1980 é criada uma seção, que vai existir até o fim da publicação do jornal (em 1981) denominada *Coluna da Pastoral*. Nela, freis e padres escrevem sobre temas religiosos, mas também sobre problemas que afligem a realidade brasileira, como mostra o texto do frei Eduardo Metz, publicado em agosto de 1981.

Há muito desemprego, no Brasil e, de modo especial, na Grande BH. Quase todas as empresas estão mandando operários embora. A FIAT no mês passado despediu 1398 empregados. Os motivos que as empresas alegam são sempre os mesmos: recessão econômica, quer dizer, não há mercado para os produtos e por isso deve-se diminuir a produção.

Diante desta situação triste e desesperadora para muita gente, quero colocar um pouco a posição da Igreja diante do fenômeno do desemprego, para ajudar as nossas comunidades a refletir e agir. (...)⁴⁷

O texto do frei Metz segue exatamente os princípios que Sader estabeleceu para a matriz discursiva originária da Igreja Católica ⁴⁸ e apresentada no capítulo anterior. O texto coloca na prática o método, definido pela Igreja Católica, para a ação das Comunidades Eclesiais de Base, do “ver-julgar-agir”. Primeiro ele apresenta a realidade – o desemprego – depois, ele levanta questões para a reflexão – “a pessoa tem direito ao trabalho remunerado”, “todos os desempregados têm direito ao seguro desemprego” – a partir destas colocações, ele reflete sobre uma política econômica que não pode ser excludente, a contribuição de todos no desenvolvimento do país e a necessidade de vida digna para todos os brasileiros. Ao final, ele chama para a ação: “É necessário o povo se organizar, criar uma consciência nacional a

⁴⁶ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 82, p.6, 07 a 20 de dez. 1979.

⁴⁷ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 105, p.2, ago. 1981.

⁴⁸ SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-1980*. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. p. 146-167.

respeito disso e desenvolver toda uma atividade política que vise o bem-estar social dos cidadãos.”⁴⁹ Como o resultado dessa ação é lento, ele convoca os leitores para uma atitude imediata, realização de campanhas em benefícios dos desempregados e que, cada um, reparta um pouco do que tem com os desempregados.

A matriz discursiva originária dos novos movimentos sindicais também encontrou espaço no jornal, principalmente à medida que este começou a destacar as eleições para a diretoria dos sindicatos. Desde o início do jornal, surgiram as primeiras inserções de sindicatos. Elas eram praticamente anúncios de convocação para eleições sindicais e, também, de felicitações para um Feliz Natal e Feliz Ano Novo para seus filiados. Somente a partir do final de 1977 é que o jornal começou a publicar matérias que abordassem questões sindicais como, por exemplo, greves, negociação salarial e eleições sindicais. Sendo que estas não eram veiculadas mais como simples anúncios de convocação, mas apresentando propostas de chapas oposicionistas e entrevistas com sindicalistas.⁵⁰

É importante salientar também que a questão sindical foi uma das primeiras temáticas que extrapolaram a fronteira da área de circulação do jornal. Eram veiculadas informações sobre as lutas sindicais em cidades do interior de Minas Gerais e, também, em outros estados, como Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. Havia uma ênfase nas reivindicações e conquistas de sindicatos localizados em outras regiões do país como se fosse um exemplo a ser seguido pelos trabalhadores da região industrial de Belo Horizonte, Contagem, Betim e Ibirité. Essas conquistas eram colocadas como vitórias de sindicatos combativos bem diferentes do imobilismo de antigos dirigentes sindicais que eram controlados pelo governo. Tal contraposição entre antigas práticas sindicais e novas práticas, ficava mais nítida quando o jornal abria espaço para a fala de alguns operários, como José Antônio Vieira, membro da chapa de oposição que concorria nas eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, em 1978. Ele afirmou que

⁴⁹ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 105, p.2, ago. 1981.

⁵⁰ Dados retirados da coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nºs 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

(...) atualmente o Sindicato está ausente das fábricas. Quando acontece um problema, o operário vai primeiro ao ministério do Trabalho e depois ao Sindicato. O operário está desanimado com o Sindicato. Quando ganharmos as eleições vamos incentivar a organização nas fábricas, único jeito de vigiar cada erro, cada irregularidade. Por isso lutamos por delegados sindicais com imunidade.⁵¹

Este operário propõe exatamente uma das bandeiras do “Novo Sindicalismo”, como apresentado no capítulo anterior: a necessidade que a organização do trabalhador comece pelo chão da fábrica, pela base. A questão da organização nas fábricas torna a aparecer em outra entrevista concedida ao jornal, desta vez pelo presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevade, João Paulo Pires de Vasconcelos. Ele alerta para a importância da formação da comissão paritária para solucionar os litígios que surgem no ambiente de trabalho. Ele afirma que

essa comissão deve gozar a estabilidade provisória no caso de qualquer encaminhamento de reclamação, seja através do Judiciário, ou por via administrativa para ser resolvida através da comissão paritária. Não poderá ser efetuada qualquer dispensa de empregado ou se aplicar qualquer punição sem que antes sejam as questões julgadas pela comissão paritária. Essa vai ser uma grande conquista se a gente conseguir.⁵²

Delineadas as matrizes discursivas que fazem parte do *Jornal dos Bairros*, fica mais fácil compreender suas opções de abordagem e o enfoque dado aos conteúdos veiculados. As experiências cotidianas apresentadas pelo jornal devem ser analisadas a partir destas matrizes discursivas. Já se sabe como opera o discurso apresentado pelo jornal. Por isso, faz-se necessário compreender um pouco da estrutura dessa publicação.

⁵¹ “...vamos incentivar a organização nas fábricas”. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 42, p. 8, 14 a 27 maio 1978.

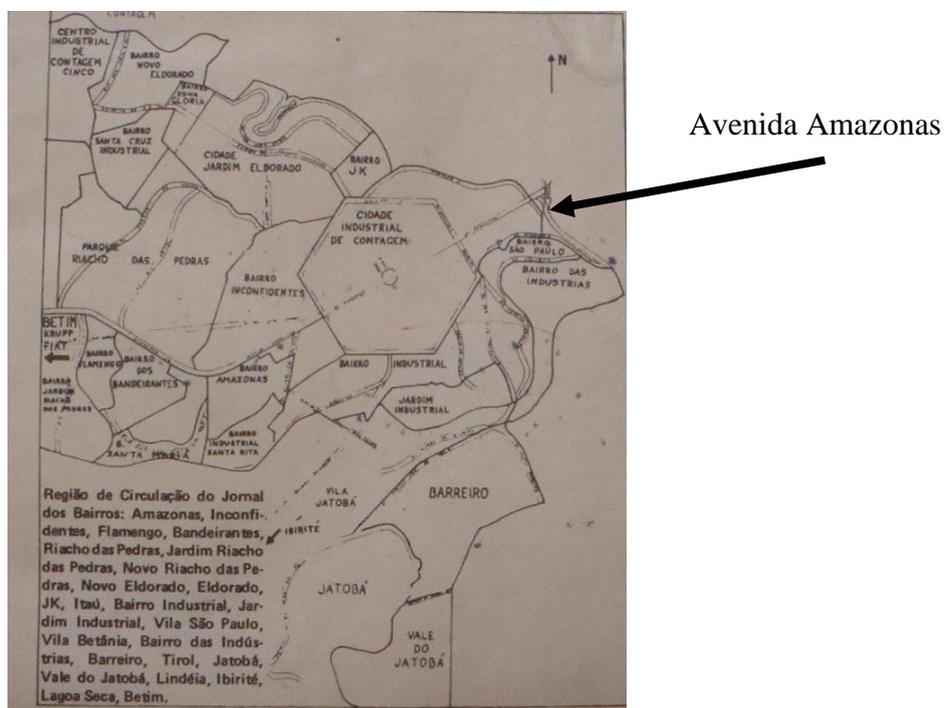
⁵² “Mudança no revezamento da Belgo-Mineira”. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 50, p. 15, 3 a 16 set. 1978.

2.2 A radiografia de um jornal

Existem alguns aspectos de uma publicação que precisam ser observados, antes mesmo que se faça uma análise minuciosa das matérias veiculadas pela mesma. Um aspecto importante já foi observado anteriormente que é saber quem produz o discurso do jornal e quais as referências para a produção deste discurso. Agora, outros aspectos devem ser levados em conta como, identificar seu público alvo e a relação estabelecida entre o jornal e seus leitores, desvendar a origem dos recursos financeiros, conhecer a estrutura da publicação e a divisão de seus conteúdos. Conhecidos estes aspectos será possível uma avaliação mais criteriosa dos assuntos abordados e da forma como isso é realizado pelo jornal.

2.2.1 Origem: circulação e financiamento

Desde o seu nascimento, o jornal circulou na região industrial de Belo Horizonte e em cidades da Grande BH com características industriais como Contagem, Betim e Ibirité.



Mapa 1: Área de circulação do *Jornal dos Bairros*.⁵³

⁵³ Mapa publicado na primeira página da edição nº zero, 2ª quinzena set. 1976, do *Jornal dos Bairros*.

Ao observar o mapa 1, é possível compreender melhor a área de circulação do jornal. Aparece em seu canto direito superior o sentido Norte, essa é a direção de Contagem; ao Sudoeste é apontado Ibirité, e ao Oeste, Betim. Os bairros que aparecem à direita do sentido Leste-Oeste da avenida Amazonas pertencem a Contagem e os que estão à esquerda da avenida pertencem a Belo Horizonte. Ao longo dos anos, o número de bairros atendidos cresceu, ampliando sua circulação para áreas circunvizinhas do pólo original do jornal, mas sempre mantendo sua característica de atender regiões com grande concentração de operários.

O *Jornal dos Bairros* circulou pela primeira vez em setembro de 1976. Sua proposta inicial era de ser uma publicação quinzenal e com distribuição gratuita. Nenhum desses dois propósitos conseguiu se manter até a extinção do jornal, em dezembro de 1981. Devido a questões financeiras, a distribuição gratuita foi interrompida na edição de número 14, em abril de 1977. Na edição seguinte, assim o jornal justificou a cobrança:

O JORNAL DOS BAIROS passa, a partir deste número, a ser vendido por 1 cruzeiro cada exemplar. Continua, também a receber assinaturas anuais, que custam 20 cruzeiros.

A venda do jornal foi uma decisão tomada com a participação dos moradores que distribuem o jornal, que sabem da situação do jornal e que sugeriram o preço de capa. Para todos os leitores, explicamos agora o que já foi dito por nós no número zero. Em setembro do ano passado, quando o jornal foi lançado, dizíamos: “Este jornal chegará às suas mãos gratuitamente, graças aos anúncios do comércio e da indústria da região”. E isso aconteceu. Primeiro, a propaganda eleitoral pagou os gastos iniciais com o jornal. Depois, foi a Bolsa de Empregos a responsável pela sua sustentação.

Mas nos últimos números ocorreram mudanças. A situação econômica do país também se refletiu no jornal. Em razão desta nova realidade, vimo-nos forçados a colocar um preço de capa, para que continuemos cumprindo o que prometemos no número zero: “retratar o que existe no seu bairro, na sua rua, no seu comércio, no esporte amador, no futebol de várzea, na vida enfim da região.

Mas continuamos, como nos primeiros números, a depender do leitor, que deve nos enviar cartas, sugestões, reclamações. Afinal, o jornal continua a ser do leitor.”⁵⁴

⁵⁴ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 15, p.1, 1º a 13 maio 1977.

Os mesmos problemas financeiros levaram o jornal, a partir da edição 86, de fevereiro de 1980, a não obedecer, de forma rigorosa, à periodicidade quinzenal. No entanto, somente na edição 92, de agosto de 1980, o jornal se pronuncia.

Caro amigo, como você já deve ter notado, o *Jornal dos Bairros* não tem sido quinzenal como sempre foi. Os últimos quatro números têm saído mensalmente devido aos problemas financeiros que o jornal atravessa.

No dia 11 de julho foi convocada uma assembléia do Conselho Editorial do jornal e moradores quando cerca de 50 pessoas discutiram a situação do jornal, seus problemas, se ele devia continuar, e como.

Todos concordaram que o *Jornal* é importante para a região e que ele deve continuar com o apoio de todos.

Os representantes de associações, e movimentos da região industrial discutiram nos seus bairros e com seus grupos o que cada um poderia fazer para garantir a sobrevivência do jornal. Entre as principais sugestões está a de se fazer campanha de assinaturas e anúncios nos bairros, festas, uma peça de teatro e melhorar a venda por todos os distribuidores, com acerto rigoroso dos números vendidos.

A continuidade do jornal vai depender fundamentalmente da cooperação de todos e ele continuará a circular mensalmente até a situação se definir melhor.⁵⁵

Os problemas financeiros sempre existiram, desde o início do funcionamento do jornal. Afinal, ele foi criado a partir de doações e do trabalho voluntário de sua equipe. Festas promovidas pelo *Jornal dos Bairros*, para arrecadar dinheiro, ficaram famosas na região⁵⁶. Outra forma de financiamento eram os anúncios publicados pelo periódico; no entanto, essa não era uma tarefa fácil, pois não havia uma tradição de publicidade no comércio da região de circulação do jornal⁵⁷. Esse fato reduzia a capacidade do jornal de vender anúncios para o comércio local, já que os donos desses estabelecimentos não viam a publicidade como um instrumento eficaz para conseguir novos clientes. Alguns amigos donos de empresas anunciavam no jornal, apenas para “ajudar a causa”⁵⁸, como era o caso da *Belorizonte Couros*, loja situada no centro de Belo Horizonte e que anunciou no

⁵⁵ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 92, p.1, ago. 1980.

⁵⁶ Cf. entrevista com Nilmário Miranda a D.L. Belo Horizonte, 29 de julho 2010.

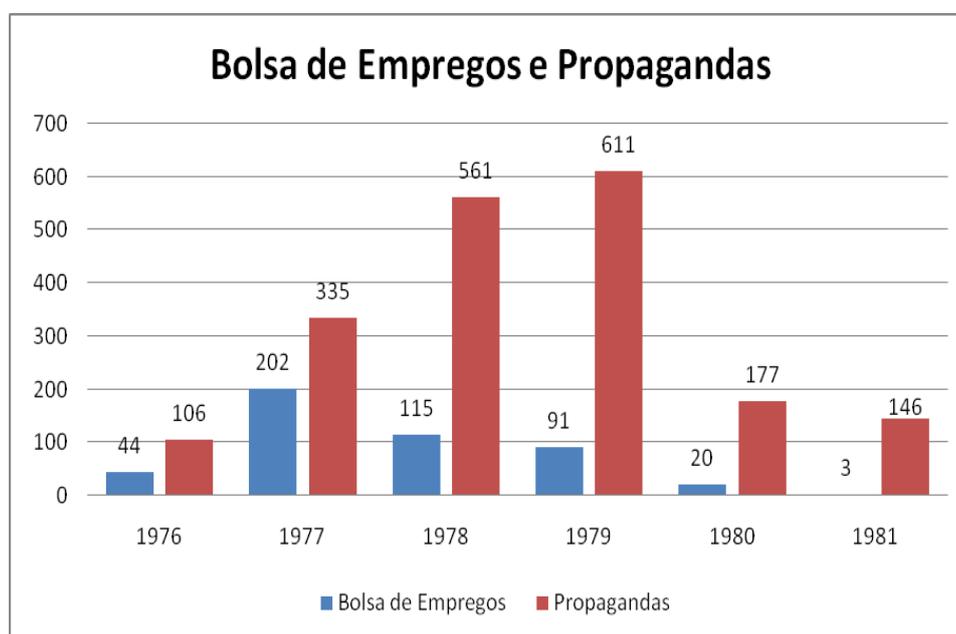
⁵⁷ Cf. entrevista com Nilmário Miranda a D.L. Belo Horizonte, 29 de julho 2010.

⁵⁸ Cf. entrevista com Nilmário Miranda a D.L. Belo Horizonte, 29 de julho 2010.

jornal em todas as suas edições de setembro de 1976 a abril de 1979 ⁵⁹. As grandes empresas da região anunciavam vagas de trabalho, numa seção do jornal denominada *Bolsa de Empregos*, porém, com o tempo, houve uma queda no número de anúncios publicados nesta seção. Observe no gráfico 2.2 o número de anúncios/propagandas e de oferta de empregos que foram veiculados pelo jornal ao longo dos anos.

Pelo gráfico 2.2, é possível observar que sempre houve uma tendência de queda de anúncios na seção *Bolsa de Empregos*, se se desconsiderar o ano de 1976, no qual o jornal só começou a circular em setembro. Nos anos em que o jornal circulou de janeiro a dezembro, ele começa com 202 anúncios de ofertas de trabalho em 1977. O ano seguinte apresenta 115 anúncios; em 1979 são 91 e mesmo levando em consideração que os anos de 1980 e 1981 tiveram metade das edições dos três anos anteriores, a queda permanece com 20 e 3 anúncios, respectivamente.

Gráfico 2.2 – Número de vezes que as seções *Bolsa de Empregos* e *Propagandas* aparecem no *Jornal dos Bairros* (1976-1981)



Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

Esse fato pode ser explicado, primeiro pelo desinteresse de algumas grandes empresas em anunciar no jornal, talvez motivada pela divergência de opiniões entre

⁵⁹ Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro de 1976 à dezembro de 1981.

essas firmas e a linha editorial do jornal, como afirmou, um dos responsáveis pelo jornal, em entrevista concedida para esta dissertação ⁶⁰. A segunda explicação estaria na mudança na linha editorial do jornal ao longo dos anos, que começaria a abrir mais espaço para assuntos de caráter mais abrangente e nacional, passando assim a reduzir o espaço dedicado a assuntos exclusivamente locais (essa questão será discutida mais adiante nesta dissertação).

Movimento um pouco diferente do anterior é observado na veiculação de propagandas. Novamente desconsiderando o ano de 1976, percebe-se que entre 1977 e 1979, o número de anúncios só cresceu. Ele passou, respectivamente, de 335, para 561, até alcançar a máxima de 611 anúncios no ano. Já os anos de 1980 e 1981 apresentam uma grande queda de anúncios, mesmo considerando o fato de terem apenas metade de edições dos anos anteriores: são 177 anúncios em 1980 e, no ano seguinte, apenas 146. Como já foi dito anteriormente, muitos donos de pequeno comércio local não acreditavam no poder da publicidade, mas mesmo assim, os anúncios cresceram nos primeiros anos do jornal. A questão, portanto, é explicar a redução das propagandas nos dois últimos anos. Talvez a penetração do jornal entre seu público-alvo tenha caído, nos últimos anos de sua circulação (posteriormente essa questão voltará a ser avaliada pela dissertação) e esse fato não passou despercebido dos comerciantes locais. Pode ter ocorrido também uma queda no esforço, por parte do jornal, de buscar o apoio desses comerciantes, já que nos últimos anos começou a receber ajuda financeira internacional para custeá-lo.

Antes de comentar a ajuda internacional, é preciso chamar atenção para outro aspecto das propagandas – a propaganda política. Nas edições de números 1, 2 e 3, do ano de 1976 e as edições de números 49 a 55, do ano de 1978, houve um predomínio de propaganda política; afinal, esses foram anos eleitorais. Candidatos a vereador de Belo Horizonte e candidatos a prefeito de Contagem rechearam as páginas do jornal em 1976; e, principalmente, candidatos a deputado estadual (mas também federal e senador) utilizaram as páginas do jornal para divulgar seus nomes na eleição de 1978. Sobre esse tipo de propaganda, o jornal assim se manifestou:

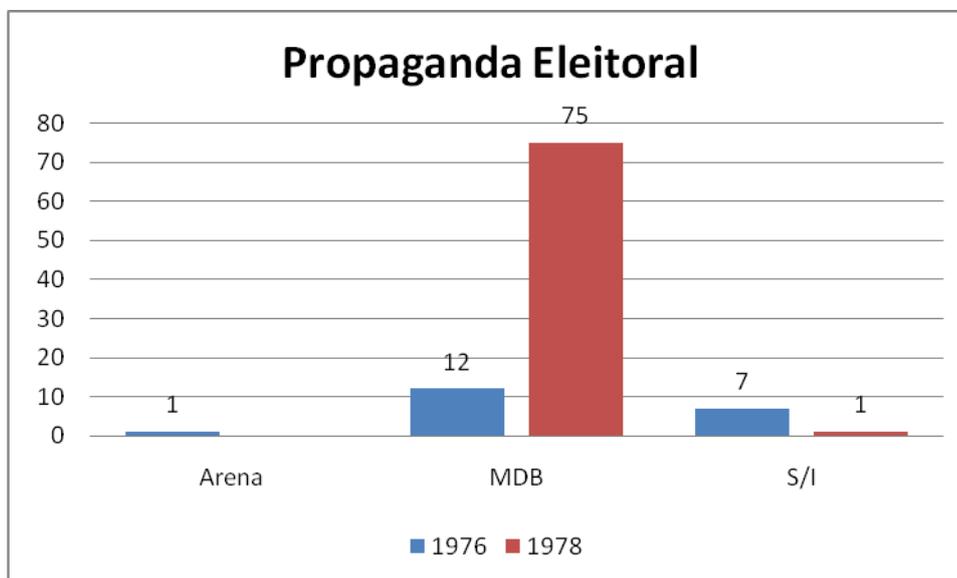
O JORNAL DOS BAIRROS não tem qualquer ligação com candidatos ou partidos políticos. Nosso objetivo é retratar o que existe em seu bairro na sua

⁶⁰ Cf. entrevista com Nilmário Miranda a D.L. Belo Horizonte, 29 de julho 2010.

rua, no comércio, no esporte amador, no futebol de várzea, na vida, enfim, da região, conforme afirmamos em nosso número zero, distribuído no dia 19 de setembro. Sendo um jornal de distribuição gratuita, a sobrevivência do JORNAL DOS BAIROS se torna possível graças aos anúncios de empresas, comerciais, industriais e de serviços, pequenos anúncios e ofertas de empregos, que são cobrados de acordo com nossa tabela de preços. Da mesma forma, a publicação de anúncios de campanha eleitoral é recebida como uma atitude comercial, ou seja, O JORNAL DOS BAIROS está aberto aos candidatos da Arena ou MDB que queiram se apresentar aos eleitores através de nossas páginas.⁶¹

Com esse texto, o jornal reiterou seu objetivo de tratar de questões pertinentes aos moradores dos bairros e deixou claro que não tinha nenhuma relação com a política partidária, fato extremamente importante, visto o contexto que se vivia⁶². No ano de 1978, o mesmo alerta foi dado, ou seja, as propagandas de cunho eleitoral eram vistas como uma atividade comercial. Apesar de o jornal abrir espaço para a propaganda a qualquer um dos dois partidos existentes – Arena e MDB –, a grande maioria das propagandas pertencia a candidatos do MDB, partido de oposição ao governo, como mostra a gráfico 2.3.

Gráfico 2.3 – Propaganda eleitoral: Arena e MDB, nos anos de 1976 e 1978.



Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nºs 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

⁶¹ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 1, p. 2, 1ª quinzena de out. 1976.

⁶² Como abordado no capítulo 1, o contexto tratava-se do início da abertura política do governo Geisel. Esse processo era conturbado e cheio de avanços e recuos a caminho do retorno à democracia. Fato comprovado pelo próprio Pacote de Abril de 1977, lançado pelo governo, com objetivo claro de evitar uma vitória da oposição nas eleições legislativas de 1978. Para evitar qualquer tipo de censura ou sanção ao jornal, ele faz questão de colocar-se como apartidário.

O ano de 1978 apresentou um número de propaganda eleitoral bem maior que o ano de 1976, foram 76 contra 20, respectivamente. E os candidatos dos MDB anunciaram com uma frequência bem maior que os candidatos da Arena, partido do governo. Em 1976, foram 12 propagandas do MDB e apenas uma da Arena; já em 1978 apenas candidatos do MDB anunciaram no jornal. Nesse momento, a linha editorial do periódico estava mais consolidada e, talvez, não interessasse aos candidatos da Arena ver seu nome vinculado a um jornal popular, com matrizes discursivas inovadoras. Em alguns anúncios, não foi possível identificar o partido do candidato. Em 1976, tem-se 7 anúncios sem essa informação e apenas um em 1978; no entanto, a ausência dessa informação não altera a análise do quadro apresentado⁶³.

Das quase duas mil propagandas veiculadas, ao longo dos anos de existência do jornal, mais de mil e oitocentas eram de empresas privadas (vide gráfico 2.4). Foi denominado como *empresa privada* todo tipo de propaganda que não se encaixava nem como propaganda eleitoral nem como de empresa pública. Nessa categoria, incluem-se desde comércio, setores de prestação de serviço, construção civil, indústrias, até anúncios do próprio jornal e de pessoas físicas.

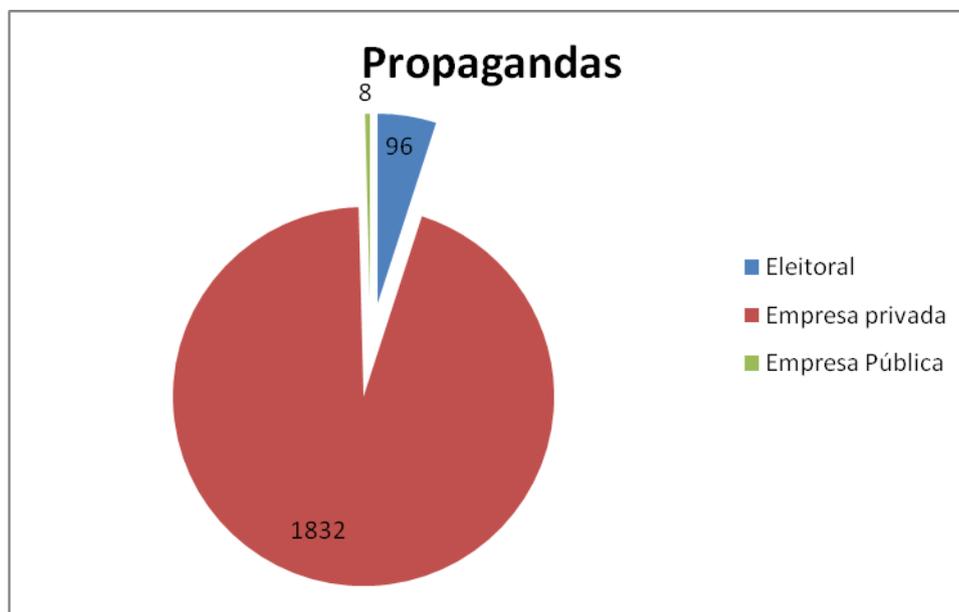
As propagandas do setor público são em quantidade muito baixa: foram apenas oito (vide gráfico 2.4) ao longo de todos os anos. Duas propagandas da Copasa, responsável pelo abastecimento de água de Minas Gerais, duas da Metrobel, empresa responsável pelo transporte urbano de Belo Horizonte, uma propaganda da Caixa Econômica Federal, uma da Caixa Econômica Estadual, uma do DER-MG (Departamento de Estrada de Rodagem) e uma da Cemig, distribuidora de energia do estado foram veiculadas no periódico⁶⁴. A explicação para o reduzido número de propagandas de empresas pública no jornal pode estar ligado à mesma explicação para a pouca propaganda da Arena no período eleitoral: não interessava ao estado ver sua imagem associada a uma publicação cujos responsáveis, ou pelo menos alguns

⁶³ A ausência desta informação não interfere no resultado de que o MDB foi o partido que mais anunciou no *Jornal dos Bairros*, no entanto, este fato leva a um questionamento: qual a razão de alguns candidatos não quererem identificar seus nomes aos seus respectivos partidos? A análise desta questão não é alvo desta dissertação, mas é uma abordagem que poderá ser investigada em pesquisas futuras.

⁶⁴ Todas as propagandas de empresas públicas constam das edições números 5, 21, 32, 48, 50, 98, 100, 107 e 109 do *Jornal dos Bairros*. Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

deles, fossem ligados a organizações de esquerda que atuaram contra o governo militar.

Gráfico 2.4 – Setores das propagandas veiculadas pelo Jornal dos Bairros (1976-1981).



Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nºs 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

Faz-se importante comentar a última fonte de renda que faltava ser analisada: o financiamento internacional. Nos últimos anos de circulação do jornal, uma importante ajuda financeira veio da Europa. Com essa ajuda foi possível manter o jornal ativo e, inclusive, pela primeira vez, contratar funcionários com dedicação exclusiva ao jornal. Quando os recursos vindos dessas instituições internacionais chegaram ao fim, tornou-se inviável continuar a publicação do periódico e suas atividades foram encerradas em dezembro de 1981. Uma dessas instituições tinha sede na antiga Alemanha Ocidental, e chamava-se “Pão para o Mundo”. Tratava-se de organização filantrópica, ligada à Igreja Protestante, voltada para ajudar os países de terceiro mundo. A outra agência financiadora era uma organização católica chamada CEBEMO, com sede na Holanda que visava contribuir para a redução da pobreza nos países em desenvolvimento.

Apesar das doações, festas, anúncios e da ajuda internacional, os problemas financeiros acompanharam o jornal, até mesmo, nos momentos de comemoração. Ao festejar a 100ª edição do jornal a tônica dada foi sobre a dificuldade financeira:

Depois de mais de quatro anos de existência, o JORNAL DOS BAIRROS chega ao número 100. É um marco importante para nós, pois ele prova que o jornal continuou até hoje porque é importante para a região e foi aceito pelos seus leitores. O JORNAL DOS BAIRROS, desde seu início, se propôs a ser um porta-voz dos moradores, denunciando seus problemas, sua miséria, o descaso das autoridades e, principalmente, suas lutas por melhores dias. Justamente por adotar esta posição, ele sempre enfrentou problemas financeiros, nunca conseguindo publicidade suficiente para cobrir seus gastos. Problemas policiais também surgiram, sendo a sede do jornal invadida e saqueada no dia 1º de maio de 1979. Mas o jornal está aí no número 100 e, mesmo tendo cometidos erros, teve pelo menos um acerto: não abriu mão de sua posição ao lado dos pobres e oprimidos. E pretende continuar do mesmo jeito até o nº 200 e por aí em diante. O fortalecimento de associações comunitárias, o surgimento de novas associações de bairro, as creches e, agora, a cobertura e o apoio dados à vitória da Chapa 1 dos metalúrgicos de Betim, nos deram a certeza que continuamos no caminho certo. O JORNAL DOS BAIRROS passou por várias crises e, em todas elas, seus leitores foram consultados e chamados a contribuir na busca de uma saída. A formação do Conselho Editorial, com lideranças dos movimentos da região que, embora nunca tenha conseguido funcionar como queríamos, foi um passo importante para estreitar ainda mais a relação do jornal com os movimentos comunitários. Através dele foi possível conseguir ajuda de fundações religiosas internacionais para garantir a continuidade do jornal. No início do ano passado apresentamos um pedido de ajuda à CEBEMO, da Holanda e à PÃO PARA O MUNDO, da Alemanha Ocidental. Estas e outras fundações européias costumam financiar trabalhos populares nos países subdesenvolvidos. Depois de um ano de estudos, as entidades liberaram verba para a contratação de 5 profissionais, única saída para o jornal continuar. Desde seu aparecimento o JORNAL DOS BAIRROS foi feito e distribuído voluntariamente por pessoas que acreditavam nele, porque ele nunca pôde contratar ninguém. Hoje, com a ajuda das duas entidades que também acreditaram no jornal, ele tem sua continuidade garantida. Agora, com a tranquilidade que precisamos para continuar na luta ao lado dos que sempre mais precisaram de um meio de divulgação próprio, faremos o possível para que o mais breve possível possamos caminhar de novo com nossas próprias pernas.⁶⁵

Para além da questão financeira, o texto de comemoração elaborado pelo jornal apresenta vários pontos que ajudam a elucidar seus objetivos. Reitera o fato de o jornal ser o “porta-voz” de seus leitores e coloca este aspecto como o responsável pelos problemas financeiros que ele sempre enfrentou. Defende sua posição de ficar ao lado do povo, demonstrando que o fortalecimento dos movimentos sociais é a

⁶⁵ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 100, p.2, 1ª quinzena mar. 1981.

prova de sua escolha correta. Coloca o seu público como co-responsável pelo jornal, agradecendo o apoio sempre recebido nos momentos de crise. E, somente ao final, comenta a importância da ajuda financeira internacional recebida para a manutenção das atividades do periódico.

Nas duas últimas edições do *Jornal dos Bairros*, nos meses de novembro e dezembro de 1981, foram anunciadas mudanças que seriam necessárias ao jornal devido, também, as questões financeiras. Os custos eram maiores do que as receitas. Essa relação era atribuída aos seguintes fatores: as vendas e assinaturas eram satisfatórias, mas era preciso aumentar o preço do exemplar vendido. No entanto, isso não era possível, pois o jornal perderia seu caráter popular, inviabilizando sua aquisição pelo seu público alvo; a própria crise econômica que o país atravessava contribuía para elevar os custos do jornal; as receitas advindas da publicidade eram insuficientes, afinal os maiores anunciantes eram os governos e as multinacionais e estes se recusavam a anunciar no jornal devido a sua linha editorial; além disso, a ajuda recebida de entidades internacionais, como a CEBEMO e a PÃO PARA O MUNDO, terminaria em dezembro daquele ano. Diante desse fato, os cinco funcionários que havia no jornal seriam demitidos e o periódico voltaria, como no seu início, a contar apenas com voluntários e com a ajuda da própria população, mais uma vez convocada a ajudar na luta pela manutenção do jornal. Apesar de todo esse quadro de crise, o jornal termina sua edição de dezembro de 1981, garantindo seu retorno em fevereiro de 1982, tempo visto como suficiente para adequar-se às novas realidades.⁶⁶

2.2.2 Os números: edições e tiragem

O *Jornal dos Bairros* era impresso em papel jornal, no tamanho 37 x 28 cm, sempre em preto e branco. Algumas edições, extraordinariamente, possuíam 8 páginas, outras 16, mas o número da maioria de suas edições era de 12 páginas. A capa sempre continha algumas imagens, fotografias ou ilustrações e a chamada para algumas matérias do interior do jornal (ver figura 1).

⁶⁶ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 108 e 109, nov. e dez. 1981.



Figura 1: Capa *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 9, 1ª quinzena fev. 1977.

Ao longo dos anos, foram 110 edições do jornal, começando na edição número zero, de setembro de 1976, até a edição 109, de dezembro de 1981. Entretanto, a coleção do *Jornal dos Bairros* pesquisada para esta dissertação possui

apenas 108 edições. A edição 45, datada de 25 de junho a 8 de julho de 1978, não consta da coleção, e a edição 95 parece que, por um erro de contagem, não existiu, pois a edição 94, de outubro de 1980, é seguida pela edição 96, de novembro de 1980. As 108 edições foram assim distribuídas entre os anos.

Tabela 2.1: Número de edições por ano - *Jornal dos Bairros* (1976-1981)

Ano	Nº de edições
1976	07
1977	26
1978	25
1979	25
1980	13
1981	12

Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

O primeiro ano de circulação do jornal, iniciado em setembro de 1976, contou apenas com 7 edições. Os três anos seguintes – 1977, 1978 e 1979 – com edições quinzenais tiveram aproximadamente o mesmo número de publicações – 26, 25 e 25, respectivamente. Os dois últimos anos, já com a publicação mensal, apresentaram 13 edições em 1980 e 12 em 1981.

A publicação começou com uma tiragem de onze mil exemplares, número que se manteve até a edição 35, de fevereiro de 1978. Essa informação só volta a aparecer na edição 43, de maio de 1978, mas, agora, a tiragem era de dez mil exemplares, valor que se mantém até a edição 58, de dezembro de 1978. Depois dessa data, essa informação não aparece em mais nenhuma edição. Devido aos problemas financeiros enfrentados pela publicação ao longo de sua existência, é de se supor que o valor da tiragem tenha diminuído, apesar dos esforços empreendidos.

A tiragem de onze mil exemplares, quando da distribuição gratuita, era insuficiente para atender a toda a população que morava na região de circulação do

periódico, pois sempre havia nos jornais o pedido de que à medida que fosse lido, fosse repassado a um vizinho ou a um amigo, visando atingir um público maior.

Já estamos atingindo mais de 50 bairros da região industrial. Mas isto não quer dizer que todas as pessoas estão lendo o jornal. A tiragem é pequena ainda para atingir toda a população. Por isto, depois de ler o seu JORNAL DOS BAIRROS empreste-o para seu vizinho ou amigo. Assim, todos ficarão sabendo o que acontece nos bairros da região.⁶⁷

Com uma tiragem insuficiente, acontecia, muitas vezes, de um leitor ter acesso ao jornal numa quinzena e na outro não conseguir um exemplar. Para evitar essa descontinuidade e garantir um público fiel que acompanha todas as edições, o jornal lançou um sistema de assinatura. A partir de março de 1977, quem quisesse receber os 24 números anuais do jornal poderia assiná-lo pelo valor de vinte cruzeiros⁶⁸. Esse valor seria apenas para cobrir despesas de distribuição. Mesmo com o fim da distribuição gratuita, o sistema de assinaturas continuou e sempre que os problemas financeiros tornavam-se mais graves, havia um aumento na campanha de assinaturas, inclusive inserindo cupons de assinatura que deveriam ser devolvidos à sede do jornal, como mostra a figura 2.

FAÇA SUA ASSINATURA DO JORNAL DOS BAIRROS
 Quero receber o JORNAL DOS BAIRROS durante um ano
 Cr\$100,00 – para a Contagem, Betim, Ibirité e Região Industrial de Belo Horizonte
 Cr\$300,00 – para fora da região de circulação do jornal

Estou renovando a minha assinatura sim não

Nome Bairro

Rua N.º Fone.....

CEP Cidade..... Estado.....

Profissão Local de Trabalho

Estou enviando vale postal no valor de ou cheque n.º

pagável em MG, em nome da Corpo Editora Ltda, Rua Hungria, 52 – Eldorado –
 CEP: 32.000 – Contagem- MG – Fone: 351-2416

Figura 2: Cupom de assinatura, *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 103, jun. 1981.

⁶⁷ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 13, p.9, 27 de mar. a 9 de abr. 1977.

⁶⁸ Em 1977 o salário mínimo foi de Cr\$ 768,00 até abril e de maio até dezembro foi de Cr\$ 1.106,40. Isto significa que Cr\$ 20,00 corresponde, em média, a 2% do valor do salário mínimo. Para saber sobre a série histórica do salário mínimo ver: <http://www.jfpr.gov.br/ncont/salariomin.pdf>.

2.2.3 O papel dos leitores

O jornal tinha como objetivo tratar dos problemas e questões de interesse da população que vivia nas regiões contempladas por ele. Daí sua preocupação em fazer com que o leitor fosse, ao mesmo tempo, receptor e emissor das mensagens divulgadas pelo mesmo. Ninguém melhor do que os moradores de cada região para saber o que acontecia por ali, o que era importante e quais eram as suas demandas. Por isso havia um apelo para que os leitores enviassem sugestões e cartas para o jornal. É a partir dessas informações que os jornalistas produziam seus textos.

A todo o momento, a importância do leitor para a realização do jornal é reforçada, assim como a ideia de que ele teria um papel ativo nos rumos tomados pelo jornal. Essa postura torna-se mais nítida quando da criação de um Conselho Editorial para dirigir o jornal, em janeiro de 1980.

Desde sua criação, em 1976, o *Jornal dos Bairros* sempre quis ser um porta-voz do povo, contando a cada 15 dias os problemas, e as lutas populares da nossa região.

Durante certo tempo, o *Jornal* conseguiu cumprir este objetivo: estava presente em todos os momentos importantes, tornou-se um grande auxiliar dos movimentos, em sua caminhada.

Entretanto, já faz um bom tempo que a situação mudou. Os movimentos populares cresceram, tornaram-se muito mais ativos. Enquanto isso, por vários motivos, caiu muito a capacidade de trabalho da equipe do *Jornal dos Bairros*.

O *Jornal* deixou de acompanhar muitos movimentos importantes da região. Em muitos lugares, ele deixou de interessar ao povo e às lideranças do movimento. O *Jornal* perdeu grande parte de sua importância. Sua venda caiu à metade.

A equipe que criou e vem fazendo o *Jornal dos Bairros* reuniu-se várias vezes para discutir esta situação e concluiu que o *Jornal* precisa fazer uma série de mudanças, para voltar a ser realmente um instrumento importante para os movimentos de base.

A principal mudança é: o *Jornal* vai passar a ser dirigido por um Conselho Editorial de 21 pessoas, das quais 15 são lideranças autênticas dos movimentos populares na região e os outros 6 fazem parte da equipe que vem fazendo o *Jornal*.⁶⁹

Esse trecho é emblemático e lança luz sobre uma série de questões. Primeiramente, ele confirma suposição anterior sobre a queda na tiragem do jornal, quando afirma que sua venda caiu pela metade. Corrobora uma afirmação do

⁶⁹ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 85, p.2, de 26 de janeiro a 8 de fevereiro de 1980.

jornalista Bernardo Kucinski, feita em seu livro *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa* que atribui o enfraquecimento dos jornais alternativos à própria abertura política e ao fortalecimento dos movimentos sociais. Kucinski alega que a partir de 1980, a imprensa alternativa, inclusive a de tipo basista, sobrevive “apenas em órgãos de sindicatos e partidos políticos, anteriormente reprimidos, e nos jornais de movimentos populares apoiados materialmente pela Igreja Católica e outras entidades da sociedade civil.”⁷⁰ No texto em que comunica a criação do Conselho Editorial, menciona o crescimento dos movimentos populares e o fato de o jornal não conseguir atender a todas as demandas, buscando, por isso, a ajuda das comunidades e também da Igreja Católica. Fato esse que demonstra como o apoio da Igreja Católica era importante para a manutenção do jornal. Se esse apoio não era financeiro, pelo menos era uma forma de manter a identidade entre o jornal e seus leitores. A partir da edição 85, de janeiro de 1980, em quase todas as edições posteriores até o seu final, o jornal conta com uma coluna escrita por um frei ou padre - coluna essa que, a partir da edição 96, de novembro de 1980, passa a se chamar *Coluna da Pastoral*. É no momento em que a Igreja Católica cresce seu espaço dentro do jornal que, como abordado anteriormente, a matriz discursiva de origem religiosa adquire destaque na publicação, ao lado da matriz discursiva de esquerda e sindical.

A necessidade de criar uma identificação entre o leitor e o jornal esteve presente ao longo de toda a existência da publicação. Um dos recursos utilizados era a própria linguagem. Para que essa aproximação com o leitor fosse sentida por todos, utilizava-se um tom coloquial. Os textos parecem um diálogo direto com o leitor, sem o refinamento da linguagem tida como culta. Um dos entrevistados afirma que o jornal conseguiu captar o “modo como o povo raciocinava”, por isso, evitavam o uso da ironia, da intercalação; utilizavam a ordem direta nas frases e textos curtos; usavam de muitas fotos com legendas, charges e ilustrações.⁷¹

Outro instrumento utilizado para efetuar essa aproximação com o leitor era o símbolo do jornal. Foi escolhida como símbolo, como o ícone que aparece na primeira página ao lado do nome do jornal e que acompanha a numeração das

⁷⁰ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 27.

⁷¹ Cf. entrevista com Nilmário Miranda a D.L. Belo Horizonte, 29 de julho 2010.

páginas, a imagem da escultura do “Trabalhador Anônimo”, obra do artista plástico José Amancius de Carvalho. O artista assim definiu sua obra:

... ela transmite muita coisa do operário. Não digo só pelo sofrimento mas também porque o operário é um lutador, um trabalhador sofrido e ao mesmo tempo alegre, pois o gesto dele de levantar o braço e estender sua mão ao espectador, ao colega de trabalho, está cumprimentando e está despedindo ao mesmo tempo, pois o relógio que tem no peito marca seis horas. Ele traz na mão um martelo, quer dizer, o peso do trabalho.⁷²

Essa escultura localizava-se na Praça da Cemig, local que representava o centro da Cidade Industrial e era uma homenagem ao operário. Popularmente a escultura era conhecida como “Estátua do Salário-Mínimo”, isso porque ela era representada por um homem muito magro (ver figura 3). A maioria dos moradores da região achava que os trabalhadores mereciam uma estátua, mas eram unânimes em achá-la muito feia. Porém uma coisa era certa: ela não passava despercebida por ninguém que circulava pela região.⁷³ Talvez, por esse motivo, tenha sido escolhida como o símbolo de um jornal, voltado para os trabalhadores.

A necessidade de criar uma identidade com os leitores, também fica evidente, na preocupação da equipe do jornal, de ao longo dos anos, sempre aprimorar-se. A diagramação do jornal buscava facilitar a leitura, padronizando as seções e inserindo-as, sempre que possível, no mesmo número da página nas diferentes edições, ou seja, se uma seção apareceu na página 2, ela aparecerá sempre nesta página nas diferentes edições.

⁷² *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 8, p.7, 2ª quinzena de jan.1977.

⁷³ Para maiores informações sobre a opinião dos moradores sobre a estátua do Trabalhador Anônimo, veja: *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 15, 1º a 13 de maio 1977.

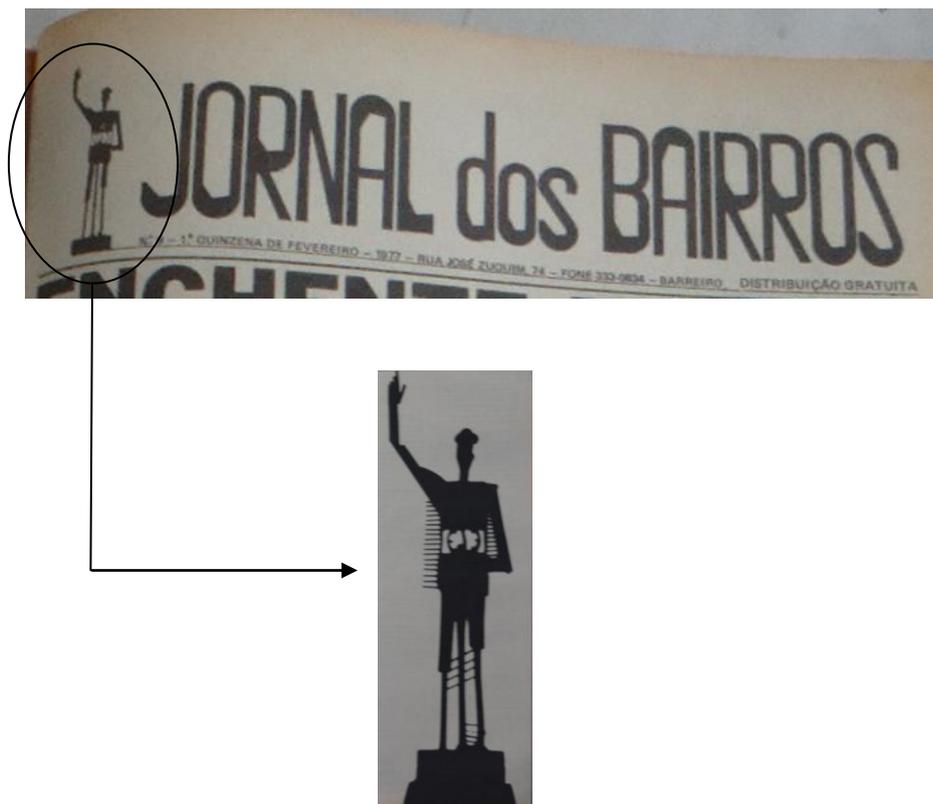


Figura 3: Estátua do Trabalhador Anônimo, *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 9, 1ª quinzena fev. 1977.

A diagramação sofreu uma reformulação a partir da edição 66, de abril de 1979. Nessa nova fase, as ilustrações ganharam destaque, os nomes das seções vieram acompanhados de desenhos, o que facilitou sua identificação e, portanto, configurou-se como uma nova estratégia de comunicação. As figuras 4 e 5 apresentam a seção “Reclamações e Notas” antes e depois da nova diagramação, respectivamente. Além disso, muitas matérias vinham acompanhadas de ilustrações (ver figura 6), não apenas de fotografias. Percebe-se que foram mudanças que facilitaram a leitura, identificação dos assuntos de interesse e compreensão das notícias. Tal procedimento foi uma forma de atingir de maneira mais direta o leitor, inclusive elevando sua auto-estima. Aliás, o próprio lema do jornal já colaborava para isso: “Jornal dos Bairros – onde os problemas do seu bairro são importantes”.

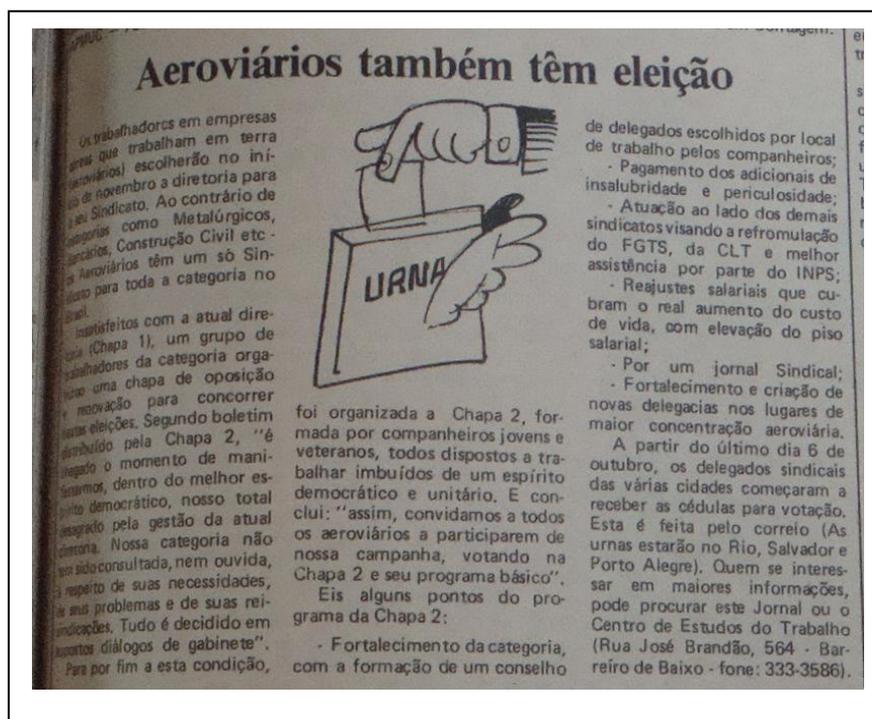


Figura 6: Ilustração sobre a matéria de eleição no Sindicato dos Aeroviários. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 79, p. 11, 26 out. a 8 nov. 1979.

2.2.4 A divisão dos conteúdos

Para fazer um estudo detalhado de todas as edições do *Jornal dos Bairros*, optou-se por elaborar um banco de dados⁷⁴. Neste, foi montada uma planilha, a partir do programa Excel, da Microsoft. Foi lido todo o conteúdo do jornal e para cada conteúdo foram extraídas informações básicas que compunham o banco de dados, como: data, número da edição, página, identificação do tema e subtema, detalhamento da informação e a seção na qual o conteúdo estava inserido. Identificar a seção era um dos pontos fundamentais para compreender a distribuição dos conteúdos dentro da estrutura do jornal.

Definiu-se como “seção” as partes do jornal que apresentam títulos próprios e que se repetiam em mais de uma edição. Todavia, para efeito de elaboração do banco de dados, só essa definição não bastava. Alguns conteúdos não estavam inseridos em nenhuma seção específica, mas eles precisavam constar na planilha de dados, então foram criadas “seções virtuais”. As mais importantes dentro desta

⁷⁴ A elaboração desse banco de dados foi adaptada a partir das orientações de MORIN, Violette. *Aplicação de um método de análise da imprensa*. 1960 (mimeo).

categoria virtual foram as seções: *Manchete*, para identificar os conteúdos que ocupavam as primeiras páginas do jornal; *Reportagens*, toda matéria que não estava vinculada a nenhuma seção específica e que possuía um título próprio para o texto jornalístico recebeu genericamente o nome de reportagem ⁷⁵; e, por último, a seção *Propagandas*, incluindo todos os anúncios veiculados pelo jornal.

Para o banco de dados, foram computadas cerca de trinta seções diferentes. Algumas existiram desde o início da publicação até o seu final, outras foram introduzidas ao longo do tempo e tiveram duração longa; já algumas permaneceram em apenas algumas edições. Não é o objetivo apresentar todas as seções (afinal, algumas duraram muito pouco), mas é objetivado nesta dissertação comentar aquelas que foram mais relevantes dentro da proposta do jornal. A tabela 2.2 apresenta um quadro geral da distribuição das seções ao longo dos anos.

De acordo com a tabela 2.2, apenas sete seções estiveram presentes ao longo de todos os anos. São elas: *Propagandas*, *Reportagens*, *Indicador Profissional*, *Manchete*, *Bolsa de Empregos*, *Cartas/Leitores* e *Crianças*. Dessas, três já foram comentadas, e tratam das chamadas “seções virtuais”, aquelas criadas para designar partes essenciais do jornal que existiriam mesmo se não houvesse nenhum critério de divisão de conteúdos por parte da publicação. Esse fato explica por que elas existem durante todo o período. São elas *Propagandas*, *Reportagens* e *Manchete*.

⁷⁵ É preciso distinguir três gêneros jornalísticos que muitas vezes se confundem: artigo, notícia e reportagem. Artigo analisa um fato ou uma série de fatos em relação ao contexto político, social, econômico ou comportamental, vem sempre assinado e seu autor eventualmente inclui, de forma implícita ou explícita, sua opinião, sua visão pessoal ou suas conclusões. As diferenças entre notícia e reportagem são sutis. A primeira é imediatista, relata o que acabou de acontecer, a segunda trata de assuntos, e não necessariamente de fatos novos, seu objetivo expor uma situação ou interpretar fatos. Nesta dissertação optou-se por não diferenciar estes gêneros jornalísticos, todo conteúdo informativo que não fez parte de nenhuma seção do jornal foi inserido na “seção virtual” *Reportagens* e denominado genericamente de “matéria jornalística”, sem fazer referência ao seu gênero. Para saber mais sobre as diferenças desses gêneros jornalísticos, ver: FRANCESCHINI, Felipe. Notícia e reportagem: sutis diferenças. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 22, p. 144-155, jan/jun 2004.

Tabela 2.2: Número de informações ⁷⁶ em cada seção ao longo dos anos – *Jornal dos Bairros* (1976-1981)

Seção	1976	1977	1978	1979	1980	1981	Total geral
Propagandas	106	335	561	611	177	146	1936
Reportagens	51	230	364	449	205	171	1470
Notas e Reclamações	62	328	325	116	15	-	846
Indicador Profissional	47	181	173	202	80	68	751
Manchete	27	138	154	155	81	59	614
Bolsa de Empregos	44	202	115	91	20	3	475
Associações de Bairros	-	65	151	112	42	15	385
Cartas/Leitores	29	168	69	35	8	9	318
Esportes	31	72	63	30	-	-	196
Curtas	-	120	49	-	-	-	169
Crianças	4	31	24	30	6	10	105
Tirinhas	10	44	27	8	-	-	89
Trabalhadores que se oferecem	-	71	2	1	-	-	74
Pequenos Anúncios	1	16	19	-	-	-	36
Fatos Trabalhistas	-	-	33	-	-	-	33
Coluna	3	10	3	7	-	9	32
Assuntos Trabalhistas	-	17	5	-	-	-	22
Fatos Sindicais	-	-	17	-	-	-	17
Betim	-	-	-	-	7	8	15
Ibirité	-	-	-	-	8	6	14
De Olho na Câmara	-	-	-	-	-	10	10
Custo de vida	-	8	-	-	-	-	8
Curtas e Grossas	-	-	-	-	-	8	8
Coluna da Pastoral	-	-	-	-	1	6	7
Pequenas Notícias	-	3	4	-	-	-	7
Imóveis Aluguel	-	-	6	-	-	-	6
Conselhos de Saúde	3	2	-	-	-	-	5
Foto Jornal	-	2	-	-	-	-	2
Venda Nova	-	-	-	-	-	2	2
Errata	-	2	-	-	-	-	2
Fotos Legenda	-	2	-	-	-	-	2
Total geral	418	2047	2164	1847	650	530	7656

Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

⁷⁶ Para efeito desta dissertação todo conteúdo retirado das edições do *Jornal dos Bairros* e inserido no banco de dados será denominado de “informação”, por exemplo: na seção *Reportagens*, da edição n^o 6 do jornal, foi veiculada uma matéria sobre “fila na porta de escola”, depois de inserido no banco de dados, esta matéria equivale a uma “informação” ou “item”.

A seção *Indicador Profissional* era uma espécie de propaganda, composta por anúncios de laboratórios e clínicas, dentistas, advogados, contadores e médicos, localizados no centro de Belo Horizonte ou nos bairros de circulação do jornal. Essa característica da seção explica a sua longa duração. Afinal, por ser uma propaganda, significava fonte de renda para o jornal, interessando em mantê-la por mais tempo. A figura 7 mostra como era a disposição dessa seção no jornal.

INDICADOR PROFISSIONAL				
DENTISTAS DRA. DINAH BARBOSA CONSUL TÓRJO ODONTOLÓGICO CRO - 3641 Clínica - ODONTOPEDIATRIA Dentas, Cirurgia, Nova Fil Av. João Cesar de Oliveira, 650 - Iguá 10 Fone - 331-1270 - horário: 8:00 às 11:00 e 13:00 às 20:00 horas BREVEMENTE: Plantão diurno e noturno	CLÍNICA CLÍNICA NEUROLÓGICA Hospital Santa Helena Dr. Gustavo Costa Valadão CRMGM - 5049 - NEUROCIRURGIA DR. DIOMAR SOUSA LEAL CRMGM - 6693 - NEUROLOGIA R. das Czaquinas, 64 - fone: 351-3644	LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS DOMICIANO VIEIRA BIOQUÍMICOS RESPONSÁVEIS Dr. José Ribamar S. Villela - CRFMG 3159 Dr. Délio Campolina - CRFMG 2888 Exames de: Sangue, Fezes e Urina Espermograma, Teste de Gravidez e Pré-Natal CONVÊNIO com: INPS, PETROBRAS E MEDICAR Atendimento Diariamente das 7 às 11 e das 13 às 17 horas. Aos sábados das 7 às 11 horas Rua Gerson Coelho, 269 - Barreiro, em frente ao Comercial Esporte Clube Fone: 333-0266 Ônibus - Linha 100 - Barreiro de Baixo	ADVOGADO PLÍNIO ARANTES Rua São Paulo, 638 - sala 711 Fone: 201-8731 SÉRGIO BITTENCOURT OAB 24428 CAUSAS TRABALHISTA R. Alvarenga Peixoto, 554 Fone: 337-6369 das 16 às 18 horas	
DR. JOSÉ FONTOURA DUTRA CLÍNICA ODONTOLÓGICA CRO - 2041 CLÍNICA GERAL Praça São Vicente, 18 - Progresso	LABORATÓRIO LABORATÓRIO DE ANÁLISES DR. JOSÉ PIO CARDOSO CRM 1423 EXAMES DE URINA, SANGUE, FEZES, etc CONVÊNIO COM O INPS Rua Rui Barbosa, 33 J - esq./Av. Tito Fulgêncio - Fone: 333-9799		CONTADOR ESCRITÓRIO CONTÁBIL FONSECA LTDA. ASSUNTOS CONTÁBEIS EM GERAL ESCRITÓRIOS REGULARES E FISCAIS Rua Cariloba, 778 - Conj. 407 e 408 Tele. 226-2708 e 226-8967 Belo Horizonte	

Figura 7: Seção *Indicador Profissional*. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n.º 22, p. 11, 7 a 20 ago. 1977.

Voltada para o público infantil, a seção *Crianças* contava com brincadeiras, como cruzadinhas, labirinto, imagens para colorir e concursos. Acompanhavam essa seção, quadrinhas ou histórias em quadrinho. Nesse caso, a temática estava, geralmente, ligada ao universo infantil. Possuir uma seção direcionada às crianças demonstrava uma preocupação em tornar o jornal agradável para toda a família e, quem sabe, contribuir para a formação do futuro cidadão. Prova da importância que essa seção tinha para o jornal é que mesmo com alterações na linha editorial, advindas com o tempo, ela permanece até o fim da publicação, mesmo que a partir de 1979, ela não apareça em todas as edições⁷⁷, diferentemente do que aconteceu, por exemplo, com a seção *Esportes*.

A seção *Esportes* aparecia na última página do jornal, com matérias principalmente sobre os campeonatos de futebol da região e em algumas edições sobre campeonatos de vôlei. Outras categorias esportivas praticamente não são

⁷⁷ Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n.ºs 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

contempladas. A partir da edição 10, a seção passa a contar com uma quadrinha exclusiva sobre futebol. Ao final de 1979, este tema não é mais abordado no jornal, como mostra a tabela 2.2, e esta seção foi extinta em 1980. A seção *Esportes* desempenhou um papel muito importante no início do jornal. Ela era um elemento de identificação do público alvo com o periódico. O próprio jornal escreveu na apresentação da sua primeira edição que um de seus objetivos era informar sobre o esporte amador e o futebol de várzea de sua região de circulação ⁷⁸. A ausência dessa seção nos últimos anos de existência do jornal comprova a mudança da linha editorial do mesmo, que passou a abordar temáticas mais gerais e de interesse nacional, não apenas local.

Uma das seções que esteve presente em todos os anos de existência do jornal e que, também, já foi comentada nesta dissertação foi a seção *Bolsa de Empregos*, informava sobre ofertas de empregos, principalmente para a área de construção civil (serventes, pedreiros, carpinteiros, armadores, etc.). Outra seção ligada à mesma temática era *Trabalhadores que se Oferecem*, ao contrário da *Bolsa de Empregos*, agora, era o trabalhador que oferecia sua mão-de-obra. Assim o jornal apresentou essa seção que aparece de maneira constante de fevereiro a junho de 1977 e, depois, de maneira isolada em mais três edições, duas em 1978 e uma em 1979, como comprova a tabela 2.2.

Aqui, nesta Bolsa de Empregos várias empresas têm feito seus pedidos de mão de obra. Agora chegou a vez dos trabalhadores oferecerem seus serviços. A partir do seu próximo número o JORNAL DOS BAIRROS terá uma nova seção, onde todos os trabalhadores ou trabalhadoras, profissionais ou autônomos, que queiram oferecer seus serviços, poderão fazê-lo gratuitamente. Se você está interessado, é só escrever para o JORNAL DOS BAIRROS mandando os seguintes dados pessoais: Nome; profissão ou cargo; pretensão salarial; grau de instrução. O endereço é: Rua José Zuquim, 74 Barreiro. ⁷⁹

Essas duas seções (*Bolsa de Emprego e Trabalhadores que se oferecem*) confirmam uma importante característica do *Jornal dos Bairros*: a prestação de serviço à população. Além dessas duas seções, é possível citar, com essa mesma

⁷⁸ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° zero, 2ª quinzena set. 1976.

⁷⁹ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 8, p. 9, 2ª quinzena jan. 1977.

preocupação, as seções: *Pequenos Anúncios*, *Conselhos de Saúde* e *Reclamações e Notas*.

A seção *Pequenos Anúncios* tinha por objetivo apresentar anúncios particulares ou de pequenos comerciantes que queriam vender, trocar ou comprar objetos ou serviços. A seção parece não ter funcionado muito bem, pois, como mostra a tabela 2.2, ela existiu apenas nos três primeiros anos do jornal. Aparece na edição de número 1 e só volta a aparecer na edição 14, a última veiculada gratuitamente e, estende-se de maneira inconstante até a edição 54, de outubro de 1978. Depois dessa data, não aparece mais.

De forma não contínua, aparece a partir da edição de número 3, a seção *Conselhos de Saúde*. Nela a população é informada sobre doenças, suas causas e medidas de prevenção, como tuberculose, gastroenterite, raiva, paralisia infantil e gripe. São os temas das cinco edições que veicularam a seção, demonstrado pela tabela 2.2.

A seção *Reclamações e Notas*, por sua vez, aparece já na primeira edição do jornal e permanece até junho de 1980, na edição 90. A partir da edição 4, ela é dividida com o nome dos bairros (*ver figuras 4 e 5*), o que demonstra uma preocupação em facilitar para o leitor a visualização de notícias do seu bairro. Essa seção apresenta as demandas da população e é elaborada com a informação dada por algum morador do bairro. De posse de tal dado, um jornalista vai até o local, confere a informação e, a partir daí, produz a matéria⁸⁰.

Essa seção diferencia-se da seção *Leitores* que mais tarde passará a se chamar *Cartas*, porque nesta, não há uma confirmação da informação recebida, por parte do jornal. É publicada a carta enviada pelo leitor com a assinatura de seu nome. Por ter tal identificação, ele é o responsável pela informação. Da mesma forma que a seção anterior, com o tempo ela passa a ser dividida com o nome dos bairros. Desta maneira o jornal chamou a participação para a seção *Leitores*:

O JORNAL DOS BAIRROS pretende continuar agradando aos seus leitores. Para ser cada vez melhor, precisamos saber a opinião dos leitores a respeito do jornal. Precisamos principalmente, de sugestões dos leitores sobre o bairro onde moram e em que o jornal circula. O leitor atento e interessado contribui para um jornal melhor. Você está ligado ao que ocorre no lugar

⁸⁰ Cf. entrevista com Nilmário Miranda a D.L. Belo Horizonte, maio de 2008.

onde vive, pode comunicar-se conosco, sugerindo assuntos, falando dos acontecimentos do bairro, mostrando o que existe de bom e o que pode ser melhorado. Escreva ou telefone para nossa redação, revelando as festas, promoções, as dificuldades que existem nos bairros.⁸¹

Com essa chamada, o jornal reitera seu compromisso de construir a pauta junto com os leitores e reforça a ideia de que com interesse e participação de todos é possível melhorar o bairro. O jornal tentou manter esse diálogo durante todo o tempo, tanto que essa seção também existiu em todos os anos, como mostra a tabela 2.2, apesar do número de informações publicadas nos últimos anos terem sido bem menores que nos seus primeiros tempos. Esta queda é perceptível mesmo quando se leva em consideração que nos últimos anos o número de edições foi menor, como mostrou a tabela 2.1.

Pela sua relevância, vale a pena destacar mais uma seção apresentada na tabela 2.2 – *Associações de Bairros*. Ela aparece pela primeira vez em 1977 e continua até o último ano de publicação. Seu objetivo era informar sobre as reuniões, lutas e reivindicações das associações de moradores dos bairros de abrangência do jornal. Os dados contidos na seção mostram-se importantes para compreensão da luta social do final dos anos de 1970 e início de 1980 na região industrial de Belo Horizonte. Esses dados serão avaliados no próximo capítulo.

As outras seções que aparecem na tabela 2.2 têm uma duração muito curta ou um número de informação muito pequeno. Juntas às dezoito seções (*Curtas, Tirinhas, Fatos Trabalhistas, Coluna, Assuntos Trabalhistas, Fatos Sindicais, Betim, Ibirité, De olho na Câmara, Custo de Vida, Curtas e Grossas, Coluna da Pastoral, Pequenas Notícias, Imóveis Aluguel, Foto Jornal, Venda Nova, Errata e Fotos Legenda*) somam 445 informações de um total geral de 7.656 informações publicadas no jornal, ao longo de todos os anos. Esse valor corresponde a pouco mais de 5% do total de informações veiculadas pelo periódico o que acaba agregando pouco valor para uma análise mais geral do periódico, por isso não cabe detalhá-las uma a uma neste momento.

Feita a radiografia do *Jornal dos Bairros*, ou seja, identificado quem produzia seu discurso e como ele era produzido, para quem ele era dirigido, como era financiado, como seu conteúdo era distribuído, é possível partir para uma análise

⁸¹ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 2, p. 2, 2ª quinzena de out. 1976.

mais detalhada dos temas abordados pelo periódico e, a partir deles, desvendar alguns aspectos do cotidiano dos moradores da região de circulação do jornal. São esses os desafios colocados para o próximo capítulo.

Capítulo 3 – O cotidiano dos bairros

O *Jornal dos Bairros* propunha-se ser a voz dos moradores dos bairros que abrangia, como afirmaram alguns dos entrevistados ⁸² e, na própria apresentação contida na primeira página da edição de número zero, informava que o jornal iria “retratar o que existe no seu bairro, na sua rua, no seu comércio, no esporte amador, no futebol de Várzea, na vida enfim da região” ⁸³. Sendo assim, a publicação torna-se uma das fontes importantes para compreender o dia-a-dia e as necessidades daquela população, além de ser possível vislumbrar a relação do jornal com o contexto político da época de sua circulação, 1976-1981.

Uma das teorias da comunicação denominada “agenda setting” ⁸⁴, afirma que as pessoas têm a tendência a discutir aquilo que é publicado pela mídia, ou seja, se um tema é largamente publicado, o leitor passará a tê-lo como tema de discussão. Se o *Jornal dos Bairros* propõe-se a ser a voz de seu público-alvo, ou seja, a voz dos moradores dos bairros por onde ele circulava, pode-se supor que ao abordar determinadas temáticas ele o faz por se tratar de demandas de seu público-leitor, mas, ao mesmo tempo, a medida que o jornal torna essa temática recorrente, ele contribuiu para reforçar essa discussão entre seus leitores. Dessa forma, reforça, o “agenda setting” como uma via de mão dupla. Por essa razão, acredita-se que uma das formas de tentar conhecer e compreender o cotidiano dos bairros, por meio do jornal, é desvendando os principais assuntos tratados no periódico, percebendo as temáticas que mais fizeram parte de suas edições.

Foram inseridas no banco de dados 7665 informações, retiradas de todas as edições do *Jornal dos Bairros*, desde propagandas, cartas de leitores, notinhas de reclamações até matérias que exigiram uma cobertura maior por parte do jornal.

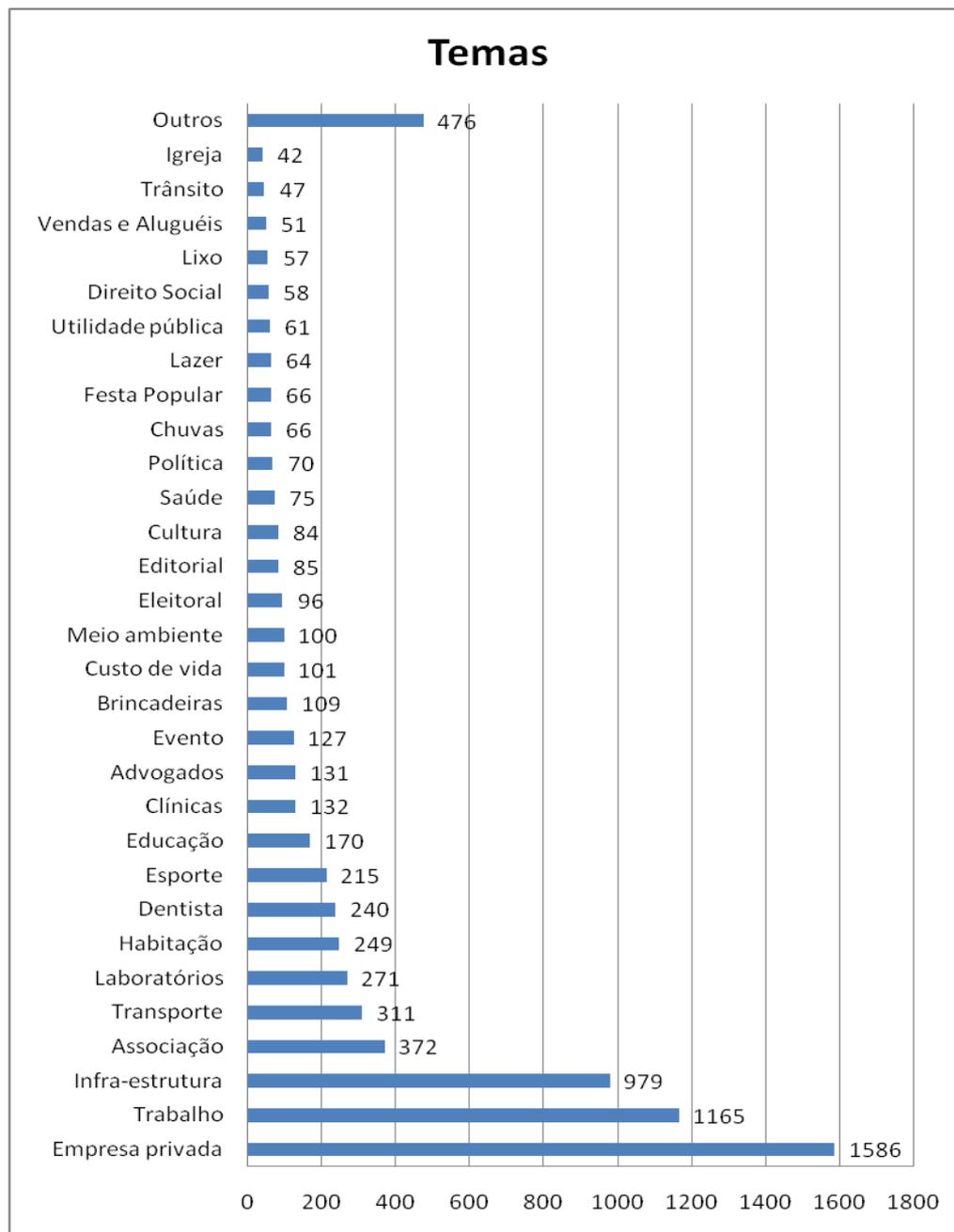
⁸² Cf. entrevista com Sálvio Humberto Penna e Stael Luiza Santana a D.L. Belo Horizonte, 18 e 21 de julho de 2010, respectivamente.

⁸³ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 0, p.1, 2ª quinzena set. 1976.

⁸⁴ Alguns críticos não definem o “agenda setting” como uma teoria, mas como uma hipótese. A teoria seria um paradigma fechado, acabado, enquanto a hipótese significa um caminho a ser comprovado, se não funcionar numa situação específica, não invalida sua utilização em outras situações. Para acompanhar esta discussão ver: BRUM, Juliana de. A hipótese do agenda setting: estudos e perspectivas. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n35/jbrum.html>> Acesso em 30/07/2010. Para saber mais sobre as teorias da comunicação ver: TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004. WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. 6ª ed., Lisboa: Presença, 2002.

Essas informações foram agrupadas em seções, como mencionado no capítulo anterior, mas elas também foram agrupadas por temas, ou seja, o mesmo tema podia aparecer em seções diferentes do jornal. Foram 71 temas que reuniram os 7656 itens de informação. O gráfico 3.1 mostra os temas que mais aglutinaram itens, conseqüentemente aqueles que mais apareceram ao longo dos anos.

Gráfico 3.1 – Número de vezes que cada tema aparece no *Jornal dos Bairros*



Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nºs 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

Foram reunidos sob a denominação de *Outros* 41 temas. No entanto, individualmente, cada um deles compreende menos de 0,5% do total de informação, e, em conjunto, somam 476 itens o que representa pouco mais de 6% do total. Esse valor foi considerado inexpressivo para a análise que se quer no momento.

É preciso destacar um aspecto: esse gráfico não leva em consideração em qual seção do jornal o tema apareceu. Por isso, é preciso filtrar um pouco mais essas informações para evitar incorreções. Exemplo disso é o item (*empresa privada*) que mais se faz presente. De 1586 vezes em que aparece, apenas em cinco ocasiões ele não se refere à seção *Propagandas*, como é demonstrado pelo gráfico 3.2. Ou seja, em mais de 99,5% das vezes em que este tema apareceu no jornal foi em anúncios de propaganda, e, para a análise que se quer nesta dissertação esse dado é irrelevante.

Gráfico 3.2 – Seções em que aparece o tema *empresa privada*



Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

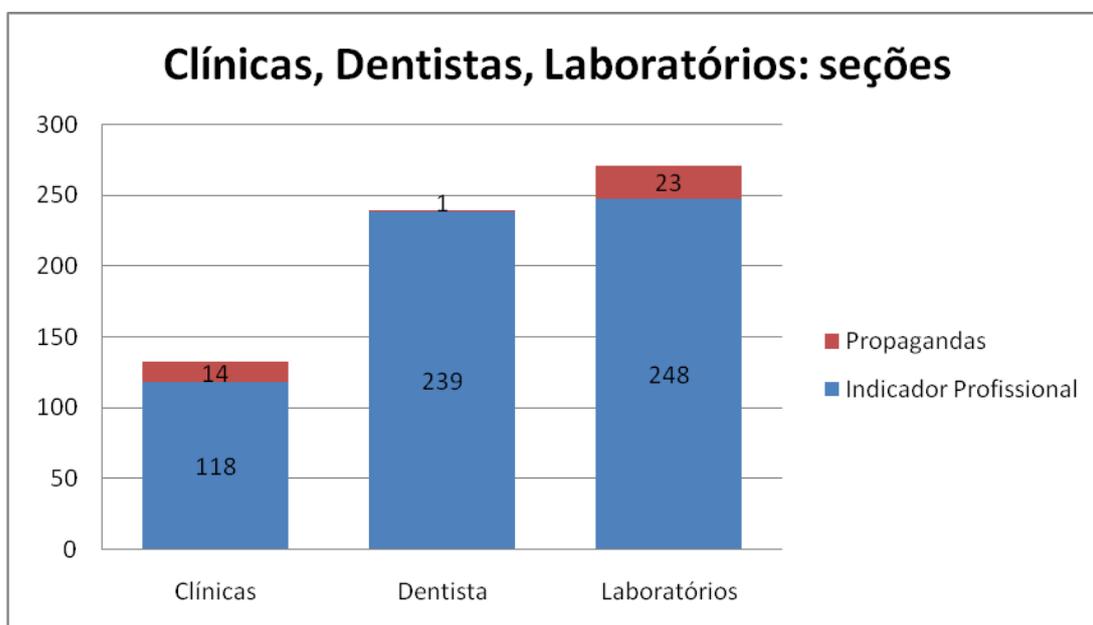
Ao observar os dados do gráfico 3.1, percebe-se que os dez temas ⁸⁵ mais recorrentes ao longo dos anos de publicação do jornal foram: *trabalho*, com 1165 itens; *infra-estrutura*, com 979; *associação*, com 372, *transporte*, com 311; *laboratórios*, com 271; *habitação*, com 249; *dentista*, com 240; *esporte*, com 215; *educação*, com 170 e *clínicas*, com 132 itens. Todos esses temas, em conjunto,

⁸⁵ Com exceção do tema *empresa privada*.

somam 4104 itens, o que representa mais de 50% do total de 7656 informações veiculada pelo jornal de 1976 a 1981.

Ao levar em consideração a relevância dos temas para o que se pretende analisar, ou seja, o cotidiano da população residente nas áreas de circulação do jornal, pode-se descartar, além de *empresa privada*, outros três temas: *laboratórios*, *dentistas* e *clínicas*. Todos eles aparecem na seção *Propagandas* ou *Indicador Profissional*. Este, como explicado no capítulo 2, também é uma espécie de propaganda, na qual clínicas, laboratórios, dentistas, advogados, contadores anunciavam seus serviços.

Gráfico 3.3 – Seções em que aparecem os temas *clínicas*, *dentista*, *laboratórios*



Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

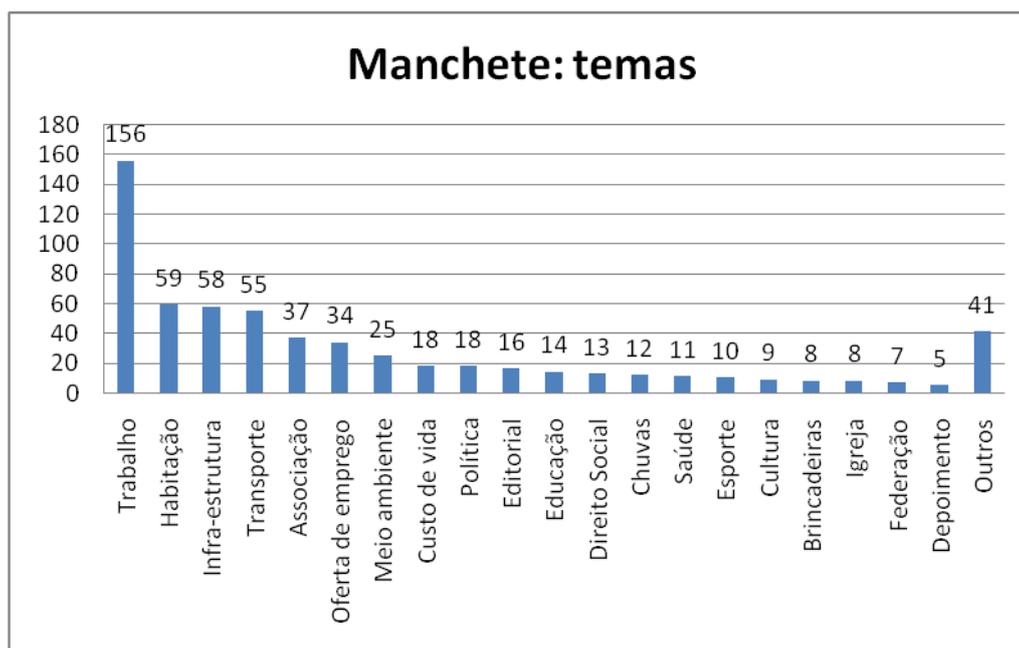
De acordo com o gráfico 3.3, a quase totalidade do tema *dentista* aparece na seção *Indicador Profissional*, 239 itens contra apenas um na seção *Propagandas*. Os temas *laboratórios* e *clínicas* também concentram suas aparições na seção *Indicador Profissional*, são 248 e 118 itens nessa seção, respectivamente. Dessa forma, avalia-se que esses temas não são relevantes para a análise a ser desenvolvida nesta investigação e, portanto, não serão levados em consideração.

Não se pode afirmar ainda que os demais temas sejam aqueles que melhor contribuirão para conhecer a realidade da população que vivia nas regiões de

abrangência do jornal. Esse fato se deve à razão já exposta anteriormente, não se sabe em quais seções os temas aparecem, ou seja, a seção, o local que o tema ocupa no jornal é outro aspecto importante quando se quer conhecer o cotidiano daquela população.

Optou-se, então, por selecionar duas seções – *Manchete* e *Reportagens*. A primeira para avaliar sobre assuntos que ganharam destaque de primeira página e, assim, comparar esse resultado com a seção *Reportagens*. Nesta, é possível perceber que as matérias ocupam um espaço físico maior dentro do jornal. Quase sempre o texto jornalístico é acompanhado por um título e a informação ainda pode ser complementada com entrevistas de moradores ou de especialistas. Essas características conferem aos temas que mais aparecem nessas seções uma importância maior para o cotidiano dos bairros.

Gráfico 3.4 – Número de vezes que cada tema aparece na seção *Manchete*

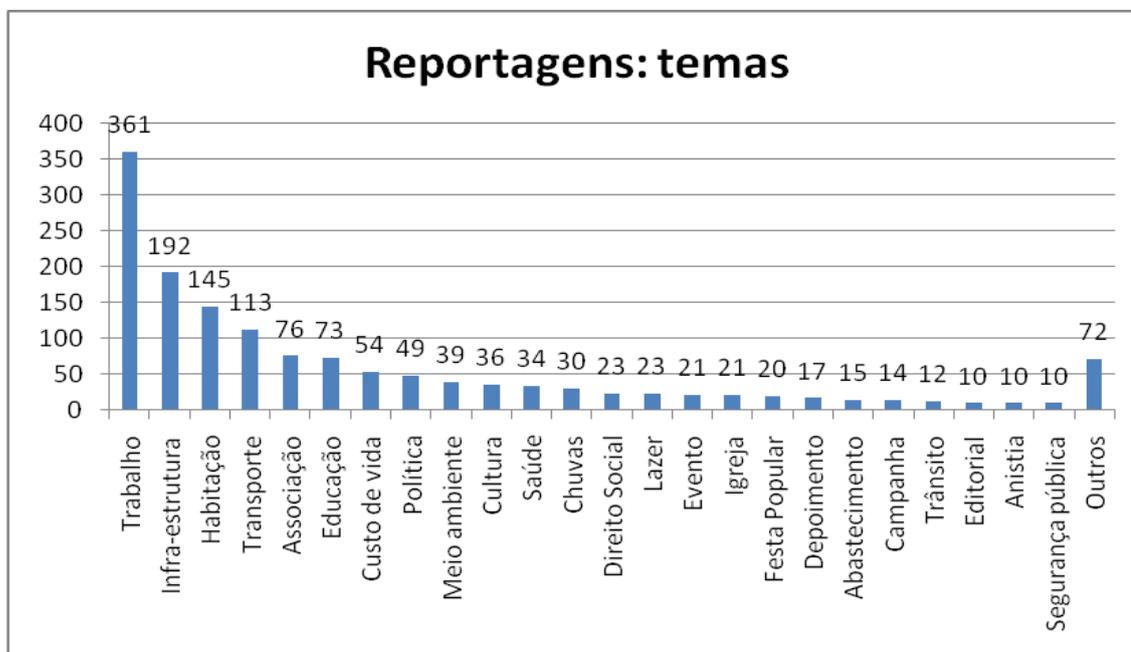


Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

O gráfico 3.4 apresenta os temas que mais aparecem na seção *Manchete*. Das 614 manchetes apresentadas, pelo jornal, ao longo de sua história, os cinco temas mais recorrentes foram: 156 sobre o tema *trabalho*, 59 sobre *habitação*, 58 sobre *infra-estrutura*, 55 sobre *transporte* e 36 sobre *associações*. Percebe-se que

esses cinco temas aparecem entre os dez temas mais recorrentes no jornal, como demonstrou o gráfico 3.1.

Gráfico 3.5 – Número de vezes que cada tema aparece na seção *Reportagens*



Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nºs 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

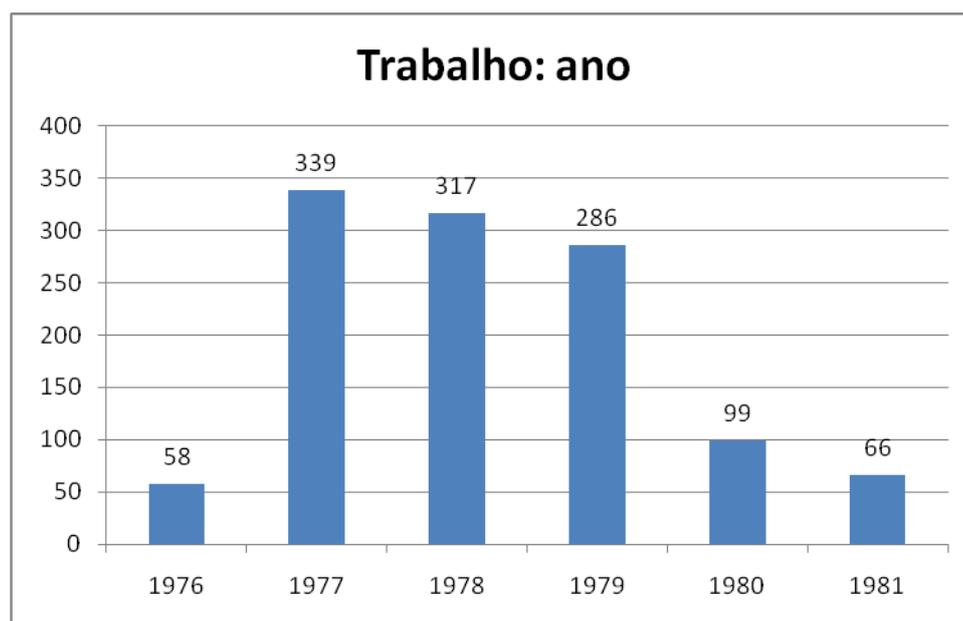
A seção *Reportagens* apresenta um total de 1470 matérias veiculadas pelo jornal, ao longo dos anos. Pelo gráfico 3.5, é possível identificar os temas de maior destaque nessa seção. Mesmo que em ordens diferentes, os cinco temas que mais aparecem na *Manchete* também se destacam na *Reportagens*, são eles: *trabalho* com 361 itens, *infra-estrutura* 192, *habitação* 145, *transporte* 113 e *associação* com 76 itens. Sendo assim, pode-se inferir que esses eram os assuntos que mais afligiam ou que estavam mais presentes no cotidiano daquela população atendida pelo *Jornal dos Bairros*. Então, esses serão os temas analisados com mais detalhes a partir de agora, nesta dissertação.

3.1 Trabalho

De acordo com o gráfico 3.1, o tema *trabalho* é o segundo mais abordado pelo *Jornal dos Bairros*, perdendo apenas para *empresas privadas*. No entanto, esse

tema, como discutido anteriormente, não é pertinente para o tipo de análise que se deseja neste momento. Foram 1165 itens sobre *trabalho* num total de 7656 processados, o que corresponde a 15,2% do total de informações computadas sobre o jornal. Observadas as duas seções – *Manchete* e *Reportagens* – que foram tomadas como referências para a análise do *Jornal dos Bairros*, o tema aparece em primeiro lugar em ambas, de acordo com os gráficos 3.4 e 3.5. Foram 156 itens em *Manchete*, correspondendo a 25,4% das 614 manchetes veiculadas pelo periódico e 361 itens em *Reportagens* dos 1470 totalizados, correspondendo a 24,56% do total de matéria publicadas. Antes de partir para uma análise mais detalhada do tema é preciso averiguar outro dado: a frequência com que ele é abordado ano a ano, como mostra o gráfico 3.6.

Gráfico 3.6 – Número de vezes que o tema *trabalho* aparece ao longo dos anos



Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

Para avaliar o gráfico 3.6 não basta olhar os valores absolutos. É preciso lembrar que o número de edições do jornal variou de ano para ano, conforme apresentado na tabela 2.1. O ano de 1977 é aquele no qual o tema *trabalho* aparece mais vezes: são 339 itens, correspondendo a uma média de 13 informações por edição, já que foram 26 edições para esse ano. O ano de 1978 apresentou 317 itens sobre o tema, e no ano de 1979 foram 286 itens, sendo que nesses dois anos, o jornal

apresentou o mesmo número de edições (25). Avaliando esses dados, percebe-se que as variações entre os anos de 1977, 1978 e 1979, foram muito pequenas. Para 1978, a média fica em 12,6 itens por edição e, para 1979, a média gira em torno de 11,5 itens por edição. Já os anos de 1980 e 1981 apresentaram uma queda significativa, não apenas em termos absolutos. As 13 edições de 1980 totalizam 99 itens, média por edição em torno de 7,6 informações sobre o tema trabalho. O ano de 1981 com um total de 66 itens em 12 edições apresenta média de 5,5 em cada publicação do ano. O primeiro ano de circulação do jornal (1976), com apenas sete edições, tem média 8,2, ou seja, a média é superior aos dois últimos anos. Para analisar as razões para essa queda, é preciso identificar as seções nas quais esse tema aparece e confirmar se essa queda também ocorre nas seções *Manchete* e *Propagandas* definidas com as mais relevantes para a análise do jornal e de sua relação com o cotidiano dos moradores dos bairros.

Tabela 3.1 – Número de vezes em que o tema *trabalho* aparece nas diferentes seções ao longo dos anos

Seção	1976	1977	1978	1979	1980	1981	Total geral
Bolsa de Empregos	44	202	115	91	20	3	475
Reportagens	1	26	105	126	56	47	361
Manchete	7	31	35	54	19	10	156
Trabalhadores que se oferecem	-	70	2	1	-	-	73
Fatos Trabalhistas	-	-	31	-	-	-	31
Propagandas	5	6	9	1	1	3	25
Fatos Sindicais	-	-	17	-	-	-	17
Coluna	-	-	-	6	-	1	7
Cartas/Leitores	1	-	1	2	2	1	7
Tirinhas	-	-	-	4	-	-	4
Assuntos Trabalhistas	-	2	2	-	-	-	4
Notas e Reclamações	-	1	-	1	-	-	2
Associações de Bairros	-	-	-	-	-	1	1
Custo de vida	-	1	-	-	-	-	1
Betim	-	-	-	-	1	-	1
Total geral	58	339	317	286	99	66	1165

Fonte: Coleção Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, nºs 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

A tabela 3.1 identifica, de acordo com o ano, em quais seções o tema *trabalho* apareceu. Há quatro seções que aparecem sistematicamente em todos os anos e acumulam 1017 itens de informação de um total de 1165, o que equivale a 87,3% deste total. São elas: *Propagandas*, *Manchete*, *Reportagens* e *Bolsa de Empregos*. Outras seções aparecem de maneira descontínua e, geralmente, com poucos itens em cada uma delas. Sendo assim, são as variações naquelas quatro seções que serão capazes de explicar as razões para a queda de informações sobre o tema, ao longo dos anos.

3.1.1 O tema *trabalho* na seção *Propagandas*

Das quatro seções mais relevantes a que menos influenciará na análise que se pretende (o declínio do tema *trabalho*) é a *Propagandas*. Foram apenas 25 propagandas em todos os anos de circulação do jornal, assim distribuídas: cinco em 1976, seis em 1977, nove em 1978, uma em 1979, 1980 também apresenta apenas uma propaganda e três em 1981.

As cinco propagandas de 1976 eram constituídas de três felicitações de final de ano feitas por entidades sindicais e a convocação para a eleição da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de Belo Horizonte, feita em duas edições consecutivas⁸⁶. As propagandas de 1977 seguem o mesmo padrão do ano anterior: uma convocação para eleições de diretoria de sindicato e quatro felicitações de final de ano. A exceção está em uma propaganda convidando os trabalhadores para participarem de uma campanha de sindicalização em massa, realizada pelo Sindicato dos Trabalhadores no Comércio de Minérios Combustíveis Minerais e Solventes de Petróleo do Estado de Minas Gerais⁸⁷. Em 1978, são três felicitações de final de ano, quatro convocações de assembléia de sindicatos para discussão de reposição salarial e anúncio de dois sindicatos, um informando sobre a compra de um lote para a construção de uma sub-sede e outro reforçando a

⁸⁶ Todas as propagandas constam das edições números 5 e 6 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1976.

⁸⁷ Todas as propagandas constam das edições números 7, 23 e 32 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1977.

assistência oferecida pelo sindicato ⁸⁸. A única propaganda de 1979 é uma felicitação de final de ano feita por um sindicato ⁸⁹ e, em 1980, há um anúncio com pontos importantes da luta dos trabalhadores, como autonomia e liberdade das entidades sindicais, salários justos e reais, estabilidade no emprego, que não podem ser esquecidos nas comemorações do 1º de maio ⁹⁰. No ano de 1981 houve um anúncio do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadores de Mesas Telefônicas no Estado de Minas Gerais comemorando seus 25 anos e duas felicitações de final de ano ⁹¹.

Pelo exposto, a seção *Propagandas* demonstrou como o *Jornal dos Bairros*, por circular na região industrial da grande Belo Horizonte, tornou-se um veículo de comunicação entre os sindicatos e os trabalhadores para as mais diferentes questões, desde as mais triviais, como felicitar pelo final de ano, até aquelas ligadas às funções de um sindicato, como campanhas de sindicalização. É importante observar que a partir de 1979, a frequência com que os sindicatos utilizam o jornal para seus comunicados tende a diminuir, o que sugere a criação de outros canais de comunicação entre os sindicatos e seus filiados.

3.1.2 O tema *trabalho* na seção *Manchete*

A importância do tema *trabalho* para o jornal é reafirmada pela seção *Manchete*. Foram 156 chamadas de primeira página para o tema em 108 edições do jornal, portanto, é de se supor que houve pelo menos um destaque para o assunto em todas as edições do jornal ao longo de sua história. Nenhum assunto que não fosse de suma importância para o público alvo do jornal teria um destaque tão grande.

A tabela 3.1 mostra que foram sete manchetes sobre o tema *trabalho*, no ano de 1976. Dessas, seis informavam sobre ofertas de empregos na seção *Bolsa de Empregos* ⁹² e uma outra alertava para as providências a serem tomadas quando o

⁸⁸ Todas as propagandas constam das edições números 33, 34, 35, 36 e 58 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1978.

⁸⁹ A propaganda foi veiculada na edição de número 83 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1979.

⁹⁰ A propaganda foi veiculada na edição de número 89 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1980.

⁹¹ Todas as propagandas constam das edições números 98 e 109 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1981.

⁹² Todas as manchetes sobre oferta de emprego constam das edições números 1 ao 6 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1976.

trabalhador sofresse um acidente de trabalho ⁹³. De 31 manchetes sobre o tema em 1977, a maioria – vinte e seis – anunciava ofertas de emprego ⁹⁴, uma convocava para eleição no sindicato ⁹⁵ e quatro abordavam questões salariais discutidas em assembléias sindicais ⁹⁶. No ano seguinte, houve 35 manchetes sobre *trabalho*, sendo 17 de ofertas de empregos ⁹⁷. As outras 18 manchetes abordavam, principalmente, eleições sindicais, campanha salarial e greves ⁹⁸. Em 1979, das 54 manchetes, 17 continuavam informando sobre eleições sindicais e salários ⁹⁹; 15 tratavam de greves ¹⁰⁰ (não só na área de circulação do jornal, mas também no Rio de Janeiro e no ABC paulista); outras 21 manchetes foram sobre ofertas de emprego ¹⁰¹. Entretanto, uma manchete chama a atenção: “Sindicatos querem um partido onde quem decide é o trabalhador”. No interior do jornal, a matéria informa que os 38 sindicatos presentes ao 9º Congresso dos Metalúrgicos de São Paulo haviam aprovado a criação de um Partido dos Trabalhadores no dia 24 de janeiro em Lins e, em Minas Gerais, já se discutia a criação deste Partido ¹⁰². Havia apenas sete manchetes de ofertas de emprego ¹⁰³ das 19 existentes para o ano de 1980. As outras 12 restantes tinham como temas mais recorrentes as greves, reivindicações salariais e eleições sindicais ¹⁰⁴. De 10 manchetes do ano de 1981, apenas uma anunciava oferta de emprego ¹⁰⁵, as outras nove abordavam eleições sindicais e jornada de trabalho ¹⁰⁶.

⁹³ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 6, p.1, 2ª quinzena de dez. 1976.

⁹⁴ Todas as manchetes sobre oferta de emprego constam das edições números 7 a 31 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1977.

⁹⁵ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 31, p.1, 11 a 24 de dez. 1977.

⁹⁶ Todas as manchetes sobre questões salariais constam das edições números 24, 25, 26 e 32 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1977.

⁹⁷ Todas as manchetes sobre oferta de emprego constam das edições números 33 a 37, 39 a 43, 46, 50, 52 e 56, do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1978.

⁹⁸ Todas as manchetes sobre eleições sindicais, campanha salarial, greves e outros constam das edições números 33 a 38, 41 a 43, 46, 47 e 50 a 55 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1978.

⁹⁹ Todas as manchetes sobre eleições sindicais, campanha salarial e outros constam das edições números 60, 64, 66 a 68, 71 a 75, 77 e 78 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1979.

¹⁰⁰ Todas as manchetes sobre greves constam das edições números 60, 65, 68 a 71, 74, 75, 77 e 78 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1979.

¹⁰¹ Todas as manchetes sobre eleições sindicais, campanha salarial, greves e outros constam das edições números 59, 61 a 68, 70 à 74, 76 a 82 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1979.

¹⁰² Um partido dos trabalhadores. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 61, p. 11, 3 a 16 fev. 1979.

¹⁰³ Todas as manchetes sobre ofertas de emprego constam das edições números 84 a 88, 90 e 91 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1980.

¹⁰⁴ Todas as manchetes sobre eleições sindicais, campanha salarial, greves e outros constam das edições números 88 a 91, 93, 94, 96 e 97 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1980.

¹⁰⁵ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 98, p.1, jan. 1981.

¹⁰⁶ Todas as manchetes sobre eleições sindicais e jornada de trabalho constam das edições números 98 à 102, 105 e 109 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1981.

Ao avaliar a seção *Manchete* é perceptível que a partir de 1979 há uma queda significativa no número de chamadas de primeira página para as ofertas de emprego e, ao mesmo tempo, há também um crescimento em torno de temáticas que demonstravam a luta dos trabalhadores pelos seus direitos. Essa luta apresentava-se como algo tão significativo que extrapolava a área de circulação do jornal. Nesse ano, foram veiculadas matérias sobre greves e assembleias de sindicatos do Rio de Janeiro, São Paulo e interior de Minas Gerais. Talvez o caráter de prestação de serviço aos moradores dos bairros, que foi uma característica forte do jornal nos seus primeiros anos, não fosse mais seu foco. Daí, possivelmente, a queda no número de manchetes sobre ofertas de emprego.

3.1.3 O tema *trabalho* na seção *Reportagens*

O tema *trabalho*, de acordo com a tabela 3.1, aparece na seção *Reportagens* de maneira significativa em praticamente todos os anos, com exceção de 1976, quando houve apenas uma matéria sobre o assunto. Os outros anos apresentaram os seguintes resultados: em 1977, foram publicadas 26 matérias; 1978 totalizou 105; em 1979, publicaram 126; em 1980, foram 56 e em 1981, 47. É importante lembrar que a queda brusca, para os dois últimos anos, na quantidade de matérias veiculadas sobre o tema, deveu-se ao fato de que nesse período o número de edições é 50% menor que nos anos de 1977, 1978 e 1979. Esses dados comprovam a relevância do tema para o *Jornal dos Bairros*, já que na seção *Reportagens* eram publicadas as matérias de maior destaque em cada edição.

É preciso identificar os tipos de assuntos mais recorrentes nas matérias publicadas sobre o tema *trabalho*. Só assim, poder-se-á ter uma noção de qual era a agenda de discussão do jornal e, muito provavelmente, o que estava fazendo parte da conversa diária de seus leitores. A tabela 3.2 mostra a distribuição de subtemas ao longo dos anos. Os subtemas que foram abordados uma única vez, durante todo o período de circulação do jornal, estão reunidos sob a denominação *Outros*. Há 28 itens sob essa classificação; no entanto, como se trata de assuntos diferentes que não se repetiram, avaliou-se que estes dados seriam inexpressivos para a análise nesta dissertação.

3.2 Tabela: Subtemas abordados, ao longo dos anos, na seção *Reportagens* sobre o tema *trabalho*

Subtema	1976	1977	1978	1979	1980	1981	Total geral
Salário	-	8	29	36	5	6	84
Greve	-	-	13	36	11	1	61
Eleição	-	-	19	13	5	18	55
Assembléia	-	11	6	10	6	-	33
Demissão	-	-	2	3	3	-	8
Entrevista	-	-	7	-	1	-	8
Denúncia	-	-	4	-	2	2	8
Reunião	-	-	4	3	-	-	7
Trabalho feminino	-	1	5	-	-	-	6
Congresso	-	-	1	-	4	1	6
Intervenção	-	-	-	4	1	-	5
Jornada de Trabalho	-	-	-	2	1	2	5
Rural	-	-	-	2	1	2	5
Posse	-	-	-	2	1	1	4
Dia do trabalhador	-	-	-	2	2	-	4
Desemprego	-	-	-	-	1	3	4
Creche	-	-	-	-	2	2	4
Acidentes	1	1	1	-	-	-	3
Legislação trabalhista	-	1	-	2	-	-	3
Dia da mulher	-	-	-	2	-	-	2
Partido	-	-	-	2	-	-	2
Desconto em folha	-	2	-	-	-	-	2
Previdência	-	-	-	-	-	2	2
Criação	-	-	-	-	1	1	2
Local de lazer	-	-	1	1	-	-	2
Trabalho do menor	-	-	2	-	-	-	2
Homenagem	-	-	-	-	2	-	2
Internacional	-	-	-	-	2	-	2
Igreja	-	-	2	-	-	-	2
Outros	-	2	9	6	5	6	28
Total Geral	1	26	105	126	56	47	361

Fonte: Coleção Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

Pela tabela 3.2, é possível perceber que sobre o tema *trabalho* os assuntos mais frequentes foram: a questão salarial que totalizou 84 abordagens ao longo dos anos, sendo que esse valor concentra-se nos anos de 1978 e 1979 com 29 e 36 itens, respectivamente; em seguida foram as greves, com 61 itens concentrados no ano de

1979 com 36 abordagens, ou seja, quase 60% do total anual; as eleições sindicais ocupam a terceira colocação com 55 itens, seguidos pelas assembleias sindicais com 33 abordagens. Essas quatro subtemáticas representam cerca de 65% do total de 361 itens sobre o tema *trabalho*. Os outros subtemas possuem frequências que variam de oito a duas ao longo dos anos, o que os tornam muito diluídos nesse período, não contribuindo para avaliar a pertinência desses assuntos para o jornal e para seus leitores. Por isso, a opção em analisar os quatro assuntos mais recorrentes, a partir da leitura das tabelas 3.1 e 3.2.

A questão salarial, para o ano de 1977, ocupa oito das 26 matérias veiculadas sobre o tema *trabalho*. No ano seguinte, esse número sobe para 29 das 105 matérias sobre o tema e, em 1979, alcança 36 das 126 totais. Os anos de 1980 e 1981, o subtema *salário* aparece apenas em 5 e 6 matérias das 56 e 47 veiculadas em cada ano, respectivamente. A queda fica mais nítida quando os valores são apresentados em porcentagem, pois, os três primeiros anos – 1977, 1978 e 1979 – possuem uma média ¹⁰⁷ de 28,4% de matérias veiculadas no tema *trabalho*, relacionadas com a questão salarial. Já para os anos de 1980 e 1981 essa média ¹⁰⁸ cai para 10,6%. A queda do subtema salário reflete a queda que o tema *trabalho* também teve nos dois últimos anos de circulação do jornal.

O segundo subtema mais abordado foi o movimento grevista. Ele aparece pela primeira vez no ano de 1978, com 13 matérias, num total de 105, o que corresponde a 12,3% desse total. No ano de 1979, num total de 126 matérias veiculadas, o subtema alcança seu ápice com 36 delas, ou seja, 28,5% do total, número igual ao de matérias sobre a questão salarial. No ano de 1980, há 11 itens de 56, o que equivale a 19,6% do total. Apesar de apresentar uma queda no percentual em relação ao ano anterior, esse foi o assunto mais debatido na seção *Reportagens*, durante o referido ano. Em 1981, houve apenas uma matéria sobre greves. Essa subtemática reflete o que estava acontecendo no país (fato já comentado no capítulo 1 desta dissertação): o crescimento do movimento grevista nos anos de 1979 e 1980.

¹⁰⁷ Esta média foi calculada a partir da soma dos itens sobre questão salarial nos anos de 1977 a 1979 (8+29+36), dividida pela soma dos itens do tema *trabalho* para estes anos (26+105+126), multiplicado por 100, para definir o valor em porcentagem.

¹⁰⁸ Esta média foi calculada a partir da soma dos itens sobre questão salarial nos anos de 1980 e 1981 (5+6), dividida pela soma dos itens do tema *trabalho* para estes anos (56+47), multiplicado por 100, para definir o valor em porcentagem.

Episódio relevante a ser comentado, essa questão nem é abordada nos dois primeiros anos de circulação do *Jornal dos Bairros*. Quando começa a pautar as greves, o jornal não se atém àquelas que ocorrem na área de circulação do periódico ou que afetam diretamente seu público alvo. Ele destaca greves que estão ocorrendo no interior de Minas Gerais e também em outros estados do Brasil ¹⁰⁹.

As eleições sindicais também recebem destaque: é mencionada pela primeira vez em 1978 e, já nesse ano, com 19 matérias, é a segunda subtemática mais debatida, “perdendo” apenas para a questão salarial. No ano seguinte, a publicação apresentou 13 matérias, sendo a terceira mais discutida, mas muito distante dos dois primeiros lugares – *salário* e *greve* - que obtiveram 36 matérias veiculadas, cada uma. Em 1980, foram apenas cinco matérias e quando parecia que esse tipo de assunto não teria mais espaço, ele se torna o subtema mais abordado no ano de 1981, com 18 matérias veiculadas, num total de 47 - o que corresponde a 38,3%, um dos maiores percentuais alcançados por um subtema em todos os anos.

Quando o *Jornal dos Bairros* abriu espaço para as eleições sindicais, a partir de 1978, ele deu ênfase às chapas de oposição que concorriam à diretoria dos sindicatos. Esse fato pode ser observado na edição 41, de maio de 1978, quando ele realizou uma entrevista com três membros da chapa de oposição do sindicato dos metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem e anunciou a matéria da seguinte forma: “Este ano, as eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos de BH e Contagem prometem ser bastante disputadas. É que foi lançada a CHAPA 2 – OPOSIÇÃO, que pretende renovar para fazer um Sindicato representativo e combativo.” ¹¹⁰ Em outra edição (43), o jornal volta a mencionar o programa da chapa de oposição, do mesmo sindicato, e mostra a articulação que existe entre as oposições de vários sindicatos no Brasil. Vale ressaltar que o texto quer dar ênfase ao fato de a reunião dos trabalhadores ter ocorrido durante um feriado, ressaltando a mobilização.

Na quinta-feira, passada, um feriado, cerca de 150 metalúrgicos participaram do lançamento da Chapa 2, de oposição, que concorrerá às eleições do Sindicato dos Metalúrgicos, que serão realizadas de 10 a 14 de julho. Participaram também membros da oposição dos metalúrgicos do Rio de Janeiro, que recentemente ganhou as

¹⁰⁹ Edições que veicularam matérias de greves no interior de Minas Gerais e em outros estados 43, 44, 48-51, 54, 55, 63-65, 68, 88, 89, 91 e 94 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1978, 1979 e 1981.

¹¹⁰ Oposição quer renovar. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n.º 41, p. 12, 30 abr. a 13 de maio 1978.

eleições e que vieram dar seu apoio à Chapa 2. O mesmo apoio foi dado por um metalúrgico de Betim.¹¹¹

Em 1979, essa mesma preocupação em apresentar os conflitos internos dos sindicatos aparece na edição 77, de outubro de 1979. Nela, o jornal denuncia a tentativa do presidente do Sindicato da Construção Civil de realizar uma eleição sem oposição:

De surpresa, sem que ninguém estivesse preparado para formar uma chapa de oposição, o presidente pelego do Sindicato da Construção Civil, Francisco Pizarro, publicou edital convocando eleições para a diretoria nos próximos três anos. (...) As eleições estavam previstas para janeiro, mas Pizarro antecipou a data por dois motivos: para que os trabalhadores não fiquem bem informados a respeito e para que não haja tempo de os operários da oposição sindical formarem umam chapa para concorrer.¹¹²

A matéria tem claramente os objetivos de não só de informar sobre as eleições no sindicato, mas também de apontar o artifício utilizado pelo atual presidente, definido pelo jornal como pelego¹¹³, para tentar se manter no poder, uma vez que grande parte dos trabalhadores estavam insatisfeitos com suas ações durante os últimos movimentos grevistas da categoria, desmarcando, inclusive, assembléias, impedindo que os trabalhadores se organizassem.

Dentro do tema *trabalho*, o quarto subtema mais abordado, na seção *Reportagens*, foram as assembléias sindicais. Em 1977, foram 11 matérias veiculadas num total de 26. Isso representa 42,3% de tudo que circulou em *Reportagens* sobre o tema *trabalho*, durante o ano. As matérias, de um modo geral, informavam sobre o que foi debatido nas reuniões dos sindicatos e, também, sobre as reuniões de sindicatos com outras instituições e órgãos do poder público. Nesse caso, a assembléia tem um caráter mais geral, ou seja, diz respeito a problemas dos trabalhadores de todo o país, como foi o caso de uma Reunião em Recife, coordenada pela Arquidiocese de Recife e Olinda e pela Ação Católica Operária que

¹¹¹ Oposição debate programa no lançamento da Chapa 2, Belo Horizonte, n° 43, p. 8, 28 de maio a 10 junho de 1978.

¹¹² Construção Civil: Pizarro tenta fazer eleição na surdina. Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n° 77, p. 7, 28 set. a 11 out. 1979.

¹¹³ O termo “pelego” foi popularizado durante a presidência de Getúlio Vargas (1930-1945) e servia para designar os líderes sindicais apoiadores do governo e que serviam para controlar o movimento operário, evitando as greves e outras ações que pudessem ameaçar a ordem governamental.

promoveram um encontro de trabalhadores e, ao final, assinaram um documento denunciando as condições do trabalhador brasileiro ¹¹⁴. Outro exemplo foi a reunião de alguns sindicatos de metalúrgicos que se reuniram em São Paulo para denunciar a situação do trabalhador brasileiro e dos sindicatos ¹¹⁵. Os anos de 1978, 1979 e 1980 apresentam, respectivamente, 6, 10 e 6 matérias sobre o subtema *assembléia*. Esses valores representam menos de 11% do total de matérias publicadas em cada ano, o que se comparado com o resultado de 1977 (quando alcançou quase metade das matérias veiculadas naquele ano) é uma queda significativa. Pela tabela 3.2, é perceptível que assuntos que dominarão o tema *trabalho* nos anos seguintes (como movimentos grevistas e eleições sindicais) não são mencionados no ano de 1977. Isso ajuda a explicar a queda do subtema *assembléia* a partir do ano seguinte.

De todos os subtemas apresentados na tabela 3.2, com exceção dos quatro mais recorrentes (*salário, greve, eleições e assembléias*), dois merecem destaques, não pela quantidade de matérias veiculadas, mas pelo seu significado: *intervenção* e *internacional*. O primeiro apresenta cinco matérias, sendo quatro só no ano de 1979, sobre intervenções, por parte do governo federal, em vários sindicatos pelo Brasil. O jornal informa sobre a luta dos trabalhadores para acabar com essas interferências, como aconteceu quando anuncia sobre um documento entregue, por dirigentes de vários sindicatos brasileiros, ao Ministro do Trabalho.

Mais de 50 dirigentes dos mais importantes sindicatos brasileiros foram a Brasília entregar ao Ministro do Trabalho um documento que pede o fim das intervenções nos Sindicatos do ABC e dos professores de Brasília. (...)

Os sindicalistas autênticos lutam por liberdade sindical. Ou seja, querem que os sindicatos sejam dirigidos pelos trabalhadores, e que o governo não tenha mais o poder de controlar e intervir nos sindicatos. ¹¹⁶

O outro subtema que precisa ser destacado foi denominado como *internacional*. Foram apenas duas matérias veiculadas no ano de 1980, mas sua

¹¹⁴ Operários fazem reivindicações. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 30, p. 12, 27 de nov. a 10 dez. de 1977.

¹¹⁵ A situação do trabalhador. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 30, p. 12, 27 de nov. a 10 dez. de 1977.

¹¹⁶ Sindicatos brasileiros contra a intervenção. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 68, p. 11, 18 a 31 maio 1979.

importância estava no fato de ser a primeira vez que o *Jornal dos Bairros* destacava informações vindas de outros países. A primeira abordava a visita que João Paulo Pires Vasconcelos, membro do Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevade, fez a Genebra na Suíça, para entregar à Organização Internacional do Trabalho (OIT) um relatório sobre a situação do trabalhador brasileiro.

O documento faz uma análise da situação do trabalhador brasileiro nos últimos 16 anos, denunciando o rígido controle dos mecanismos da política salarial que diminuiu o poder de compra dos salários de 1964 para cá. Ele também analisa as limitações da atividade sindical “dirigida e controlada pelo Estado”, a piora do nível de vida das classes trabalhadoras, a perda de estabilidade no emprego em troca do Fundo de Garantia, o problema da intervenção em sindicatos por causa de movimentos grevistas e a repressão policial.¹¹⁷

Uma segunda matéria de caráter internacional mencionava os acontecimentos na Polônia. O texto conta que trabalhadores poloneses conquistaram o direito a greve e o direito de criar sindicatos livres e independentes do governo e do partido. A matéria alerta para o fato de que esses episódios ocorreram em um país que vive sob o regime socialista, no qual o direito às liberdades (religiosa, de associação, sindical, partidária, etc) eram princípios desconhecidos ou proibidos¹¹⁸. Dessa forma, torna-se mais um estímulo para o trabalhador brasileiro continuar reivindicando seus direitos, principalmente contra as intervenções nos sindicatos.

Esses dois subtemas – *intervenção e internacional* – contribuem para reforçar a ideia, já defendida nesta dissertação, de que com o tempo o jornal passou a dar destaques às temáticas mais gerais, temáticas extrapolavam a área de circulação do periódico

¹¹⁷ João Paulo vai à Europa e mostra a miséria que o governo quer esconder. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 88, p. 11, 29 de mar. a 25 abr. 1980.

¹¹⁸ Os operários poloneses conquistaram sindicatos livres. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 93, p. 6, set. 1980.

3.1.4 O tema *trabalho* na seção *Bolsa de Empregos*

A última seção na qual o tema *trabalho* apareceu em todos os anos de circulação do jornal foi a *Bolsa de Empregos*. Essa seção funcionava como um anúncio de oferta de empregos. É importante observar como esse serviço oferecido pelo jornal tinha um destaque grande nos primeiros anos, mas, com o tempo, ele foi perdendo espaço. No ano de 1976, com apenas sete edições, foram veiculados 44 anúncios de emprego, o que corresponde a uma média de 6,2 anúncios por edição, um número significativo, só superado pelo ano de 1977 quando se chega a 202 anúncios, com média de 7,7 em cada uma das 26 edições. A partir do ano seguinte, essa seção sofre reduções constantes a cada ano: 1978 com 115, 1979 com 91. Em 1980, quando as edições caem para 13 anuais, o número cai para 20 anúncios e o último ano, 1981, com apenas 3 chamadas de emprego ao longo de todo o ano. Um dos responsáveis pelo jornal ¹¹⁹ atribuiu essa redução, na seção *Bolsa de Empregos*, ao fato de que com o tempo algumas empresas reduziram ou cancelaram seus anúncios por discordar de algumas temáticas que começavam a ganhar destaque no periódico como, por exemplo, a poluição causada por algumas indústrias ¹²⁰.

A redução na seção *Bolsa de Empregos* ajuda a explicar a razão pela qual, a partir de 1978, o gráfico 3.6 mostra uma queda no número de informações do tema *trabalho*. No entanto, há outra seção com características semelhantes à *Bolsa de Empregos* que também pode explicar essa redução. Essa seção denominada *Trabalhadores que se oferecem* também tinha a função de prestação de serviço, mas ao contrário da anterior, nela, são as pessoas que se oferecem para trabalhar nas mais diversas funções. Tal procedimento era uma tentativa do jornal de ajudar esses trabalhadores a se recolocarem no mercado de trabalho. No ano de 1977, foram 70 anúncios de trabalhadores se oferecendo para diversas funções, mas esta opção parece não ter funcionado muito bem, já que no ano seguinte esta seção aparece com apenas dois anúncios, em 1979 há uma oferta e depois não é mais encontrada.

¹¹⁹ Cf. entrevista com Nilmário Miranda a D.L. Belo Horizonte, 23 de julho de 2010.

¹²⁰ Edições que veicularam matérias sobre poluição ambiental na seção Reportagens 0, 19, 22-24, 32-34, 37, 39, 46-48, 50-55, 57, 58, 62, 63, 65, 66, 68, 79, 80, 86, 88, 89, 90, 94 e 103 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980 e 1981.

A queda no número de anúncios nas seções *Bolsa de Empregos e Trabalhadores que se oferecem* ajuda a explicar a redução do tema *trabalho* ao longo do tempo. O número de matérias veiculadas sobre o tema cai de 13 itens, em média, por edição, no ano de 1977, para 5,5 de média, no ano de 1981, como já foi ressaltado anteriormente, de acordo com o gráfico 3.6. A redução da *Bolsa de Empregos* pode estar relacionada ao desinteresse de algumas empresas em anunciar no jornal, como mencionou um dos entrevistados ¹²¹, mas tal diminuição também reforça a ideia de que, com o tempo, o jornal começou a se interessar por assuntos de caráter nacional, extrapolando a área de circulação do periódico. Esse fato, explica a veiculação de matérias sobre greves e reivindicações de sindicatos em outros estados brasileiros e, como consequência, ao abrir mais espaço para as questões nacionais, ocorre, naturalmente, uma redução nas informações de cunho local, principalmente, para as seções que tinham um caráter de prestação de serviços, como *Bolsa de Empregos e Trabalhadores que se oferecem*.

3.1.5 O tema *trabalho* nas demais seções

Para finalizar o tema *trabalho*, será traçado uma visão geral das demais seções, ainda não mencionadas, nas quais o tema aparece. Esta dissertação abordou as seções *Propagandas, Manchete, Reportagens, Bolsa de Emprego e Trabalhadores que se oferecem*. A partir de agora, será apresentado como o tema foi abordado, a cada ano, por outras seções, de acordo com a tabela 3.2..

A única seção que existe, além das já mencionadas, no ano de 1976 é a *Cartas/Leitores*. Nela, há apenas uma nota enviada pela Diretoria do Parque Durval de Barros Futebol Clube lamentando o falecimento de um amigo que sofreu um acidente de trabalho na Mannesman ¹²².

Em 1977, há três novas seções: *Assuntos Trabalhistas, Notas e Reclamações e Custo de vida*. A primeira seção, tendo a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) como referência, traz duas informações sobre direitos trabalhistas. Uma afirma que, de acordo com a legislação, a empresa deve zelar pela saúde do trabalhador ¹²³ e a

¹²¹ Cf. entrevista com Nilmário Miranda a D.L. Belo Horizonte, 23 de julho de 2010.

¹²² *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 5, p. 2, 1ª quinzena dez. 1976.

¹²³ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 21, p. 10, 24 jul. a 06 ago. 1977.

outra informa que a legislação não estabelece a obrigatoriedade do cartão de ponto ¹²⁴. Em *Notas e Reclamações*, há um informe sobre a recuperação de um operário que havia sofrido um acidente de trabalho na Mannesman ¹²⁵. Na seção *Custo de vida*, há apenas um item que aborda a reunião convocada com ministros, pelos sindicatos de São Bernardo e Diadema para discutir o erro no cálculo do custo de vida ¹²⁶, realizado pelo governo nos anos de 1973 e 1974 ¹²⁷. Essa é uma das primeiras matérias veiculadas pelo *Jornal dos Bairros* que não tem um caráter exclusivamente regional, ou seja, aborda não somente um assunto de interesse dos bairros, mas do interesse dos trabalhadores em geral, independente de bairro, cidade ou estado. Ao longo do tempo, como já foi comentado, esse tipo de matéria, de caráter nacional, ficará cada vez mais frequente.

O ano de 1978 apresenta, além das já comentadas, quatro outras seções: *Fatos Trabalhistas*, *Fatos Sindicais*, *Assuntos Trabalhistas* e *Cartas/Leitores*. As 31 informações processadas na seção *Fatos Trabalhistas* tratam de questões salariais, greves, assembléias e eleições sindicais ¹²⁸ e, pelo menos, 30% delas se referem a acontecimentos em outros estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul ¹²⁹. Em *Fatos Sindicais*, a temática das informações permanece basicamente as mesmas: questões salariais, greves, assembléias e eleições sindicais ¹³⁰, assim como a abordagem sobre o que aconteceu em sindicatos de outros estados ¹³¹. Esse foi o caso da edição 52, de outubro de 1978 que anunciou o Congresso dos metalúrgicos de São Bernardo e as declarações do presidente do Sindicato de Campinas e Paulínia contra a política salarial imposta pelo governo ¹³². As eleições sindicais ganharam destaque nessas duas seções (*Fatos Trabalhistas* e *Fatos Sindicais*), principalmente, quando

¹²⁴ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 31, p. 12, 11 à 24 dez. 1977.

¹²⁵ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 12, p. 4, 13 à 26 mar. 1977.

¹²⁶ Em 1977 o governo brasileiro admitiu que haviam sido manipuladas as estatísticas oficiais sobre inflação relativas a 1973 e 1974. Como o valor da inflação fundamentava o cálculo dos reajustes salariais, verificou-se perda de 34,1% no salário real dos trabalhadores para o período em questão.

¹²⁷ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 25, p. 10, 18 set. a 1º out. 1977.

¹²⁸ Edições que veicularam matérias sobre salário, greves, eleições sindicais e outras na seção *Fatos Trabalhistas* 33, 37-40 e 46 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1978.

¹²⁹ Edições que veicularam matérias de outros estados na seção *Fatos Trabalhistas* 37-40 e 46 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1978.

¹³⁰ Edições que veicularam matérias sobre salário, greves, eleições sindicais e outras na seção *Fatos Sindicais* 50-52 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1978.

¹³¹ Edições que veicularam matérias de outros estados na seção *Fatos Sindicais* 50 e 52 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1978.

¹³² *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 52, p. 15, 30 set. a 13 out. 1978.

havia uma conquista da chapa oposicionista, como foi o caso da vitória da oposição no Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro após 12 anos de mandato da chapa derrotada ¹³³. Tais eventos reforçam o interesse do jornal em alargar as discussões sindicais e trabalhistas para além da área de circulação do periódico.

As duas últimas seções que aparecem no ano de 1978 são *Assuntos Trabalhistas* e *Cartas/Leitores*. A primeira, como no ano anterior, traz duas informações sobre direitos trabalhistas, uma sobre um projeto de lei que visava mudar a legislação trabalhista, garantindo o mesmo salário para homens e mulheres que exerciam a mesma função ¹³⁴ e a outra é uma informação sobre os tipos de contratos de trabalho - individuais e coletivos ¹³⁵. A seção *Cartas/Leitores* tem apenas uma nota de falecimento por acidente de trabalho, na qual a viúva informa que a empresa não quis arcar nem com os custos do funeral ¹³⁶.

Em 1979, constam as seções *Coluna*, *Tirinha*, *Cartas/Leitores* e *Notas e Reclamações*. A seção *Coluna* é caracterizada por apresentar uma série de pequenas notas, ou seja, notícias bem curtas. Nesse caso, anunciando vitórias eleitorais em sindicatos, discursos de posse de diretoria de sindicatos, greves entre outras curtas mensagens ¹³⁷. Pela primeira vez, é feito humor com o tema *trabalho*: quatro tirinhas, publicadas no ano de 1979, satirizam o tema; em especial, a intervenção nos sindicatos de São Paulo e o trabalho infantil ¹³⁸. O jornal publicou duas denúncias, enviadas por seus leitores, uma sobre a utilização do trabalho infantil ¹³⁹ e outra sobre ilegalidades cometidas contra o denunciante ¹⁴⁰. Por fim, a seção *Notas e Reclamações* informa sobre mulheres que se formaram no curso de Corte e Costura ¹⁴¹.

O ano de 1980 tem na seção *Cartas/Leitores* um apelo para que todos se mobilizem a favor de mais empregos e menos violência e uma denúncia ¹⁴², feita por

¹³³ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 46, p. 8, 9 à 22 jul. 1978.

¹³⁴ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 40, p. 12, 16 à 29 abr. 1978.

¹³⁵ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 44, p. 12, 11 à 24 jun. 1978.

¹³⁶ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 36, p. 2, 19 fev. a 4 mar. 1978.

¹³⁷ Edições que veicularam matérias sobre o tema *trabalho* na seção *Coluna* 60, 66, 70, 75, 81 e 83 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1979.

¹³⁸ Edições que veicularam sátiras sobre o tema *trabalho* na seção *Tirinha* 59, 65, 66 e 68 do *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, 1979.

¹³⁹ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 66, p. 2, 21 abr. a 4 maio 1979.

¹⁴⁰ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 83, p. 2, 21 dez. 1979 a 3 jan. 1980.

¹⁴¹ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 73, p. 6, 28 jul. a 10 ago. 1979.

¹⁴² *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 87, p. 2, 8 à 28 mar. 1980.

um trabalhador, contra a Fiat. Na seção *Betim*, há uma nota sobre a intervenção no sindicato dos Metalúrgicos da cidade ¹⁴³. Fato relevante, percebido desde 1979, portanto, diz respeito às informações de intervenções em sindicatos que circularam com maior frequência nas diferentes seções do jornal, como já foi ressaltado.

Além das seções já comentadas, o último ano de circulação do jornal apresenta as seções *Cartas/Leitores*, *Associações de Bairros* e *Coluna*. Em cada uma aparece apenas uma informação ou sobre as dificuldades do trabalhador ¹⁴⁴ ou sobre eleições sindicais ¹⁴⁵.

Para encerrar as análises sobre o tema *trabalho* é preciso recapitular parte do que foi apresentado. Primeiramente, buscou-se avaliar como o tema foi apresentado nas quatro seções em que ele mais apareceu – *Propagandas*, *Manchete*, *Reportagens* e *Bolsa de Empregos*. Dessas, a que demandou um maior detalhamento de suas informações foi a seção *Reportagens*. Isso pode ser explicado pela própria característica da seção, pois as matérias nela veiculadas possuem um destaque maior dentro das edições do jornal. Ao detalhar essa seção, percebeu-se que alguns subtemas tinham maior destaque como, por exemplo, as questões salariais, as greves, as eleições sindicais e as assembleias de trabalhadores. Notou-se ainda que esses assuntos, com as edições do jornal, ganharam um caráter nacional, ou seja, eles deixavam de ser focados apenas localmente, e começaram a ser mostrados como assuntos de interesse de qualquer trabalhador em qualquer lugar do país. Essas mesmas características – subtemas mais recorrentes e sua abrangência – também foram percebidas quando analisados as outras seções menos frequentes que abordavam o tema *trabalho*.

Sendo assim, é possível afirmar que independente da seção onde a matéria estava inserida, havia um movimento que era próprio do jornal, ou seja, quando ele abria espaço para veicular as diversas reivindicações dos trabalhadores brasileiros, nos mais diferentes pontos do país, essa nova abordagem se repetia em todas as seções que tratavam o tema *trabalho*, não apenas na seção *Reportagens*. Feitas estas observações é o momento de partir para o próximo tema – *infra-estrutura*.

¹⁴³ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 89, p. 6, 26 abr. a 23 maio 1980.

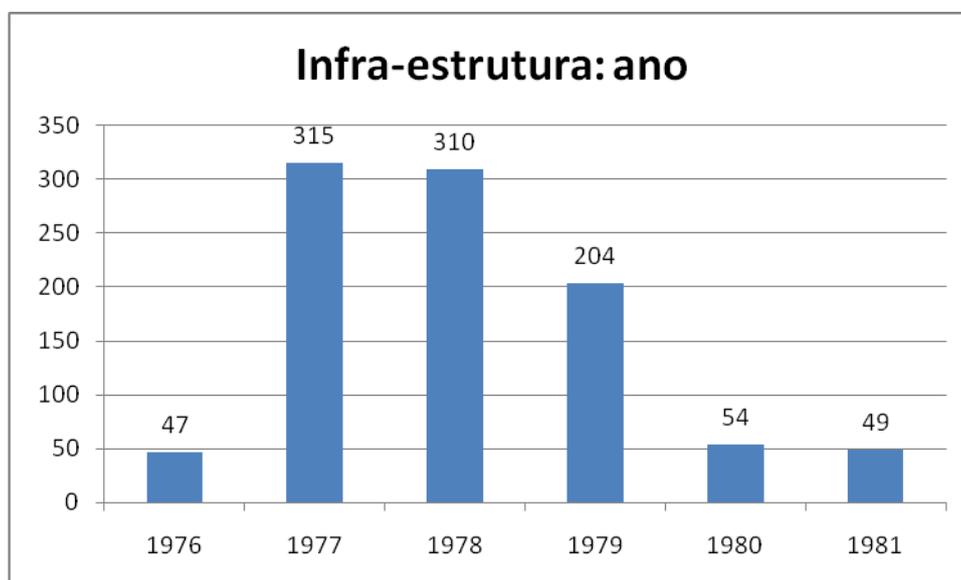
¹⁴⁴ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n°s 99 e 100, p. 2 e 5, fev. e mar. 1981, respectivamente.

¹⁴⁵ *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 103, p. 12, jun. 1981.

3.2 Infra-estrutura

Infra-estrutura é o terceiro tema mais debatido pelo *Jornal dos Bairros*, de acordo com o gráfico 3.1, “perdendo” apenas para os temas *empresa privada* e *trabalho*. O tema apareceu 979 vezes, nas 108 edições do periódico, o que equivale a uma média de 9 informações por edição. Observada as duas seções – *Manchete* e *Reportagens* – que foram tomadas como referências, para a análise do *Jornal dos Bairros*, o tema aparece em terceiro lugar, com 58 itens em *Manchete* e em segundo lugar, com 192 itens em *Reportagens*, de acordo com os gráficos 3.4 e 3.5, respectivamente. Considerando apenas esses dados, já é possível perceber a relevância que o tema tinha para o *Jornal dos Bairros*; afinal, os 58 itens na seção *Manchete* significavam que em mais de 50% das 108 edições do jornal o tema esteve presente na primeira página. As 192 matérias publicadas na seção *Reportagens* significam que o tema tem em média 1,7 matérias por edição. Para partir para uma análise mais detalhada, é preciso saber como foi o comportamento do tema, ao longo dos anos. Assim o gráfico 3.7 mostra como foi sua distribuição entre 1976 e 1981:

Gráfico 3.7 – Número de vezes que o tema *infra-estrutura* aparece ao longo dos anos



Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

A partir do gráfico 3.7, é possível observar que, ao longo do tempo, o destaque dado ao tema – *infra-estrutura* – foi diminuindo, tanto em número

absolutos quanto em números relativos. No ano de 1976, o tema apareceu 47 vezes em sete edições lançadas naquele período. Isso equivale a uma média de quase sete informações sobre *infra-estrutura* por edição. A diferença entre os anos de 1977 e 1978 é praticamente nula: foram 315 e 310 abordagens sobre o tema, em 26 e 25 edições lançadas em cada ano, respectivamente. Considerando o número de edições, a média por publicação permaneceu em 12 itens, tanto em 1977 quanto em 1978. Já para o ano de 1979, cujo número de edições é exatamente igual ao ano anterior (25) há uma queda de informações sobre o tema, foram apenas 204, correspondendo a média de oito itens por edição. Entre os anos de 1980 e 1981 essa média caiu pela metade: foram 54 e 49 itens, para 13 e 12 edições, respectivamente.

Para analisar as razões para essa queda, principalmente entre os anos de 1978 e 1980, é preciso identificar as seções em que esse tema aparece, assim avaliar se essa queda também ocorre nas seções – *Manchete* e *Reportagens* – definidas com as mais relevantes para a análise do jornal e de sua relação com o cotidiano dos moradores dos bairros.

Tabela 3.3 – Número de vezes em que o tema *infra-estrutura* aparece nas diferentes seções ao longo dos anos

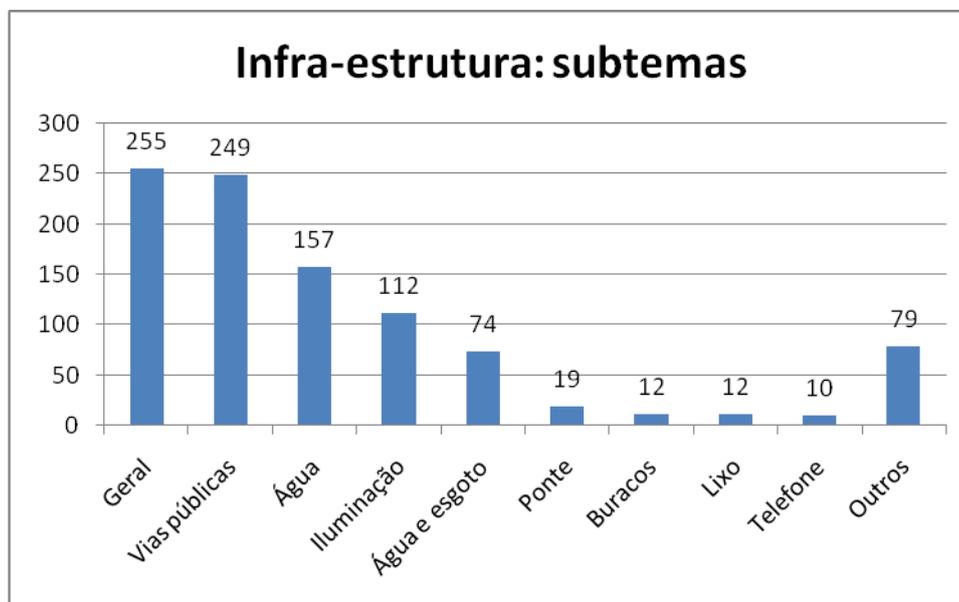
Seção	1976	1977	1978	1979	1980	1981	Total geral
Notas e Reclamações	19	159	182	71	7	-	438
Reportagens	13	24	38	87	15	15	192
Cartas/Leitores	10	93	27	11	-	2	143
Associações de Bairros	-	15	37	19	6	1	78
Manchete	5	10	11	15	13	4	58
Curtas	-	10	11	-	-	-	21
Ibirité	-	-	-	-	7	5	12
Betim	-	-	-	-	6	4	10
De Olho na Câmara	-	-	-	-	-	10	10
Curtas e Grossas	-	-	-	-	-	8	8
Coluna	-	2	2	-	-	-	4
Tirinhas	-	-	1	1	-	-	2
Propagandas	-	2	-	-	-	-	2
Pequenas Notícias	-	-	1	-	-	-	1
Total geral	47	315	310	204	54	49	979

Fonte: Coleção Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

A tabela 3.3 identifica, de acordo com o ano, em quais seções o tema *infra-estrutura* apareceu. Há apenas duas seções que aparecem sistematicamente em todos os anos – *Manchete* e *Reportagens* – e acumulam 250 itens de um total de 979, o que equivale a 25,5% desse total. Entretanto, há outras duas seções que mesmo não aparecendo todos os anos, possuem um grande destaque, já que somam 581 itens, o que corresponde a quase 60% do total de informações sobre *infra-estrutura*, são elas: *Notas e Reclamações* e *Cartas/Leitores*. Outras seções aparecem de maneira descontínua e, geralmente, com poucas informações em cada uma delas; sendo assim, são as variações naquelas quatro seções que serão capazes de explicar as razões para a queda de informações sobre o tema, ao longo dos anos.

Antes de dar o próximo passo e investigar as quatro seções mais relevantes para o tema – *Manchete*, *Reportagens*, *Notas e Reclamações* e *Cartas/Leitores* – é preciso conhecer os principais subtemas para desvendar os aspectos da infraestrutura dos bairros que mais afligiam seus moradores e, assim, compreender a dinâmica daquelas seções. O gráfico 3.8 apresenta os principais subtemas abordados em *infra-estrutura*.

Gráfico 3.8 – Subtemas abordados pelo tema *infra-estrutura*



Fonte: Coleção Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

Nos subtemas o termo “geral” é utilizado quando a matéria veiculada não está relacionada diretamente a um aspecto específico que envolve a infra-estrutura, mas ela aborda vários ao mesmo tempo. Como exemplo, há uma matéria na edição número 1, sobre a Vila dos Marimbondos, situada entre os bairros Eldorado e Riacho, em Contagem. Nela, é abordada a situação precária da Vila onde falta rede de água e esgoto, falta também calçamento nas vias públicas e só existe um telefone particular. Outra matéria publicada na edição 40, sobre o Jardim Marrocos, também em Contagem, menciona a falta de ruas, luz, água e até mesmo de escolas no bairro. Em sua edição 98, moradores do bairro Granja São João, em Betim, contam a situação de abandono do bairro. Como mostram os trechos destas matérias:

Água, luz e esgotos são os problemas mais angustiantes de seus moradores. (...). Se há chuva, o perigo é imediato, pois as ruas viram rios de lama e inundam os barracões. (...). Para dona Elzira, que mora na rua Sibipiruna, o mais grave dos problemas é a contaminação da água das cisternas, através dos esgotos que escorrem das ruas para dentro dos barracos. (...) ... os problemas da Vila não se resumem na iluminação. Uma das coisas que mais afligem os moradores é a dificuldade para falar por telefone.¹⁴⁶

(...) Os problemas começam na única entrada dos bairros, em frente à Usipa: a rua passa por dentro de lotes particulares e pode ser fechada qualquer dia. Nos bairros não existem ruas, luz, escola, posto de saúde, água encanada nem qualquer outro melhoramento.¹⁴⁷

(...) Lá não há água, luz nem comércio. Existem apenas duas vias de acesso ao bairro, completamente intransitáveis para carro, impossibilitando a ida de transporte coletivo até o bairro. (...) A falta de luz é um problema muito sério, pois coloca em risco a vida dos moradores que chegam à noite do serviço. Eles correm o perigo de serem assaltados, caírem nos buracos das ruas (que são verdadeiras crateras) ou de serem picados por cobras.¹⁴⁸

De acordo com o gráfico 3.8, os subtemas mais recorrentes foram, além do termo “geral” que foi o mais veiculados com 255 itens, são as questões relacionadas às vias públicas, com 249 itens, seguidos pelos problemas de abastecimento de água com 157, a falta de iluminação, com 112, e os problemas de água e esgoto, com 74

¹⁴⁶ Gente, vamos ajudar a Vila?. Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n° 1, p. 3, 1ª quinzena out. 1976.

¹⁴⁷ Moradores querem abertura de ruas, luz e escola. Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n° 40, p. 4, 16 a 29 abr. 1978.

¹⁴⁸ Granja São João: um bairro de Betim que está se organizando para resolver os seus problemas. Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n° 98, p. 4, jan. 1981.

itens. Só esses subtemas correspondem a mais de 85% do total de 979 itens sobre *infra-estrutura*.

Após o levantamento desses dados, será possível relacioná-los com as principais seções que abordaram o tema *infra-estrutura* e tentar encontrar explicações que justifiquem a queda no número de informações sobre o tema, ao longo dos anos.

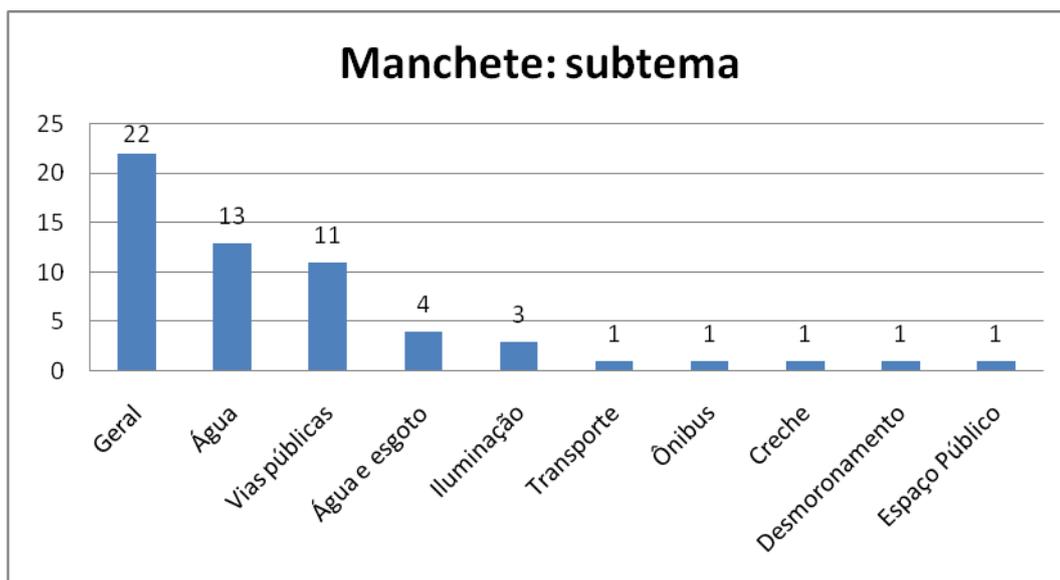
3.2.1 O tema *infra-estrutura* na seção *Manchete*

De acordo com o gráfico 3.4, a seção *Manchete* apresentou 58 chamadas referentes ao tema *infra-estrutura* em 108 edições do jornal. Isso significa que em média uma em cada duas edições possuía um destaque de primeira página para o tema.

A tabela 3.3 aponta que, no primeiro ano de circulação do jornal, existiram cinco manchetes sobre *infra-estrutura*, 10 em 1977, 11 em 1978, 15 em 1979, 13 em 1980 e, em seu último ano, foram 4 manchetes. Se for levado em consideração a diferença no número de edições em cada ano, conforme tabela 2.1, de 1977 a 1980, houve um crescimento constante no número de manchetes sobre o tema. A queda desse número começa a ocorrer no ano de 1981.

Os principais assuntos sobre *infra-estrutura* tratados nas manchetes não divergem daqueles que mais aparecem no gráfico 3.8. Para perceber tal relação, basta comparar os resultados deste com os dados apresentados pelo gráfico 3.9 que mostra os subtemas que aparecem na seção *Manchete*.

O subtema que mais apareceu na seção *Manchete* foi aquele que abordava a falta geral de *infra-estrutura*, nas diferentes regiões de circulação do jornal. Ele foi mencionado em 22 chamadas de primeira página ao longo dos anos. Em seguida têm-se os problemas de abastecimento de água, com 13 manchetes; as vias públicas, com 11; os problemas na rede de água e esgoto, com 4; e a falta de iluminação, com 3 itens. Essas cinco temáticas também são as principais quando observado o gráfico 3.8, (mesmo que haja uma variação quanto à ordem em que elas apareçam).

Gráfico 3.9 – Subtemas de *infra-estrutura* abordados na seção *Manchete*

Fonte: Coleção Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

Apenas os dados observados nessa seção não são suficientes para explicar a redução de informações que o tema *infra-estrutura* sofre a partir de 1979. Daí a necessidade de analisar a próxima seção – *Reportagens*.

3.2.2 O tema *infra-estrutura* na seção *Reportagens*

Quando analisado o gráfico 3.7, aquele que apresenta o número de vezes que o tema *infra-estrutura* aparece ao longo dos anos, foi destacado que no ano de 1979, o tema teve uma média de 8 informações por edição, enquanto que nos dois anos anteriores essa média era de 12. No entanto, esse é o ano no qual o tema apresenta o maior número de matérias veiculadas na seção *Reportagens* (87 ao todo), conforme tabela 3.3. Como já foi caracterizado nesta dissertação, essa seção é uma das mais importantes do jornal. Expõe-se isso devido à profundidade com que são tratados os assuntos abordados por ela. Sendo assim, a redução ocorrida do ano de 1978 para 1979, como observado no gráfico 3.7 pode se dar em termos quantitativos, mas não em termos qualitativos, ou seja, não é possível afirmar que em 1979 o tema tenha perdido importância para o jornal.

É preciso compreender como foi o comportamento dessa seção ao longo dos anos. Para isso, a tabela 3.4 é bem elucidativa. Nela, é possível observar não apenas o número de matérias veiculadas em cada ano, como os subtemas apresentados ano a ano. No ano de 1976, foram 13 matérias em apenas 7 edições, portanto, proporcionalmente, esse ano apresentou um número de matérias superior aos próximos dois anos (1977, com 24; e 1978, com 38 matérias veiculadas em 26 e 25 edições, respectivamente). Como já mencionado, o ano de 1979 apresenta o maior valor: foram 87 matérias publicadas na seção *Reportagens*. Os dois anos seguintes apresentam queda no número de itens apresentados - foram 15 em cada um dos anos.

3.4 Tabela: Subtemas abordados, ao longo dos anos, na seção *Reportagens* sobre o tema *infra-estrutura*

Subtema	1976	1977	1978	1979	1980	1981	Total geral
Geral	7	3	8	19	8	8	53
Vias públicas	4	6	9	24	-	2	45
Água	1	8	11	4	-	1	25
Iluminação	-	4	1	17	2	-	24
Água e esgoto	-	-	4	8	2	-	14
Limites Municipais	-	-	-	1	1	2	4
Ponte	-	1	1	-	1	-	3
Outros	1	2	4	14	1	2	24
Total geral	13	24	38	87	15	15	192

Fonte: Coleção Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

Quanto aos subtemas, novamente, não há diferença entre os mais recorrentes. Os principais assuntos que aparecem na seção *Reportagens* são os mesmos que aparecem na seção *Manchete* e que, também, são os mesmos apresentados no gráfico 3.8 que mostra os principais subtemas abordados em *infra-estrutura*. São eles: os problemas de infra-estrutura no geral, as vias públicas, abastecimento de água, iluminação e problemas na rede de água e esgoto.

A tabela 3.4 mostra que foram veiculadas 53 matérias sobre os problemas gerais de infra-estrutura. Esse é o subtema mais abordado, o que demonstra que os bairros de circulação do jornal não apresentavam um único problema de infra-estrutura, mas eram várias as dificuldades: falta de água, esgoto, iluminação,

telefone, asfalto, sendo que muitas das vezes esses problemas ocorriam num mesmo bairro. Esse subtema é seguido por 45 matérias sobre as condições das vias públicas, tais como, falta de asfalto, buracos, construção de viadutos entre outros. Em seguida, com 25 matérias publicadas, estão os problemas relacionados ao abastecimento de água, seja pela falta deste abastecimento seja sobre a qualidade da água ou dos serviços prestados. Há 24 informações sobre iluminação, algumas sobre a falta de luz, outras sobre o preço da conta e outras sobre a chegada da energia elétrica. O último grande subtema abordado é a questão de água e esgoto, com 14 matérias veiculadas. A denominação *Outros* foi utilizada para agrupar todos os subtemas que apareceram na seção *Reportagens* apenas uma ou duas vezes, durante todos os anos. Destarte, esses valores foram considerados inexpressivos para alterar o resultado de qualquer tipo de análise.

Pelo que foi analisado na seção *Reportagens* não há nada que justifique a redução sofrida pelo tema *infra-estrutura*, ao longo do tempo. As oscilações quanto ao número de informações veiculadas sobre o tema não foram significativas, com exceção do ano de 1979. Entretanto, neste ano, houve um aumento no número de matérias publicadas. Para os outros anos (1976, 1977, 1978, 1980 e 1981) a média de informações sobre o tema, nessa seção, não variou muito. Ela girou em torno de uma ou duas matérias por edição. Portanto, a exceção está, de fato, no ano de 1979, quando essa média variou entre 3 e 4 publicações por edição ¹⁴⁹.

A prova de que o tema sempre esteve em destaque na seção *Reportagens* (e que os problemas de infra-estrutura permaneciam graves) era o conteúdo das próprias matérias publicadas. Elas apresentavam o mesmo tom de gravidade, dos primeiros anos de circulação do jornal até os últimos tempos. Em nenhum momento, ocorreram matérias anunciando melhorias na infra-estrutura dos bairros. A exceção aparecia em algumas anúncios governamentais destacando melhorias feitas ou obras a serem realizadas, como ocorreu na edição 106, quando a prefeitura de Belo Horizonte anunciava o início de novas obras.

¹⁴⁹ A média de matérias veiculadas sobre *infra-estrutura*, na seção *Reportagens*, foi calculada a partir dos dados da tabela 3.3, dividido pelo número de edições de cada ano. Em 1976 foram 13 matérias para 7 edições; 1977 foram 24 matérias para 26 edições; 1978 e 1979 com 38 e 87 matérias, respectivamente, para 25 edições em cada ano; 1980 e 1981 foram 15 matérias em cada ano para 13 e 12 edições, respectivamente.

A Prefeitura vai iniciar diversas obras ainda neste segundo semestre do ano. (...) Estas novas frentes serão abertas exatamente no momento em que diversas outras estão sendo encerradas. Ainda para este ano está previsto a conclusão das obras de implantação das avenidas Delta, Esportes e Américo Vespúcio e ainda de trabalhos de modernização da Cristiano Machado (...). Outra obra que estará concluída até o final do ano é a de melhoria no sistema de escoamento d'água do Arrudas. Os trabalhos no trecho entre a Ponte do Perrela e a rua Curitiba estão rigorosamente dentro do cronograma traçado, (...). Assim, ainda este mês será iniciada a obra de implantação do corredor estrutural da avenida Antônio Carlos (...). Também neste mês deverão começar as obras de implantação da avenida Atlântida.¹⁵⁰

Apesar de algumas tentativa dos órgãos públicos de anunciarem melhorias na infra-estrutura dos bairros, permaneciam as matérias que apresentavam as dificuldades enfrentadas pela população. Comparando as duas matérias veiculadas pelo *Jornal dos Bairros*, é possível notar que elas informavam sobre problemas de infra-estrutura em duas áreas de circulação do jornal. A diferença que há entre elas é que uma foi publicada nas primeiras edições do jornal e, a outra, em 1981, em uma de suas últimas edições. As citações abaixo permitem ao leitor perceber como o conteúdo de ambas são próximos:

Há algum tempo atrás [*sic*] houve muita alegria no Flamengo. Deram início à construção de uma imensa caixa d'água no bairro. Todo mundo que lá mora pensou logo que ia ter água encanada nas casas. Mas logo depois veio a decepção. A água da caixa, cujos canos cortam as ruas do Flamengo, foi servir os bairros vizinhos (...). As ruas do Flamengo não têm luz. (...) Possuindo uma única rua asfaltada, a dos 'Italianos', o Flamengo é considerado por seus moradores 'o mais desleixado de toda a área da Cidade Industrial'.¹⁵¹

Grande parte do bairro não tem iluminação pública nem rede de água e esgoto. E o pior de tudo é que os moradores são obrigados a pagar os custos de instalação de luz e rede de água e esgoto. (...) as ruas não tem calçamento, o telefone público fica há 20 minutos a pé e o córrego ao lado da via férrea precisa ser canalizado.¹⁵²

¹⁵⁰ Prefeitura vai dar início a novas obras. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 106, p. set. 1981.

¹⁵¹ Caixa não levou água para o Flamengo. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 4, p. 3, 2ª quinzena nov. 1976.

¹⁵² Bela Vista é perto da sede, mas está no maior dos abandonos. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 103, p. 5, jun. 1981.

Se a explicação para a queda de informações sobre *infra-estrutura* não está nas seções veiculadas em todos os anos de circulação do *Jornal dos Bairros*, como *Manchete* e *Reportagens*, ela deve estar nas seções que mais publicaram sobre o tema – *Notas e Reclamações* e *Cartas/Leitores*.

3.2.3 O tema *infra-estrutura* nas seções *Notas e Reclamações* e *Cartas/Leitores*

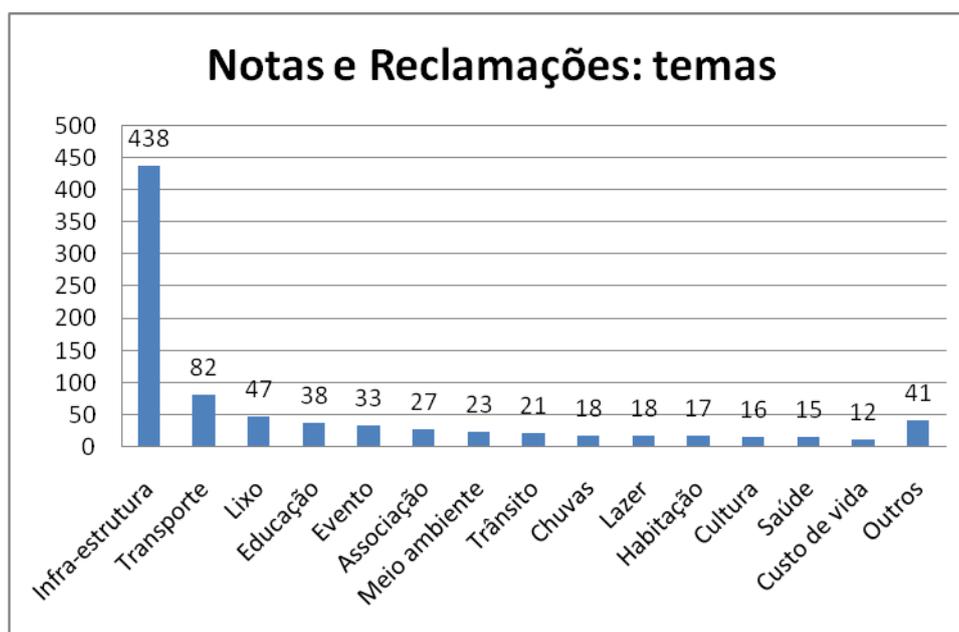
Essas duas seções – *Notas e Reclamações* e *Cartas/Leitores* – serão abordadas em conjunto porque elas tinham uma característica em comum e essa semelhança torna mais frutífera a análise se realizada ao mesmo tempo.

Ambas eram alimentadas por informações fornecidas pelos leitores, mesmo que o tratamento dado a estas informações fosse diferente para cada uma delas, como explicado no capítulo anterior. Enquanto na seção *Cartas/Leitores* a informação era publicada tal como foi recebida pelo jornal, inclusive com o nome do leitor que a enviou, na seção *Notas e Reclamações* as informações recebidas eram conferidas pelos jornalistas e estes produziam os textos que seriam publicados.

Antes de partir para a avaliação dessas seções em relação ao tema *infra-estrutura*, será preciso analisá-las inseridas na publicação *Jornal dos Bairros* como um todo, ou seja, investigá-las independente do tema que tenham veiculado. A seguir, o gráfico 3.10 mostra os temas mais veiculados na seção *Notas e Reclamações*.

A seção *Notas e Reclamações* aparece nas edições do *Jornal dos Bairros*, desde seu início até meados de 1980. De 1976, quando o jornal começou a circular, até final de 1978, essa seção esteve presente em todas as edições. Há uma única exceção, a edição 57, de dezembro de 1978. Contudo, a partir do ano de 1979 sua presença torna-se inconstante: ela esteve ausente em 10 das 25 edições do ano. Em 1980, ela circulou em apenas 3 das 13 edições e em 1981 essa seção não aparece mais ¹⁵³.

¹⁵³ Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

Gráfico 3.10 – Número de vezes que cada tema aparece na seção *Notas e Reclamações*

Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

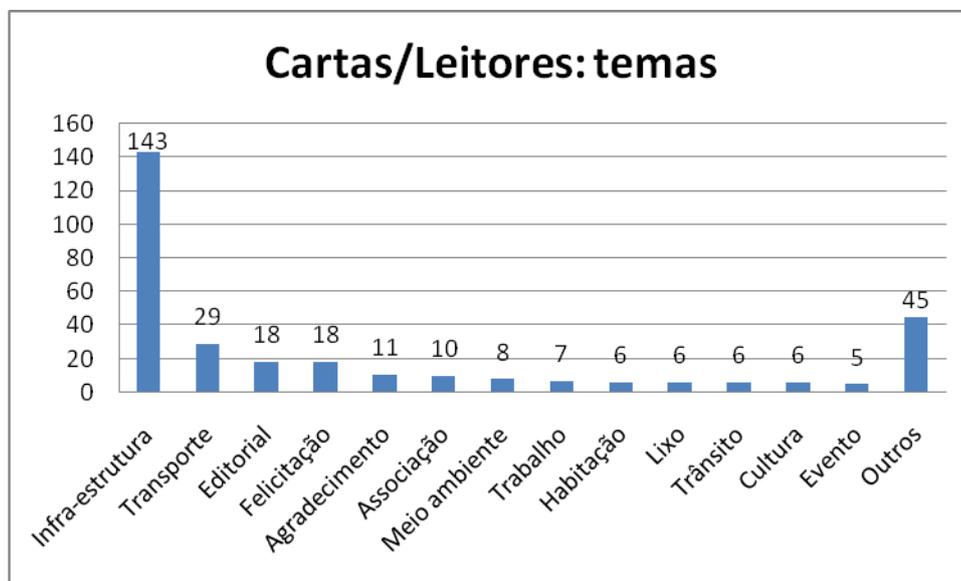
De acordo com o gráfico 3.10, a seção possui 438 itens sobre infra-estrutura. Esse número corresponde a pouco mais de 50% do total de 846 matérias publicadas na seção. O segundo tema mais mencionado foi o transporte, com 82 inserções, ou seja, menos de 10% do total, seguido pelo lixo, com 47; educação, com 38; evento, com 33, e associação, com 27. Os outros temas não chegam a representar, cada um, nem 3% do total. A grande diferença entre o tema mais recorrente e o segundo colocado nessa seção levanta a ideia de como a falta de infra-estrutura nos bairros de abrangência do jornal era o problema que mais incomodava os seus moradores.

É preciso avaliar os dados da seção *Cartas/Leitores* para saber se a ideia de que a infra-estrutura era uma das graves questões para o público alvo do jornal é confirmada. O gráfico 3.11 mostra os temas que mais circularam nessa seção.

A seção *Cartas/Leitores* aparece no início da circulação do *Jornal dos Bairros* e segue até o seu final. A presença dessa seção é constante, não faltando em nenhuma edição, até janeiro de 1978. Após essa data, sua publicação é inconstante, mas permanece até dezembro de 1981. Das 108 edições, a seção esteve presente em 73, ou seja, 67,6% do total. No entanto, nos anos de 1976 e 1977 essa presença é de

100% das edições e nos, quatro anos seguintes, consta em 41 edições, tendo uma média de 54,6%, do total de 75 edições para o período ¹⁵⁴.

Gráfico 3.11 – Número de vezes que cada tema aparece na seção *Cartas/Leitores*



Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

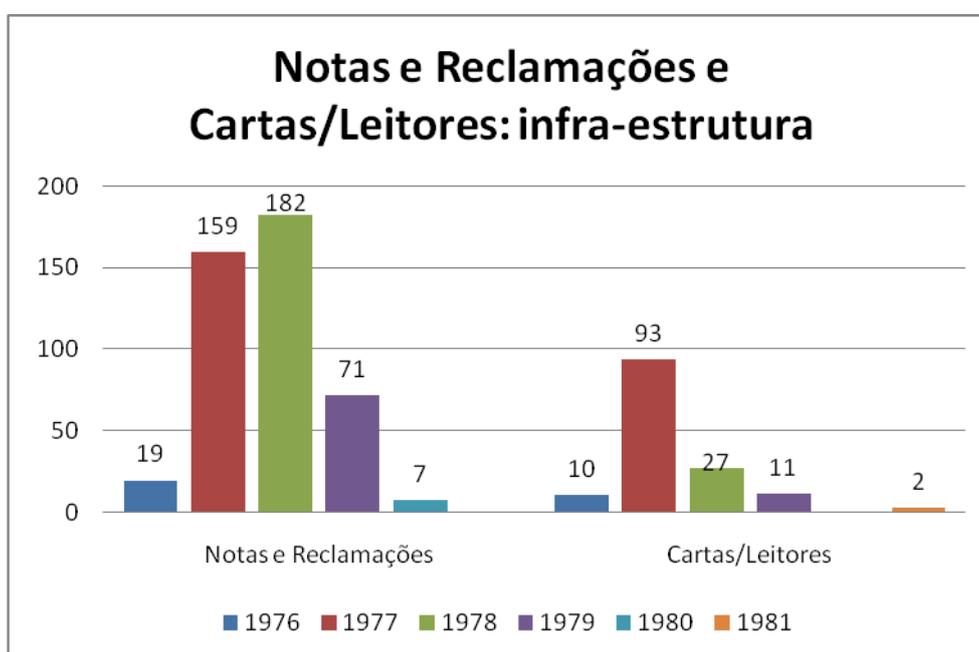
Novamente, de acordo com o gráfico 3.11, o tema *infra-estrutura* foi o mais abordado com 143 itens, o que representa 45% das 318 cartas de leitores publicadas no jornal. Tal assunto é seguido por transporte, com 29 itens, menos de 10% do total. Na sequência, acompanham os temas *editorial* e *felicitação*, ambos com 18 itens; *agradecimento*, com 11, e *associação*, com 10. Os demais representam menos de 3% do total.

As duas seções – *Notas e Reclamações* e *Cartas/Leitores* – apresentam resultados semelhantes, ambas mostram a *infra-estrutura* como o problema que mais afligia o público alvo do *Jornal dos Bairros*. Além disso, a diferença quanto ao número de informações veiculadas (em ambas as seções) entre esse tema e o segundo colocado – *transporte* – é muito grande. Faz-se necessário, portanto, compreender o comportamento dessas duas seções diante do tema *infra-estrutura* para avaliar as razões para a redução no número de matérias veiculadas sobre o tema, como mostrou o gráfico 3.7.

¹⁵⁴ Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

A seguir, são apresentados dois gráficos que sintetizam dados já apresentados pelas tabelas 2.2 e 3.3, mas que facilitarão a visualização do que se deseja discutir. O gráfico 3.12 apresenta o número de informações somente para o tema *infra-estrutura*, contidas nas seções *Notas e Reclamações* e *Cartas/Leitores*, em cada um dos anos de circulação do jornal; enquanto que o gráfico 3.13, apresenta o número de informações gerais nas duas seções em cada ano.

Gráfico 3.12 – Número de vezes em que o tema *infra-estrutura* aparece nas seções *Notas e Reclamações* e *Cartas/Leitores*, ao longo dos anos



Fonte: Coleção Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

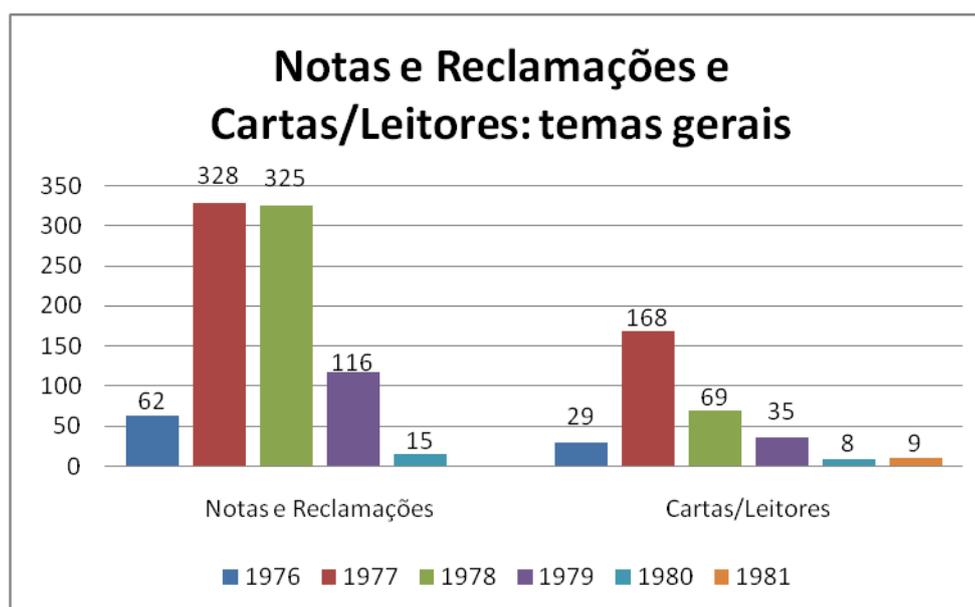
Para efeito de análise, não serão levados em consideração os dados do ano de 1976, pois o jornal só começou a circular a partir de setembro, não sendo possível fazer uma análise completa do ano.

Diante dos dados do gráfico 3.12, é possível notar que a seção *Notas e Reclamações*, na qual eram publicadas matérias a partir de informações fornecidas pelos leitores do jornal, apresentou uma grande queda do ano de 1978 para o ano de 1979. Em 1978, foram 182 itens sobre *infra-estrutura* e, no ano seguinte, apenas 71. A seção *Cartas/Leitores* na qual eram publicadas informações exatamente como foram enviadas ao jornal pela população dos bairros, também sofreu uma queda. Em

1977, foram publicadas 93 cartas abordando o tema *infra-estrutura*; em 1978, foram 27, e, no ano seguinte, apenas 11.

Uma avaliação imediata desses dados poderia sugerir que os problemas de infra-estrutura foram diminuindo, ao longo do tempo, nos bairros de circulação do jornal e, por isso, estariam saindo da agenda de discussão da população e do próprio jornal. No entanto, essa seria uma conclusão muito precipitada. A redução apresentada, no gráfico 3.12, do ano de 1978 para o ano de 1979, não é capaz de sustentar essa conclusão. Ao observar o gráfico 3.13, será possível perceber que essas duas seções, independente do tema abordado, sofreram uma queda muito grande no número de informações veiculadas por elas, quando comparado os primeiros anos de circulação do jornal com os últimos.

Gráfico 3.13 – Número de vezes em que as seções *Notas e Reclamações* e *Cartas/Leitores* aparecem ao longo dos anos



Fonte: Coleção Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

Segundo o gráfico 3.13, a seção *Notas e Reclamações* veiculou 328 matérias no ano de 1977, número muito próximo do ano seguinte, 325. Já o ano de 1979, apresentou uma queda grande comparado com os dois anos anteriores, foram apenas 116 itens publicados, apesar de o número de edições desse ano e do ano de 1978 serem o mesmo (25). Esse dado mostra que a média de informações veiculadas na

seção *Notas e Reclamações* caiu de 13 por edição para menos de 5, em 1979. Em 1980, foram somente 15 informações publicadas nas 13 edições do ano e, no ano seguinte, essa seção nem aparece.

Movimento semelhante ocorre com a seção *Cartas/Leitores*. O ano de 1977 foi o que apresentou o maior número de informações nessa seção: foram 168, numa média de 6,4 itens em cada uma das 26 edições do ano. Em 1978, este número caiu para 69, em 25 edições anuais, média de 2,7 informações por edição. Desse ano em diante, a redução passa a ser maior ainda: em 1979, foram 35 itens publicados em 25 edições; em 1980, foram veiculadas 8 informações em 13 edições e, no último ano, foram 9 itens para 12 edições.

Diante do exposto, percebe-se que há uma queda generalizada nas duas seções que se caracterizavam pela interlocução do jornal com seu público-alvo. Já que a diminuição no número de matérias veiculadas por elas foi geral, não é possível concluir que a redução, nessas duas seções, para o tema *infra-estrutura* seja porque esses problemas não afligiam mais os moradores dos bairros de circulação do jornal. Até mesmo porque, como verificou-se na análise da seção *Reportagens*, as matérias difundidas sobre *infra-estrutura* permanecem com grande destaque. Portanto, ao analisar as seções *Manchete* e *Reportagens* avaliou-se que nelas não estariam a justificativa para a redução no número de informações sobre *infra-estrutura*, observa-se agora que essa pode ser encontrada na forte redução sofrida pelas seções *Notas e Reclamações* e *Cartas/Leitores*.

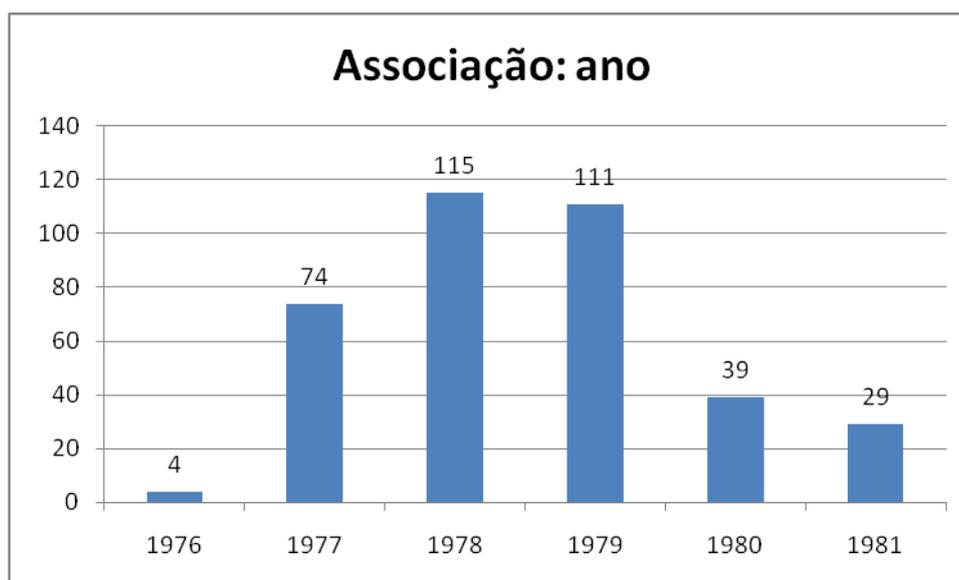
Talvez a avaliação deva ser outra: não é a questão da *infra-estrutura* que foi resolvida, mas o envolvimento do público com o jornal que parece ter se reduzido. Se é verdade que o público começa a participar menos do jornal, é preciso refletir sobre as razões para esse acontecimento. É a partir do ano de 1979 que torna-se mais perceptível a queda na interação jornal-leitor. É, também, a partir desse ano que torna-se mais visível a mudança na linha editorial do jornal, quando ele começa a publicar temas de interesse nacional e não só local, como no seu início, conforme foi percebido ao analisar o tema *trabalho*. Esse fato pode ajudar a compreender a queda no número de informações veiculadas nas seções *Notas e Reclamações* e *Cartas/Leitores* ao longo dos anos. É razoável afirmar que a mudança na política editorial do jornal pode ter contribuído para afastar a identificação que havia entre o

público-alvo e o jornal. As razões para esse fato precisam ser investigadas um pouco mais, talvez a análise de outros temas ajude a esclarecer tal fato.

3.3 Associação

De acordo com o gráfico 3.1, o tema *associação* é o quarto mais recorrente no *Jornal dos Bairros*, com 372 itens, correspondendo a quase 5% do total de 7656 processados. Nas duas seções de referência – *Manchete* e *Reportagens* –, o tema aparece em 5º lugar em ambas, com 37 e 76 itens, conforme os gráficos 3.4 e 3.5, respectivamente.

Gráfico 3.14 – Número de vezes que o tema *associação* aparece ao longo dos anos



Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nºs 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

Se o jornal, como seu próprio nome afirmava, era um jornal de bairro, nada mais coerente do que apresentar um número significativo de matérias que visassem a contribuir ou difundir a organização dos moradores das regiões de circulação do periódico. O gráfico 3.14 mostra que o tema vem num crescente. No ano de 1976, foram apenas 4 itens; em 1977, foram 74 e, no ano de 1978, aparece com 115 itens. Nesse ano, nas 25 edições do jornal, o tema teve uma média de 4,6 inserções por edição, mantendo média semelhante (4,4) para o ano de 1979, com as mesmas 25

edições e 111 itens. Já os anos de 1980 e 1981, apesar da redução no número de edições anuais (13 e 12, respectivamente) há uma queda na média de informações divulgadas: em 1980, foram 39 matérias veiculadas, com média de 3 matérias por edição e, em 1981, foram 29, com média de 2,4.

Para analisar as razões para a queda no número de matérias publicadas sobre o tema nos últimos anos de circulação do jornal, é preciso identificar as seções nas quais o tema aparece para avaliar se essa redução também ocorre nas seções – *Manchete e Reportagens* – definidas com as mais relevantes para a análise do jornal.

Tabela 3.5 – Número de vezes em que o tema *associação* aparece nas diferentes seções ao longo dos anos

Seção	1976	1977	1978	1979	1980	1981	Total geral
Associações de Bairros		33	79	64	21	7	204
Reportagens	1	8	14	31	10	12	76
Manchete	-	6	7	13	4	7	37
Notas e Reclamações	-	9	13	1	4	-	27
Cartas/Leitores	1	6	2	1	-	-	10
Curtas	-	8	-	-	-	-	8
Propagandas	2	-	-	-	-	1	3
Pequenas Notícias	-	3	-	-	-	-	3
Venda Nova	-	-	-	-	-	1	1
Tirinhas	-	-	-	1	-	-	1
Ibirité	-	-	-	-	-	1	1
Coluna	-	1	-	-	-	-	1
Total geral	4	74	115	111	39	29	372

Fonte: Coleção Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

A seção que mais publicou informações sobre o tema foi, justamente, a seção denominada *Associação de Bairros*. Foram 204 itens, distribuídos de modo irregular, entre janeiro de 1977 e abril de 1981. Esse valor corresponde a pouco mais de 54% do total de 372 itens processados sobre o tema. O ano de 1978 foi o que mais circulou informações sobre o tema na seção *Associação de Bairros*: foram 79, seguido pelo ano de 1979, com 64. Os dois últimos anos – 1980 e 1981 – apresentaram uma queda: foram 21 e 7 itens, respectivamente. Essa redução é significativa, mesmo levando em consideração que o número de edições lançadas foi inferior em relação aos anos anteriores.

Essa seção veiculava informações sobre a mobilização e organização dos moradores dos bairros em torno de suas associações. Havia nela matérias abordando desde criação de associações, avisos de reuniões, eleição e posse de diretoria até reivindicações e conquistas de cada associação. A importância da união para atingir as conquistas desejadas era uma tônica, sempre presente, no discurso de vários membros de associações e reforçada pelo jornal, como mostram os trechos a seguir. No primeiro, o jornal coloca-se como porta voz da Associação Pró-Melhoramentos do Bairro Industrial, ao apresentar a preocupação da entidade com o envolvimento de todos os moradores da região em suas atividades; o segundo trecho é uma entrevista com um dos membros da Associação de Moradores do Lindéia.

A Associação Pró-Melhoramentos do Bairro Industrial, que dentre em breve será definitivamente constituída com a aprovação do seu estatuto, tem se preocupado desde o primeiro momento com a participação de todos os moradores em suas atividades. Conforme já registramos, todo o trabalho da Associação é dividido em comissões para que todo morador possa dar sua parcela de contribuição na solução dos problemas do bairro. Também o estatuto da Associação, todo ele elaborado pelos próprios moradores, mostra o nível democrático que sua organização já alcançou.¹⁵⁵

A coisa que mais aprendemos e que todo mundo deve aprender também é que nós precisamos nos unir. Os vicentinos, por exemplo, sozinhos não conseguem resolver todos os problemas. Ajudar, ajudar, ajudar sem se preocupar em trazer as pessoas pra participar da nossa luta, não adianta nada. Eu sou vicentino e sei. A gente ajuda um e já tem mil precisando. No movimento da Associação a gente ajuda todos os moradores do bairro de uma vez. A gente não deve pensar que os moradores não querem participar. Nós temos estar sempre convidando, sempre insistindo. Eles acabam vendo a importância.¹⁵⁶

As duas seções que são usadas como parâmetros principais para avaliar os dados do jornal – *Manchete* e *Reportagens* – dão maior destaque ao tema no ano de 1979. A tabela 3.5 mostra que nesse ano há o maior número de itens nessas duas seções, 13 e 31, respectivamente, mas esse foi no ano de 1978 que circulou mais informações sobre *associação*, conforme tabela 3.5. A explicação para esse fato está na redução no número de informações veiculadas em *Associação de Bairros* e *Notas*

¹⁵⁵ Onde todos participam. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 57, p. 5, 9 à 22 dez. 1978.

¹⁵⁶ Aprendemos que nossa união é importante. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 60, p. 7, 20 jan. a 2 fev. 1979.

e *Reclamações* entre os dois anos em questão. Para a primeira, foram 79 itens em 1978 e 64 para o ano de 1979; já *Notas e Reclamações* apresentou 13 itens em 1978 e apenas um no ano seguinte. A suposição que se pode fazer é que ao perceber, por meio das seções de interlocução entre o leitor e o jornal, que o tema era importante para seu público, o jornal garantiu um destaque maior a ele, tanto na sua primeira página quanto no volume de matérias em *Reportagens*. Tal suposição é confirmada quando se nota que a média de informações nas seções *Manchete* e *Reportagens*, para os anos de 1980 e 1981, foram superiores à média em 1978. Nesse ano foram apenas 7 chamadas de primeira página e 14 matérias na seção *Reportagens*, em 25 edições anuais. Esses números são proporcionalmente menores do que os apresentados nas 13 edições de 1980 e nas 12 de 1981. Nelas, veicularam-se 4 e 7 itens em *Manchete*, e 10 e 12 itens em *Reportagens*, respectivamente.

Semelhante ao que acontece na seção *Associação de Bairros*, a maior parte das matérias veiculadas em *Reportagens* tratava de assuntos como criação de associações, avisos de reuniões, eleição e posse de diretoria, reivindicações e conquistas das associações. Os exemplos a seguir refletem o tipo de matérias veiculadas.

O Bairro Camargos tem uma Associação de Moradores, fundada em 1974 e é através dela que vários problemas do bairro tem sido encaminhados às autoridades responsáveis, para se tentar uma solução. Até mesmo um trabalho junto com outras associações foi feito, para tentar resolver o problema comum, que é a falta de transporte coletivo.¹⁵⁷

Percebam que já existe uma consciência de que os problemas não são individuais ou exclusivos de um determinado bairro. As associações já identificam que a realidade de seu bairro está presente em outros bairros da região industrial da cidade. E, nesse âmbito, o *Jornal dos Bairros* fez sua parte, pois à medida que divulgava o cotidiano de diferentes bairros, os moradores de cada um deles poderia identificar as semelhanças de realidades. Assim, a visão de política poderia ser alargada reduzindo pensamentos como o de um morador do bairro Camargos,

¹⁵⁷ A Associação. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 5, p. 3, 1ª quinzena de dez. 1976.

expressa nessa mesma matéria, na qual ele afirma que “... esse negócio de política não interessa. O importante é fazer alguma coisa pelo bairro”.¹⁵⁸

A Associação Comunitária do Bairro Novo Riacho – ANCONOR, está se preparando para as eleições de sua nova diretoria que serão realizadas neste mês de dezembro. Todos os moradores que estiverem interessados em participar da associação e mesmo da diretoria deverão comparecer às reuniões que são realizadas aos sábados, às 8:30 horas, no barracão de obras da igreja.¹⁵⁹

Essa pequena nota reforça uma realidade das associações de bairro naquela época: muitas estavam ligadas ou recebiam apoio da Igreja católica. Várias delas tinham suas reuniões após a missa ou se reuniam no espaço das igrejas, como mostra a matéria sobre a comunidade do Novo Riacho.

Finalmente começaram no São Joaquim as obras prometidas (...). (...) Será que por um milagre a subprefeitura ou algum político resolveu fazer uma boa ação com os moradores do São Joaquim? ‘É claro que não! Estes melhoramentos são fruto de uma luta muito grande’, explicam os participantes da Associação Força Viva. (...) A Associação faz questão de esclarecer que estas obras são fruto de luta e união do povo, do mesmo jeito que foram conseguidos o asfalto da Av. Bonsucesso, ônibus, escola e quebra-molas: ‘precisou de muita disposição e luta nos gabinetes das autoridades’. A associação agora quer o que o povo vigie as obras para que sejam realmente feitas e compareça às reuniões nas noites de sábado.¹⁶⁰

Nesse trecho, a ação dos moradores como responsáveis pelas conquistas de melhorias para o bairro, é ressaltada. Nessa mesma matéria, o jornal aproveita para lembrar que em janeiro de 1977, publicou uma reportagem de capa sobre o buraco na rua do bairro que “agora” (1981) está sendo resolvido. Era uma forma de o jornal destacar sua colaboração na solução dos problemas dos bairros.

O tema *associação* apresenta uma redução no número de matérias veiculadas, nos dois últimos anos de circulação do jornal. Entretanto, essa redução não se repete quando analisadas apenas as seções *Manchetes* e *Reportagens* que para

¹⁵⁸ Idem.

¹⁵⁹ Esgoto é problema de N. Riacho e Flamengo. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 57, p. 8, 9 a 22 de dez. 1978.

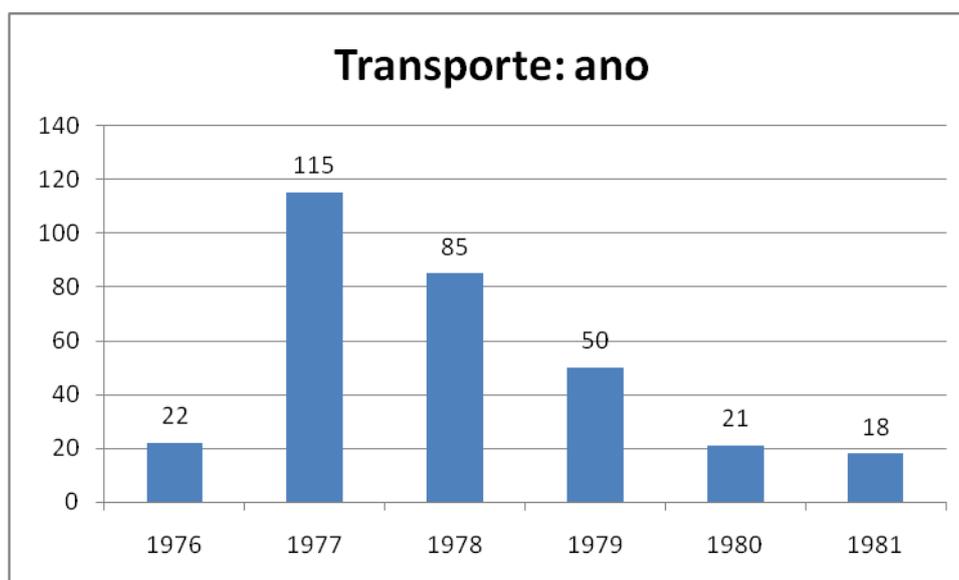
¹⁶⁰ Luta da Associação traz obras importantes para o S.Joaquim. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 101, p. 5, abr. 1981.

esta dissertação foram tomados como referências. A redução geral pode ser atribuída à queda nas seções que demandavam uma maior interação com o leitor, como a *Notas e Reclamações* e *Associação de Bairros*, reforçando a ideia de que nos últimos tempos o jornal vinha perdendo sua identificação com seu público-alvo. Se por um lado, o jornal, a partir de 1979, começa a trilhar outra linha editorial, priorizando temas de caráter mais geral em detrimento das questões locais, parece que a questão da organização dos moradores de bairros, manteve-se como um tema relevante, mesmo nesse novo contexto. Isso pode demonstrar um papel importante que o jornal tinha e continuava fiel a ele: o de contribuir para a mobilização popular. Tal perspectiva pode justificar a não redução nas informações veiculadas pelas seções *Manchete* e *Reportagens*. As análises dos próximos temas podem ajudar a lançar luz sobre essas impressões.

3.4 Transporte

Com a leitura do *Jornal dos Bairros*, é fácil perceber como a questão dos transportes era um dos graves problemas que afligiam os moradores das regiões de abrangência do jornal. Por isso não é de se espantar que o tema seja o quinto mais abordado pelo periódico, com 311 itens, segundo o gráfico 3.1, correspondendo a cerca de 4% das 7656 informações processadas. Nas seções *Manchete* e *Reportagens*, ele aparece em quarto lugar, com 55 e 113 inserções, respectivamente, conforme gráficos 3.4 e 3.5, ou seja, à frente do tema *associação*. O gráfico 3.15 mostra como o tema foi distribuído ao longo do ano.

Tanto em termos absolutos quanto em termos relativos, o ano de 1977 é o que possui o maior destaque para o tema. Foram 115 itens em 26 edições, correspondendo a uma média de 4,4 inserções por edição. Nos anos seguintes, a média por edição só tendeu a diminuir: em 1978, foram 85 itens em 25 edições, o que equivale a 3,4 inserções por edição; para o mesmo número de edições, o ano de 1979 apresentou 50 itens, média de duas inserções por edição; 1980 veio com 13 edições, 21 itens e possui média de 1,6; já 1981 detém média de 1,5 ao apresentar 12 edições com 18 itens totais.

Gráfico 3.15 – Número de vezes que o tema *transporte* aparece ao longo dos anos

Fonte: Coleção Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

Como esse tema é bem específico sobre os problemas que os bairro enfrentam, a sua queda ao longo dos anos reforça a hipótese, já levantada anteriormente, de que os assuntos de caráter nacional ganharam mais destaque nos últimos anos de circulação do jornal. Para avaliar melhor essa afirmação, é preciso ver em quais seções o tema apareceu ao longo dos anos.

Tabela 3.6 – Número de vezes em que o tema *transporte* aparece nas diferentes seções ao longo dos anos

Seção	1976	1977	1978	1979	1980	1981	Total geral
Reportagens	6	21	38	27	11	10	113
Notas e Reclamações	9	47	18	7	1		82
Manchete	3	13	20	9	5	5	55
Cartas/Leitores	4	17	4	4			29
Associações de Bairros		9	3	3	4	3	22
Curtas		4					4
Fotos Legenda		2					2
Coluna		1	1				2
Propagandas			1				1
Foto Jornal		1					1
Total geral	22	115	85	50	21	18	311

Fonte: Coleção Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

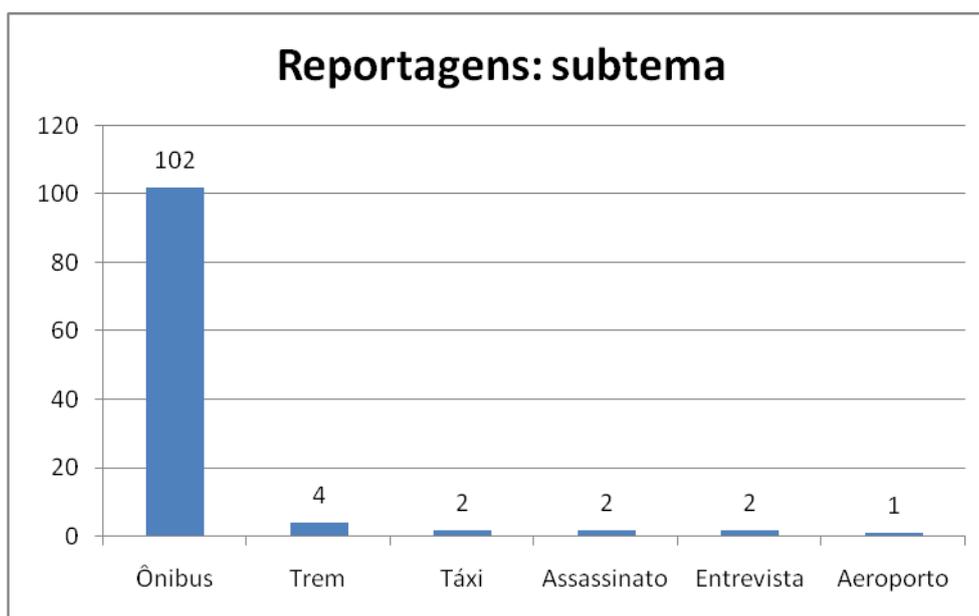
O ano de 1978, apesar de não ser o período o qual possui o maior número de vezes em que o tema apareceu, é o que tem maior destaque nas seções *Manchete* e *Reportagens*, com 20 e 38 itens, respectivamente, contra 13 e 21 no ano de 1977. O grande diferencial a favor do ano de 1977 é na seção *Notas e Reclamações*. Nela, aparecem 47 informações sobre o tema, contra apenas 18 para o ano seguinte. E a tendência para essa seção é só diminuir chegando a apenas uma informação no ano de 1980 e nem aparecendo no ano de 1981. O tema *transporte* repete o que já aconteceu com os temas *trabalho*, *infra-estrutura* e *associação*. Nas seções ligadas a interlocução com os leitores, a aparição do tema tende a diminuir ou até mesmo desaparecer, como é o caso da seção *Cartas/Leitores* em que o tema *transporte* não aparece nem em 1980 nem em 1981.

No que se refere ao tema *transporte*, a grande questão que afligia a população eram os ônibus. De 113 matérias veiculadas na seção *Reportagens* ao longo dos anos, como mostra a tabela 3.6, 102 tratavam da questão dos ônibus, de acordo com o gráfico 3.16.

O dado em questão deixa claro que o ônibus era a principal opção para o transporte coletivo dos moradores da cidade. Não havia linhas de metrô e eram poucas as opções de trem de subúrbio e, ainda, as autoridades públicas retiraram alguns de circulação, como mostra a matéria veiculada em novembro de 1976.

Alguns moradores do Vale do Jatobá, Lindéia, Barreiro e outros bairros acham que a solução para o problema de transportes pode ser o retorno dos trens subúrbios que há alguns anos transportavam milhares de pessoas e foram retirados sem nenhuma explicação. Hoje resta apenas um trem subúrbio para o Barreiro, que faz apenas duas viagens até o centro de Belo Horizonte, uma pela manhã (às 5h e 45 minutos) e outra à tarde (às 17h e 30 minutos).¹⁶¹

¹⁶¹Condução continua sem solução. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 3, p. 3, 1ª quinzena nov. 1976.

Gráfico 3.16 – Subtemas de *transporte* abordados na seção *Reportagens*

Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nºs 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

No mês seguinte, o jornal anunciava a criação de uma nova linha de trem de subúrbio que ligaria a estação central de Belo Horizonte até a fábrica da Fiat.

Vai ser criada uma nova linha de subúrbio para Betim, com o objetivo único de atender ao transporte dos operários da Fiat e FMB. A notícia de que haverá o novo subúrbio está agradando muito [*sic*] os moradores dos bairros que poderão ser beneficiados, como o JK, Eldorado, Camargos e outros, os moradores enfrentam grandes problemas com a precariedade e insuficiência das atuais linhas de ônibus. Contudo, nenhuma informação concreta sobre o prazo em que estes novos trens começarão a circular, foi divulgada pela Rede Ferroviária.¹⁶²

Apesar do anúncio das novas linhas de trens de subúrbio, o que se observa é que a maior parte do transporte coletivo da cidade continuava sendo realizado pelos ônibus. A insatisfação com esse tipo de transporte era vista como um dos graves problemas enfrentados por alguns bairros da região industrial de Belo Horizonte.

O JORNAL DOS BAIRROS ouviu o diretor de tráfego urbano da SMT [Secretaria Municipal de Transporte], Sílvio Berhing, e o vereador Álvaro Antônio, sobre os problemas levantados pelos

¹⁶² Fiat vai ter linha de subúrbio. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 5, p. 7, 1ª quinzena dez. 1976.

moradores da região do Barreiro de Cima a respeito da condução. Na opinião dos dois, a condução é o principal problema dos moradores do Barreiro. (...) Já Álvaro Antônio vê na volta do subúrbio a única solução possível. Um outro problema que foi levantado: a existência de uma única empresa concessionária é a culpada pelas dificuldades dos moradores. Nenhum dos dois falou da falta de carros para atender a todas as linhas que a Empresa Barreiro de Cima explora.¹⁶³

O trecho acima reforça a ausência dos trens de subúrbios, já que esses são vistos pelo vereador como alternativa para os problemas e levanta outras duas queixas que sempre estiveram presentes nas matérias veiculadas pelo jornal. A primeira era o fato de a prefeitura conceder a uma única empresa o direito de explorar o transporte coletivo numa determinada região da cidade. Este fato, era visto como uma brecha para que estas empresas abusassem de seu poder e desrespeitassem os usuários dos transportes coletivos. A segunda queixa diz respeito a uma falta de ônibus nas linhas: o número desses veículos que circulavam era insuficiente para atender às demandas. Eles ainda, segundo o jornal, andavam sempre lotados, não cumpriam os horários estabelecidos. São tantos os problemas que os moradores de 22 bairros resolveram se unir para tentar coletivamente resolver o problema do transporte coletivo.

Muitos bairros já tentaram resolver seu problema. Fizeram abaixo-assinado, conversaram com as autoridades, esperaram promessas de políticos, etc... Mas os resultados sempre foram pequenos ou nenhum.

Por causa disso, 22 bairros, em vez de lutarem sozinhos, só dentro de seu próprio bairro, resolveram se unir para conseguir uma melhoria no transporte. Estes bairros já fizeram 3 reuniões para ver como conseguem lembrar às autoridades os problemas que eles sofrem todos os dias com a condução.¹⁶⁴

Mais uma vez a população percebe que seus problemas não são individuais, mas coletivos. Daí a identificação entre indivíduos de diferentes localidades e, conseqüentemente, o surgimento de movimentos que visam à união popular,

¹⁶³ O ônibus é o maior problema. Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n° 36, p. 3, 19 fev. a 04 de mar. 1978.

¹⁶⁴ A luta por uma condução melhor. Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n° 43, p. 3, 28 maio a 10 jun. 1978.

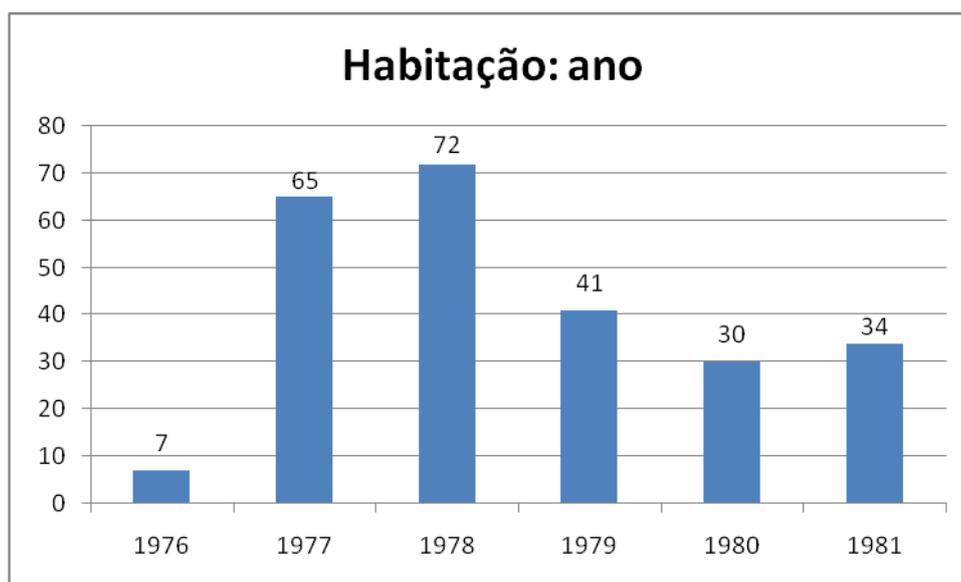
transformando assuntos do cotidiano em assuntos políticos. Essa mesma avaliação foi percebida ao analisar o tema *associação* e, talvez, também possa ser vislumbrada no próximo tema a ser tratado – *habitação*.

3.5 Habitação

O tema *habitação* aparece em 7º lugar com 249 inserções, conforme gráfico 3.1. Isso representa pouco mais de 3% do total de informações veiculadas pelo *Jornal dos Bairros*. O curioso é que *habitação* aparece em 2ª lugar na seção *Manchete* com 59 itens, conforme gráfico 3.4, à frente de temas como *infra-estrutura*, *associação* e *transporte* que no total de informações publicadas pelo jornal tem valores maiores que a *habitação*. Na seção *Reportagens*, essa categoria está em 3ª lugar, com 145 itens, de acordo com o gráfico 3.5. É importante observar que proporcionalmente ao número total de informações (249) esse é o tema que mais aparece na seção *Reportagens* (145) correspondendo a 58,2%, ou seja, mais da metade das ocasiões em que o tema foi tratado, ele estava na seção que tem o maior destaque dentro de cada edição do jornal. Sendo assim, é de se supor que, mesmo não sendo o tema mais abordado em termos quantitativos, a *habitação* tem um peso muito grande pelo destaque que as matérias do tema ganhavam no jornal.

As especificidades do tema não param por aí. Em todos os outros temas analisados, eles apresentam mais ou menos o mesmo tipo de comportamento, o número de inserções cresce, atinge um valor máximo em determinado ano e, em seguida, começam a cair sucessivamente. Já no tema *habitação*, a média de inserções por edição cresce nos primeiros anos, começa a diminuir e, depois, volta a aumentar nos últimos anos.

O gráfico 3.17 ajuda a compreender a afirmação até mesmo em números absolutos. Pela primeira vez, o ano de 1981, apresenta em termos absolutos, independente da quantidade de edições lançadas, um aumento em relação ao ano de 1980: foram 34 contra 30 inserções, respectivamente. Quando se parte para valores relativos, essa alternância volta a se confirmar.

Gráfico 3.17 – Número de vezes que o tema *habitação* aparece ao longo dos anos

Fonte: Coleção Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, nºs 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

Em 1976, o tema *habitação* com sete edições e sete inserções confere uma média de uma matéria por edição. O ano de 1977 apresenta uma média de 2,5 inserções em suas 65 aparições em 26 edições. Em 1978, o número é de 72 itens e, 1979, com 41 itens, sendo que foram editados 25 números do jornal para cada ano. O que configura uma média de 2,8 e 1,6 inserções, respectivamente. Seguindo o que aconteceu nos temas passados, era de se esperar que os anos de 1980 e 1981 apresentassem queda na abordagem do tema, mas não é isso que se verifica. Em 1980, são 30 inserções para 13 edições, correspondendo à média de 2,3 e, no ano seguinte, são 34 inserções para 12 edições, aumentando a média para 2,8.

A tabela 3.7 reforça a ideia de que não há uma constância no aparecimento do tema, pelo menos no que se refere à seção *Reportagens* – divisão de maior destaque como já foi observado. Ela repete o mesmo movimento observado para o gráfico 3.17, ou seja, o número de matérias sobre o tema cresce, diminui e, depois, volta a crescer. Em 1976, apenas três matérias sobre habitação foram veiculadas, o que dá uma média inferior a uma publicação por edição, em 1977 foram 41 itens em 26 publicações e média de 1,5 por edição; em 1978, foram 34 itens, e em 1979 foram 28. Os dois anos tiveram o mesmo número de edições (25) o que corresponde a uma média de 1,3 e 1,1, respectivamente. Já os anos de 1980 com 18 matérias publicadas em 13 edições têm média de 1,3, igualando-se ano de 1978, e o ano de 1981, com 21

itens em 12 edições, apresenta média de 1,7 - a maior de todos os anos. Em nenhum outro tema já analisado o último ano de circulação do jornal foi o que apresentou a maior média por edição.

Tabela 3.7 – Número de vezes em que o tema *habitação* aparece nas diferentes seções ao longo dos anos

Seção	1976	1977	1978	1979	1980	1981	Total geral
Reportagens	3	41	34	28	18	21	145
Manchete	2	12	18	7	10	10	59
Notas e Reclamações	2	8	3	3	1	-	17
Associações de Bairros	-	1	7	1	1	1	11
Propagandas	-	1	7	-	-	-	8
Cartas/Leitores	-	1	3	1	-	1	6
Curtas	-	1	-	-	-	-	1
Tirinhas	-	-	-	1	-	-	1
Betim	-	-	-	-	-	1	1
Total geral	7	65	72	41	30	34	249

Fonte: Coleção Jornal dos Bairros, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

Para avaliar melhor a dinâmica do que acontecia com o tema *habitação*, é necessário atentar para a tabela 3.8. Ela apresenta os subtemas mais recorrentes na seção *Reportagens*, quando o assunto era *habitação*. Os dois subtemas que foram responsáveis por mais de 70% de todas as 145 matérias veiculadas por essa seção foram *desapropriação*, com 63 itens e *moradia* com 39. O primeiro subtema concentra suas matérias em 1977. Neste, foram 36 itens, nos seguintes ele continua aparecendo, mas com a frequência bem menor, girando em torno de 9 e 7 itens por anos. Em 1981, ele apresenta apenas 2 matérias. Já o subtema *moradia* concentra suas matérias a partir de 1979. Neste ano foram 16; em 1980 apenas 6 e em 1981 o número sobe para 17 itens.

Tabela 3.8 - Subtemas abordados, ao longo dos anos, na seção *Reportagens* sobre o tema *habitação*

Subtema	1976	1977	1978	1979	1980	1981	Total geral
Desapropriação	-	36	9	7	9	2	63
Moradia	-	-	-	16	6	17	39
Conjunto Habitacional	-	3	11	-	-	-	14
Limites Municipais	-	-	8	-	-	-	8
Loteamento	1	-	4	1	-	-	6
Aluguel	-	1	2	-	-	-	3
Denúncia	-	-	-	-	1	1	2
Casas populares	1	-	-	1	-	-	2
Posse	-	-	-	-	1	1	2
Imposto	-	-	-	2	-	-	2
Reurbanização	-	-	-	-	1	-	1
Dicas	1	-	-	-	-	-	1
Lote	-	1	-	-	-	-	1
Piquetes	-	-	-	1	-	-	1
Total geral	3	41	34	28	18	21	145

Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

Os moradores da Cidade Industrial, em Contagem, enfrentavam o drama da desapropriação. O crescimento industrial da região exigia a desapropriação para abertura de ruas, avenidas e viadutos ou para a construção de novas áreas industriais. Essa realidade explica a preocupação do *Jornal dos Bairros* em informar sobre o que estava acontecendo. Assim ele esclareceu a população:

As favelas e vilas da Cidade Industrial começaram a surgir há mais de vinte anos. Os primeiros barracos foram construídos por famílias de operários que vieram trabalhar nas fábricas da Cidade Industrial. Os terrenos ocupados pelas primeiras vilas operárias eram do Estado. Durante muito tempo o governo não se importava com o surgimento das vilas porque havia muito terreno desocupado e as fábricas precisavam do trabalho dos operários que moravam nas vilas. Enquanto aumentava o número de indústrias, aumentava também o número de trabalhadores que moravam nas vilas e favelas da Cidade Industrial. (...)

É esta a situação da maioria dos moradores das favelas e vilas da Cidade Industrial ameaçadas de desapropriação pela Prefeitura. São famílias de trabalhadores das indústrias da Cidade Industrial que moram nas vilas e favelas porque não têm salário suficiente para pagar aluguel ou comprar lote. Além disso, as favelas e vilas ficam

perto das fábricas onde eles trabalham e das escolas onde seus filhos estudam.¹⁶⁵

Em outra edição de 1977, o jornal esclarece sobre a criação de um convênio entre a Prefeitura de Contagem e a Companhia de Distritos Industriais de Minas Gerais (CDI/MG) para a realização de obras e erradicação de favelas. Assim, o então prefeito justificou o convênio: “o desfavelamento, a drenagem e a canalização de córregos, como o do Ferrugem, resultarão na liberação de áreas, que terão destinação industrial.”¹⁶⁶ A matéria informa que o convênio tem validade de dois anos e que, nesse prazo, pretende-se acabar com todas as vilas e favelas existentes na Cidade Industrial. Com isso milhares de famílias que ajudaram a construir a região seriam expulsas e transferidas para outros locais.

A outra temática recorrente, *moradia*, aborda principalmente o drama dos flagelados, mas o interessante é observar que algumas matérias tratam da questão de moradia, não especificamente na área de circulação do jornal, mas no Brasil, como a que apresenta os problemas do BNH – Banco Nacional de Habitação.

Enquanto o governo continua criando um sem número de planos, programas, projetos econômicos e financeiros, o problema habitacional no Brasil para as famílias de baixa renda é cada vez mais sério. 73% das necessidades de habitação estão na população que ganha menos de 6 salários mínimos. O crescimento espantoso das favelas prova que os programas não solucionam a falta de moradia e, pior ainda, todo mundo vê que os recursos para a habitação acabam sendo utilizados para as famílias mais abastadas. Cerca de 80% dos recursos do BNH desde que foi criado em 1964 se destinaram à população que ganha acima de 15 salários mínimos. Em 75, por exemplo, chegou-se ao absurdo de somente 3% dos recursos serem gastos com os 80% da população pobre.¹⁶⁷

Essa matéria, publicada no final de 1980, reitera a linha editorial que o jornal passou a adotar nos últimos anos de sua circulação – abordar temáticas de caráter nacional. Nesse caso, ele tenta vincular os problemas de moradia que afligiam seus leitores com os problemas da política habitacional em voga no país. Dessa

¹⁶⁵ Os moradores das vilas. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 18, p. 7, 12 a 25 jun. 1977.

¹⁶⁶ Prefeitura quer expulsar milhares de moradores. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 17, p. 6-7, 29 maio a 11 jun. 1977.

¹⁶⁷ BNH oferece planos habitacionais no atacado e varejo, mas a grana vai mesmo é para as construções dos ricos. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 96, p. 5, nov. 1980.

forma, ele consegue dar a discussão um caráter nacional, em consonância com sua atual política editorial, e, ao mesmo tempo, manter-se fiel às suas origens, destacando problemas que atingiam a população das áreas de circulação do jornal, como era a questão da moradia.

3.6 Novos temas

Após análise detalhada destes cinco principais temas veiculados pelo *Jornal dos Bairros*, é possível tecer algumas considerações. Em todos os temas analisados, com exceção do último – *habitação* – foi observado a mesma dinâmica: a partir do ano de 1979, há uma tendência de queda no número de informações sobre cada tema. Essa queda é ainda maior a partir de 1980, mesmo levando em consideração que nos dois últimos anos de circulação do jornal há um número menor de edições. A diferença de procedimento com o tema *habitação* pode ser atribuída ao fato de o jornal ter conseguido vincular os problemas de moradia da população residente nas áreas de circulação do periódico com a falta de uma política habitacional nacional que não conseguia sanar as deficiências habitacionais do país.

Em alguns casos, como *infra-estrutura e transporte* – a queda no número de informações veiculadas, ao longo dos anos, foi atribuída a uma redução nas seções *Notas e Reclamações* e *Cartas/Leitores*, seções que estavam vinculadas a uma participação do leitor. É bom frisar que essas seções sofreram redução no número de informações publicadas não apenas para esses temas, mas para todos os outros. Afinal, elas tiveram uma redução drástica ao longo dos anos, portanto, é possível concluir que houve uma queda na interação do leitor com o jornal. A mudança na linha editorial do periódico, a partir de 1979, quando ele começou a dar maior ênfase a questões de caráter nacional em detrimento das questões locais, é levantada como uma das razões para a menor participação da população no jornal. Ao abrir espaço para abordagens de caráter nacional, o jornal teria perdido um pouco a identidade que mantinha com seu público-alvo.

Se, como foi afirmado anteriormente, houve uma redução nas matérias de caráter local, então, é preciso identificar as temáticas que ocuparam esse espaço. A tabela 2.1, exibida no capítulo 2, desta dissertação, ajuda nessa identificação. Por

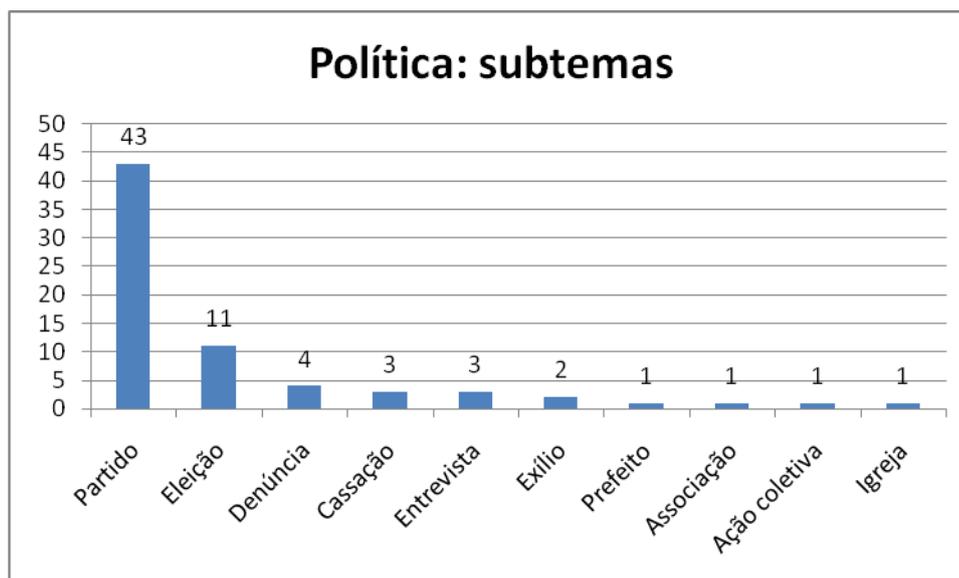
meio dela, é possível perceber que os únicos temas, nos anos de 1980 e 1981, que mantém ou mesmo aumentam o número de inserções em relação ao ano anterior, mesmo com a redução do número de edições, são *política* e *igreja*.

A influência da igreja Católica sobre o *Jornal dos Bairros* cresceu, a partir de 1979, na medida em que o jornal distanciava-se do cotidiano de seu público alvo, ao ampliar o espaço destinado às temáticas de interesse nacional. O discurso religioso era uma forma de aproximar-se desse público e, então, recuperar uma identificação jornal-leitor que poderia estar se perdendo; afinal, como já foi mencionado, nessa época, muitos movimentos sociais eram liderados pela igreja Católica.

O crescimento do tema *política* reforça a ideia de que o jornal começa a alargar suas abordagens para além dos bairros de circulação, pois aqui o termo é utilizado para designar todo tipo de informação sobre a política nacional e, principalmente, sobre partidos políticos. Observando o gráfico 3.18, é possível identificar os subtemas mais recorrentes para *política*.

Partido foi o subtema mais abordado, com 43 inserções, o que representa mais de 60% dos 70 itens processados para o tema. Em dezembro de 1979, a lei nº 6.767, eliminou o bipartidarismo, ao extinguir os partidos existentes – Arena (Aliança Renovadora Nacional), de apoio ao governo e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), de oposição – e ao restabelecer o pluripartidarismo. Antes mesmo da publicação da lei o *Jornal dos Bairros*, já anunciava a mudança na vida política do país. Em sua edição de setembro de 1979, o jornal informa sobre as futuras mudanças, como a extinção da Arena e do MDB e as novas regras para a formação de partidos políticos. Além disso, a publicação aproveitava para informar sobre o desejo de sindicatos, associações de bairros e comunidades de base em criar um partido no qual o povo tivesse vez, voz e participasse das decisões¹⁶⁸. Esse desejo reflete uma nova atitude que uma parcela significativa de lideranças sindicais e dos movimentos sociais assumem de se posicionarem no cenário político brasileiro, por meio de um partido por eles construído. Dessa maneira, o jornal corrobora essa postura e começa a participar efetivamente da criação do Partido dos Trabalhadores.

¹⁶⁸ Novos partidos serão criados ainda este ano. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 77, p. 5, 28 set. a 11 out. 1979.

Gráfico 3.18 – Número de vezes em que aparecem os subtemas de *política*

Fonte: Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 a dezembro 1981.

Diante de tudo que foi exposto, ao analisar os temas mais recorrentes do jornal e da apresentação das novas temáticas abordadas em seus anos finais, é possível afirmar que houve uma mudança em sua linha editorial. Essa nova política editorial adotada pelo *Jornal dos Bairros*, nos últimos anos de sua circulação, como a maior relevância dada aos assuntos de interesse nacional, o início de seu envolvimento partidário, a redução na abordagem de temáticas locais, juntamente com um novo contexto social de maior organização sindical e de associações de bairros pode ajudar a explicar o fim da publicação. Para saber se esta afirmação é correta, será necessário um próximo passo para lançar mais luzes sobre as razões que levaram ao fim do *Jornal dos Bairros*.

Considerações Finais

Ao analisar os temas de maior destaque – *trabalho, infra-estrutura, associação, transporte e habitação*, publicados no *Jornal dos Bairros*, chamam a atenção duas alterações pelas quais o jornal passou, ao longo dos anos. Em primeiro lugar, destaca-se a constatação de que a publicação, criada para retratar o cotidiano e os problemas dos moradores dos bairros de circulação do jornal, com o tempo, começou a abrir espaço em suas edições para assuntos de interesse geral como exemplo, o movimento sindical em outros estados, a luta pela anistia política e a formação de partidos políticos. Em segundo lugar, é importante destacar a redução no número de informações (veiculadas nos últimos anos da publicação) nas seções que estavam diretamente ligadas ao envolvimento do leitor com o jornal – *Cartas/Leitores* e *Notas e Reclamações*. Tal procedimento funcionava da seguinte maneira: enquanto em *Notas e Reclamações* a população fornecia a informação, um jornalista conferia o que foi repassado e produzia a matéria; já na seção *Cartas/Leitores* não havia uma confirmação do que foi recebido, simplesmente era publicada a carta enviada pelo leitor com a assinatura de seu nome - ele era o responsável pela informação.

Para compreender as mudanças pelas quais o jornal passou foi preciso, primeiramente, ressaltar os princípios que nortearam a sua criação e as tensões que existiram ali dentro.

O jornal foi criado quando setores da esquerda brasileira passavam por um processo de revisão dos caminhos traçados, pela própria esquerda, após o golpe de 1964 e pela busca de novas alternativas de oposição ao governo militar. Esse momento de reflexão e de busca de alternativas contribuiu para que alguns membros desses setores da esquerda vissem na criação de um jornal que desse voz aos trabalhadores, configurando-se, assim, uma oportunidade da publicação de se aproximar de setores populares da sociedade. É com essa perspectiva que o *Jornal dos Bairros* começou, em 1976, a circular na região industrial de Belo Horizonte, Contagem, Betim e Ibirité.

Na busca desse novo caminho de oposição ao governo e de aproximação com os trabalhadores, alguns membros fundadores do *Jornal dos Bairros* procuraram

criar princípios que norteariam a publicação de modo a afastá-la de uma possível identificação com certa tradição política da esquerda que eles queriam abandonar. Diante disso, nenhum colaborador do jornal poderia continuar ligado a organizações de esquerda. Isso porque não havia interesse em associar a imagem do periódico a qualquer grupo. Tal procedimento tratava-se de uma ação independente ¹⁶⁹. A esquerda tradicional era vista, por alguns membros do jornal, como doutrinária, como aquela que trazia receitas prontas para as camadas populares e não era essa ideia que se tinha para o jornal ¹⁷⁰. A ideia era de que o periódico não deveria intervir na vida de seus leitores. Ele deveria permitir que estes avançassem de forma autônoma, deveria ainda mobilizar-se junto com a população permitindo que eles avançassem com suas próprias experiências; deveria ser “apenas” a voz daquelas pessoas ¹⁷¹.

No entanto, essa não era uma visão unânime dentro do jornal. Alguns colaboradores acreditavam que ele deveria avançar nas discussões. Para tal, era preciso politizar mais as questões apresentadas. Por exemplo, não bastava dizer que para combater a verminose era preciso lavar as mãos: era preciso mostrar que a verminose é mais frequente entre a população pobre, porque não existe rede de esgoto e não é interesse dos governantes atender a essa população e tal abandono é uma opção político-ideológica ¹⁷².

Esses pontos de tensões internas podem ajudar a explicar as transformações sofridas pelo periódico, a partir de uma revisão de seu próprio papel. Contudo, as razões para essas transformações no perfil do jornal não podem ser buscadas apenas analisando a dinâmica interna do periódico. Diante do que foi exposto nesta dissertação, é possível estabelecer uma relação entre as mudanças pelas quais passava o jornal e o que acontecia no país.

Como mencionado no primeiro capítulo desta dissertação, a partir de 1974, com o governo do general Ernesto Geisel (1974-1979), o país iniciou um processo de abertura política. Esta configurou-se como um caminho lento, com confrontos políticos entre setores civis e militares que apresentavam visões diferentes quanto a

¹⁶⁹ Cf. entrevista com Sálvio Humberto Penna a D.L. Belo Horizonte, 18 de julho 2010.

¹⁷⁰ Cf. entrevista com Marílio Malaguth a D.L. Belo Horizonte, 29 de julho 2010.

¹⁷¹ Cf. entrevista com Nilmário Miranda a D.L. Belo Horizonte, 29 de julho 2010.

¹⁷² Cf. entrevista com Marílio Malaguth Mendonça a D.L. Belo Horizonte, 27 de julho 2010.

essa abertura, o que acabou ocasionando um processo caracterizado por avanços e recuos. No final do governo Geisel, houve a revogação do AI-5, fato que exigiu do presidente seguinte – João Batista Figueiredo (1979-1985) – mais habilidade política do que capacidade coercitiva (o que não quer dizer que tenha sido um caminho tranquilo, sem atropelos e retrocessos). Apesar das dificuldades, outras medidas liberalizantes foram tomadas como, por exemplo, a lei de anistia e o fim do bipartidarismo. Todas essas medidas alteraram a dinâmica política do país e, conseqüentemente, contribuíram para transformar a dinâmica interna do *Jornal dos Bairros*.

Apesar de o jornal ter sido fundado em 1976, durante o governo Geisel e estar inserido na sua política liberalizante, esta, como mencionado, ainda era muito incerta, pois havia vários momentos de retrocessos. Assim, é possível compreender porque havia uma preocupação muito grande por parte dos membros do jornal de não se envolver em questões que poderiam significar um enfrentamento com o governo. Essa tentativa de manter relativa neutralidade acabou contribuindo para que o periódico nunca sofresse uma ação de censura e ataque à sua redação. A exceção, todavia, foi num 1º de maio de 1979 quando ele foi invadido e teve sua redação depredada, mas não se sabe por quem.

À medida que a abertura política avançava, o jornal ia percebendo que era o momento de acompanhar essa conjuntura. Ele, portanto, começou a publicar matérias de caráter mais geral, como o movimento contra a carestia, a luta pela anistia e a formação de novos partidos. A mudança da linha editorial do jornal está em consonância com o momento político vivido no Brasil, representado pela revogação do AI-5, pela lei de anistia, pelo fim do bipartidarismo ¹⁷³. Essas mudanças que ocorreram na política nacional não trouxeram reflexos apenas para o *Jornal dos Bairros*, mas para a sociedade como um todo. No final dos anos de 1970, cresceram os movimentos sociais no país (tanto a organização de moradores de bairros como o movimento operário). Com isso, a população conquistou novos espaços para atuar.

Essas mudanças permitiram ao jornal trazer para seu público-leitor questões de cunho mais geral, temáticas que anunciavam a mobilização da sociedade brasileira em prol de lutas para melhoria de suas vidas e do próprio país. Pode

¹⁷³ Referiu-se apenas as medidas liberalizantes que fizeram parte de matérias publicadas pelo jornal.

parecer que essa nova postura tenha trazido certo distanciamento entre o jornal e seu público; afinal, à medida que esse tipo de matéria ganhava destaque, seções que permitiam uma aproximação com o leitor, como *Notas e Reclamações* e *Cartas/Leitores*, perdiam espaço. Na verdade, isso aconteceu não porque a população deixou de se interessar pelos problemas de seu bairro, mas porque com todas as mudanças de contexto ela encontrou outros espaços para fazer valer sua voz.

Ao final dos anos 1970, os sindicatos estavam mais organizados, tanto no Brasil quanto, especificamente, na região metropolitana de Belo Horizonte. Alguns desses, inclusive, graças às assessorias prestadas pelo *Jornal dos Bairros*, conseguiram criar seus próprios jornais ¹⁷⁴. As associações de moradores também estavam mais organizadas e, cada vez mais, contavam com maior participação da população, basta lembrar do número de associações de moradores de bairros criadas em Belo Horizonte, entre 1974 e 1980, como foi abordado no capítulo 1, desta dissertação.

A grande questão que se coloca diante de todo esse novo contexto é se haveria espaço para a permanência de uma publicação como o *Jornal dos Bairros*. Afinal, com o abrandamento da censura, a grande imprensa começou a ter mais liberdade para publicar matérias sobre as tensões políticas e sobre os movimentos sociais que surgiam pelo país. Além disso, esse mesmo tipo de imprensa percebeu a força que os movimentos de bairros ganhavam e começou a ter editorias específicas para tratar dos temas que afligiam essa parcela da população ¹⁷⁵.

O fim do jornal está ligado a um esgotamento do modelo. As organizações populares começaram a ter os seus próprios instrumentos e veículos de comunicação e a grande imprensa começava a ter espaço para divulgar temas de oposição ao governo e de apoio aos movimentos sociais, não haveria mais razão para que ele continuasse a existir. A unidade interna do jornal também começava a se romper, já que muitos colaboradores não tinham mais tanta disponibilidade para se dedicar a um trabalho voluntário e precisavam de tempo para exercer suas atividades profissionais ¹⁷⁶.

¹⁷⁴ Cf. entrevista com Nilmário Miranda a D.L. Belo Horizonte, 29 de julho 2010.

¹⁷⁵ Cf. entrevista com Nilmário Miranda a D.L. Belo Horizonte, 29 de julho 2010.

¹⁷⁶ Cf. entrevista com Stael Luiza Rocha de Santana a D.L. Belo Horizonte, 21 de julho 2010.

Para ex-colaboradores, o jornal teve uma contribuição muito importante: o periódico participou e colaborou na organização de movimentos sociais nos bairros pelos quais circulava e contribuiu com a formação de quadros políticos locais. Além disso, foi uma grande escola para seus próprios colaboradores. Ali, eles aprenderam uma nova forma de fazer política, não doutrinária e mais participativa¹⁷⁷.

É notório então que o jornal deu significativa contribuição num momento importante da história do país. Ele ajudou a registrar o cotidiano de setores da sociedade que, sem ele, não estaria registrado em nenhum outro local. E o que esta dissertação fez foi mapear o jornal, por meio das matérias veiculadas por ele, para compreender a própria publicação e o contexto no qual ela estava inserida.

Ainda há muito mais a investigar, como exemplo, a recepção do jornal junto a seus leitores, a sua contribuição efetiva na organização dos movimentos sociais entre outras. Mas essas são questões que ficarão para os próximos interessados em resgatar mais um aspecto de parte da História do Brasil.

¹⁷⁷ Cf. entrevista com Maria Beatriz Ramos de Vasconcellos Coelho a D.L. Belo Horizonte, 28 de julho 2010.

FONTES

JORNAL

Coleção *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n^{os} 0 ao 109, de setembro 1976 à dezembro 1981.

ENTREVISTAS

PENNA, Sálvio Humberto, Belo Horizonte, 18/07/2010. Entrevista concedida a Daniela Lacerda de Almeida.

SANTANA, Stael Luiza Rocha de, Belo Horizonte, 21/07/2010. Entrevista concedida a Daniela Lacerda de Almeida.

MARTINS, Edson Fernandes, Belo Horizonte, 26/07/2010. Entrevista concedida a Daniela Lacerda de Almeida.

MENDONÇA, Marílio Malaguth, Belo Horizonte, 27/07/2010. Entrevista concedida a Daniela Lacerda de Almeida.

COELHO, Maria Beatriz Ramos de Vasconcellos, Belo Horizonte, 28/07/2010. Entrevista concedida a Daniela Lacerda de Almeida.

MIRANDA, Nilmário, Belo Horizonte, 29/07/2010. Entrevista concedida a Daniela Lacerda de Almeida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru: EDUSC, 2004.

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.

ARAÚJO, M. Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. In: NEVES, Lucia Maria Bastos das; MOREL, Marcos (orgs.). *História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos*. Anais do Colóquio. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre, SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editora Estampa, 1998. p. 349-363.

BRUM, Juliana de. A hipótese do agenda setting: estudos e perspectivas. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n35/jbrum.html>> Acesso em 30/07/2010.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. *A escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: UNESP, 1991.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

_____; PRADO, Maria L. *Bravo Matutino – imprensa e ideologia: O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARNEIRO, M. Luisa Tucci (org.). *Minorias silenciadas: História da censura no Brasil*. São Paulo: Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

CARONE, Edgar. *Movimento Operário no Brasil (1964-1984)*. São Paulo: Difel, 1984. (Série Corpo e Alma do Brasil).

CASTRO, Celso; D'ARAÚJO, M. Celina (orgs.). *Dossiê Geisel*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

- DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas. História e Culturas Políticas definições, usos e genealogias. In: *Vária História*. Belo Horizonte, n° 28, 2002, pp.13-29.
- FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro F., VINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.61-89.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, L. Almeida Neves. (orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano v. 4).
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.
- FICO, Carlos. *Além do Golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- FONTANA, Josep. A crise de 1989. In: *A história dos homens*. Bauru: Edusc, 2004. p. 413-438.
- FRANCESCHINI, Felipe. Notícia e reportagem: sutis diferenças. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 22, p. 144-155, jan/jun 2004.
- GASPARI, HOLLANDA & VENTURA. *70/80 – Cultura em trânsito: da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. São Paulo: Bertrand-Brasil, 1989.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e luta pela moradia*. São Paulo: Loyola, 1991.
- _____, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 6ªed. São Paulo: Loyola, 2007.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1987.
- JACOBI, Pedro. *Movimentos sociais e políticas públicas: demandas por saneamento básico e saúde – São Paulo, 1974-84*. 2ª. ed. São Paulo : Cortez, 1993.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: EDUSP, 2003.

_____. *Abertura: a história de uma crise*. São Paulo: Brasil Debates, 1982.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda – jornalistas e censores. Do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boi Tempo, 2004.

KUSCHNIR, Karina, CARNEIRO, Leandro Piquet. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 227-250, 1999.

MAFFESOLI, Michel. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. p.111-153.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS FILHO, J. Roberto. *O palácio e a caserna: a dinâmica militar das crises políticas na ditadura (1964-1984)*. São Carlos: UDUFSCar, 1995.

MIRANDA, Nilmário; TIBÚRCIO, Carlos. *Dos filhos deste solo - Mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*. São Paulo: Boitempo Editorial/Editora da Fundação Perseu Abramo, 1999.

MORIN, Violette. *Aplicação de um método de análise da imprensa*. 1960 (mimeo).

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política. In: *Anais do X Encontro Regional de História*, 1996, p.83-91.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e velhos sindicalismos: Rio de Janeiro (1955-1988)*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

OLIVEIRA, Eliézer Rizzo. *De Geisel a Collor: Forças Armadas, transição e democracia*. Campinas: Papirus, 1994.

PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a invenção da história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REIS, Daniel A.; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. São Paulo: Edusc, 2004.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RIDENTE, Marcelo. *O fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo: UNESP, 1994.

ROLLEMBERG, Denise. “*Debate no exílio: em busca de renovação*”. Marcelo Ridenti; Daniel Aarão Reis Filho (Orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Partidos e movimentos após os anos 1960. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, v. 6, p. 291-339.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAMARRIBA, M^a das Mercês G.; VALADARES, M^a Gezica; AFONSO, Mariza Rezende. *Lutas Urbanas em Belo Horizonte*. Petrópolis: Vozes, 1984.

SIRKIS, Alfredo. *Os carbonários*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOARES, Gláucio Ary Dillon; D’ARAUJO, M. Celina; CASTRO, Celso (org). *A memória militar sobre a abertura*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. *Censura no Regime Militar e militarização das artes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TOLEDO, Caio Navarro de. *1964: visões críticas do golpe. Democracia e reformas no populismo*. Campinas: Unicamp, 1997.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.

VALLE, Maria Ribeiro do. *1968: o diálogo é a violência – movimento estudantil e ditadura militar no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2008.

WEFFORT, Francisco Correa. *Classes populares e política: contribuição ao estudo do “populismo”*. São Paulo, 1968. Tese (Doutoramento em Política). Universidade de São Paulo.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 6^a ed., Lisboa: Presença, 2002.